

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS - EsAO

Cap Cav ARMANDO JOSÉ CRESCENCIO JÚNIOR

**O EMPREGO DOS ESQUADRÕES DE FUZILEIROS
MECANIZADOS DE FORÇA DE PAZ NO HAITI:
CONTRIBUIÇÕES PARA A TROPA MECANIZADA**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais,
como requisito parcial para a obtenção do
Grau de Mestre em Operações Militares.

Aprovado em: 25 de Setembro de 2013

BANCA EXAMINADORA

Cel LUIZ CARLOS ENES DE OLIVEIRA
Presidente

Cel CARLOS ALBERTO LINS REIS
1º Membro

Cel JÚLIO CÉSAR DE SALES
2º Membro

À minha esposa e filha, uma singela homenagem como reconhecimento pela paciência e compreensão demonstradas durante a confecção do presente trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Cel Júlio Cesar Sales, meu orientador, meus sinceros agradecimentos pela orientação firme e objetiva na realização deste trabalho.

Aos meus pais Armando José Crescencio e Sônia Maria Moreira Crescencio, pelo amor com que me conceberam e educaram, pelo apoio, incentivo e estímulo na busca dos meus sonhos.

A minha amada esposa Raquel Siqueira Alcântara Crescencio e minha amada filha Maria Alice pela compreensão, apoio e companheirismo nos momentos em que este trabalho foi priorizado.

A todos os companheiros de farda que se voluntariaram em participar deste estudo, abdicando de boa parte do seu tempo para colaborar com o desenvolvimento da presente pesquisa.

A todo soldado brasileiro que serviu ou servirá em prol da paz do mundo.

**O EMPREGO DOS ESQUADRÕES DE FUZILEIROS MECANIZADOS DE FORÇA DE PAZ NO HAITI:
CONTRIBUIÇÕES PARA A TROPA MECANIZADA**

Armando José Crescencio Júnior

Resumo: Em 2004, o Brasil assumiu a liderança militar da missão das nações unidas para a estabilização do Haiti (MINUSTAH), enviando um efetivo de mais de 1.200 militares para compor o Batalhão Brasileiro de Força de Paz (BRABAT), constituído por três Companhias de Fuzileiros, uma Companhia de Comando e Apoio, um Grupamento Operativo do Corpo de Fuzileiros Navais e o Esquadrão de Fuzileiros Mecanizados (Esqd Fuz Mec F Paz), constituindo o maior engajamento em operações de paz na história das Forças Armadas brasileiras. O Esqd Fuz Mec F Paz se tornou uma fração singular para o Exército Brasileiro, em função de sua composição de meios distinta de qualquer tropa de Cavalaria do Exército. Concebido para operar como força de choque do BRABAT, participou ativamente do processo de pacificação do Haiti, atuando em toda a área de operações sob a responsabilidade da tropa brasileira. Neste sentido, o presente estudo teve por objetivo integrar o histórico da participação dos 11 primeiros contingentes do Esqd Fuz Mec F Paz e as informações científicas relevantes e atualizadas, a fim de fornecer subsídios para a melhor compreensão sobre os reflexos do emprego do Esqd Fuz Mec F Paz nas contribuições para a tropa mecanizada. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada em publicações de autores de reconhecida importância no meio acadêmico e no meio militar. Foram realizados três questionários, sendo o primeiro destinado a oficiais e sargentos que desempenharam funções de comandante de tropa no Haiti; o segundo, para os Oficiais de Operações das Unidades de Cavalaria do Exército Brasileiro, que enviaram tropas para o Haiti; e o terceiro para oficiais superiores que desempenharam funções de comando e planejamento de emprego do Esqd Fuz Mec F Paz. Sendo ainda realizadas duas entrevistas com especialistas em tropa mecanizada e engenharia militar. Os resultados indicam que a participação do Esqd Fuz Mec F Paz contribuiu para a evolução do adestramento das tropas mecanizadas, na capacitação profissional e no desenvolvimento da liderança de seus comandantes de frações, contribuindo, ainda, para a evolução do emprego dos meios blindados e mecanizados em operações internas e de paz.

PALAVRAS CHAVE: Haiti, MINUSTAH, operações de paz e BRABAT.

EL EMPLEO DE LOS ESCUADRONES DE FUSILEROS MECANIZADOS EN LAS FUERZAS DE PAZ:

CONTRIBUCIONES PARA LA TROPA MECANIZADA

Armando José Crescencio Júnior

Resumen: En el año del 2004, Brasil asumió el liderazgo de la misión militar de las naciones unidas para la estabilización en Haití (MINUSTAH), enviando un efectivo de más de 1200 militares para componer el Batallón Brasileiro de Fuerza de Paz (BRABAT), constituido por tres Compañías de Fusileros, una Compañía de Comando y Apoyo, un Agrupamiento Operativo de Fuzileros de la Marina y un Escuadron de Fusileros Mecanizados (Esc Fus Mec F Paz) constituyendose en el mayor esfuerzo en operaciones de paz de la historia de las Fuerzas Militares Brasileiras. El Esc Fus Mec F Paz se convirtió en una tropa singular para el Ejército Brasileiro, debido a su composición diferente de cualquier tropa de Caballería del Ejército. Fue concebido para actuar como fuerza de choque del BRABAT, participo activamente de la pacificación de Haiti, actuando en toda el área de operaciones de responsabilidad de la tropa brasilera. En este sentido, el presente estudio tuvo como objetivo integrar el histórico de la participación de los 11 primeros contingentes de los Esc Fus Mec F Paz y las informaciones científicas más relevantes y actualizadas, para proporcionar herramientas que permitan una mejor comprensión de las ventajas del empleo de los Esc Fus Mec F Paz en las tropas mecanizadas. Se realizó una búsqueda bibliográfica basada en publicaciones de autores de reconocida importancia en el mundo académico y militar. Se realizaron tres cuestionarios, el primero dirigido a los oficiales y suboficiales que sirvieron como comandantes de tropa en Haiti; el segundo, para los oficiales de operaciones de las Unidades de Caballería del Ejército Brasileiro, que enviaron tropas a Haiti; y el tercero, para los oficiales superiores que sirvieron en funciones de comando y planeamiento del empleo del Esc Fuz Mec F Paz. Fueron realizadas también dos entrevistas con expertos en tropas mecanizadas e ingeniería militar. Los resultados indican que la participación del Esc Fuz Mec F Paz contribuyó a la evolución de la formación de las tropas mecanizadas en el desarrollo profesional y del liderazgo de sus comandantes de fracciones, contribuyendo también a la evolución del empleo de los medios blindados y mecanizados en las operaciones internas y de paz.

PALABRAS CLAVE: Haiti, MINUSTAH, operaciones de paz y BRABAT.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Objetivos alcançados pelos primeiros contingentes do BRABAT no Haiti	33
QUADRO 2 - Características das ajudas humanitárias realizadas pela MINUSTAH	40
QUADRO 3 - Comparações das frações mecanizadas nível pelotão	45
QUADRO 4- Definição operacional da variável independente da pesquisa	61
QUADRO 5 - Definição operacional da Variável dependentes da pesquisa	62
QUADRO 6 - Ameaças que exigiram o uso da força letal de acordo com o grupo A92	
QUADRO 7 - Respostas do grupo C com relação ao uso de força letal.	93
QUADRO 8 - Resposta da Amostra C com relação ao uso da Mtr MAG.	96
QUADRO 9 - Resumo dos militares brasileiros feridos no Haiti	97
QUADRO 10 - A adaptação da "Lamina Limpa Trilhos"	101
QUADRO 11 - A adaptação da blindagem adicional para o atirador da MAG	102
QUADRO 12 - A adaptação da proteção balística do motorista da VBTP	104
QUADRO 13 - Colocação de sacos de areia na VBTP Urutu	105
QUADRO 14 - Respostas do grupo C sobre as adaptações nas VBTP Urutu	106
QUADRO 15 - Principais missões realizadas pelo Esqd Fuz Mec F Paz.....	112
QUADRO 16 - Principais missões atribuídas aos Pel Fuz Mec F Paz	113
QUADRO 17 - POP do Esqd Fuz Mec F Paz.....	118
QUADRO 18 - POP das pequenas frações nível Pel e GC.....	120
QUADRO 19 - Contribuições do Esqd Fuz Mec F Paz para a instrução militar	124
QUADRO 20 - Contribuições no emprego dos meios Bld em Operações de GLO .	126
QUADRO 21 - Resultado da entrevista com instrutores do CIBld.....	130
QUADRO 22 - Aplicabilidade dos POP do Esqd Fuz Mec F Paz nas U de Cavalaria	133
QUADRO 23 - Reflexos para instrução de combate em área urbana.....	135
QUADRO 24 - Influência da missão no Haiti para o adestramento da Tropa Mec..	136

QUADRO 25 - Respostas do grupo C para a influência do emprego dos meios BId no Haiti e seus reflexos para as operações de GLO	138
---	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tempo médio das Patrulhas Mecanizadas.....	75
Gráfico 2 - Distância média percorrida pelas VBTP Urutu em uma semana de operações no Haiti.	76
Gráfico 3 - Número de VBTP predominantemente empregadas nas patrulhas mecanizadas.	77
Gráfico 4 - Número de VBTP predominantemente empregadas nas patrulhas mecanizadas expondo a resposta dos participantes do estudo por contingente.....	78
Gráfico 5 - Valor das frações predominantemente empregadas nas patrulhas mecanizadas.	80
Gráfico 6 - Valor das frações predominantemente empregadas nas patrulhas mecanizadas expondo a resposta dos participantes do estudo por contingente.....	80
Gráfico 7 - Oportunidades de uso da força não letal, especificamente com a munição de Cal. 12 com munição de borracha.....	86
Gráfico 8 - Oportunidades em que as frações dos colaboradores fizeram uso de granada de lacrimogêneo ou luz e som.	88
Gráfico 9 - Oportunidades em que as frações dos colaboradores fizeram uso da dissuasão para solucionar pequenas crises.....	89
Gráfico 10 - Oportunidades em que as frações dos colaboradores fizeram uso da força letal.....	90
Gráfico 11 - Oportunidades em que as frações dos colaboradores fizeram uso da força letal, por contingente.	90
Gráfico 12 - Oportunidades em que as frações dos colaboradores fizeram uso da força letal, especificamente, com a Mtr MAG.	94
Gráfico 13 - Oportunidades em que as frações dos colaboradores fizeram uso da força letal, especificamente, com a Mtr MAG, separado por contingente.	95

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Dados do 7º Contingente.....	35
TABELA 2 - Distribuição de frequência do tempo das patrulhas mecanizadas.....	74
TABELA 3 - Km percorridos em uma semana de Operações	76
TABELA 4 - Quantidade de VBTP empregadas.....	77
TABELA 5 - Valor da Tropa empregada nas patrulhas mecanizadas	79
TABELA 6 - Principais finalidades do patrulhamento mecanizado.....	82
TABELA 7 - Oportunidades de utilização da Cal. 12 Mun de borracha.....	86
TABELA 8 - Utilização de granadas de luz e som ou lacrimogênea	87
TABELA 9 - Uso da dissuasão para solução de crises	88
TABELA 10 - Emprego da Força Letal	89
TABELA 11 - Emprego da Mtr MAG.....	94
TABELA 12 - Operações nível SU	110
TABELA 13 - Operações nível U.....	111
TABELA 14 - Dotação de munição não letal de cada GO.....	115
TABELA 15 - Reposta da amostra B sobre as contribuições na instrução militar ...	123
TABELA 16 – Resposta sobre a evolução do emprego de Bld em Op GLO.....	125
TABELA 17 - Adaptações nas VBTP Urutu das U operacionais	127
TABELA 18 - Adoção de POP utilizados no Haiti para U de Cavalaria	133
TABELA 19 - Enriquecimento das instruções de combate em área urbana.....	134
TABELA 20 - Respostas do grupo B quanto as contribuições no adestramento da tropa mecanizado das U de Cavalaria	135
TABELA 21 - Apreciação do grupo B quanto ao destaque do exercício da liderança dos antigos Cmt de frações do Esqd Fuz Mec F Paz.....	141
TABELA 22 - Apreciação do grupo B quanto ao destaque do conhecimento profissional dos antigos Cmt de frações do Esqd Fuz Mec F Paz.....	142

TABELA 23 - Ponto de vista do grupo C quanto a possibilidade do exercício da liderança pelos Cmt frações do BRABAT no Haiti.....	142
TABELA 24 - Ponto de vista do grupo C a capacitação profissional dos Cmt pequenas frações no Haiti.....	143
TABELA 25 - Relação entre as dimensões da Variável Independente e consequências sobre a Variável Dependente	144
TABELA 26 - Correlação entre as implicações das dimensões da Variável Independente sobre a Variável Dependente	145

LISTA DE ABREVIATURAS

ACISO	Ações Cívico Sociais
Adj	Adjunto
AGSP	Arsenal de Guerra de São Paulo
AOR	Área Operacional de Responsabilidade
B I F Paz	Batalhão de Infantaria de Força de Paz
Bda C Bld	Brigada de Cavalaria Blindada
Bda C Mec	Brigada de Cavalaria Mecanizada
Bda Inf Mec	Brigada de Infantaria Mecanizada
Bld	Blindado (a) (s)
BRABAT	Batalhão Brasileiro
Btl	Batalhão
C I Bld	Centro de Instrução de Blindados
CCOPAB	Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil
Cia C Sv	Companhia de Comando e Serviço
Cia Fuz	Companhia de Fuzileiro
CIMIC	Cooperação Civil Militar
CIOPaz	Centro de Instrução de Operações de Paz
Cmdo	Comando
Cmt	Comandante
COTER	Comando de Operações Terrestres
CS	Conselho de Segurança
CTEx	Centro de Tecnologia do Exército
ECEME	Escola de Comando e Estado Maior do Exército
EM	Estado Maior
Esq	Esquadras
Esqd Fuz Mec F Paz	Esquadrão de Fuzileiros Mecanizados de Força de Paz
EUA	Estados Unidos da América
F Adv	Forças Adversas
F Pac	Força de Pacificação
FAL	Fuzil Automático Leve
Frç	Fração

G3	Oficial de Operações do BRABAT
GC	Grupo de Combate
GLO	Garantia da Lei e da Ordem
GO	Grupo Operacional
Gpt Op CFN	Grupamento Operativo do Corpo de Fuzileiros Navais
JORBAT	Batalhão Jordaniano
JTF-H	Força-Tarefa Conjunta no Haiti
MIF	Força Interamericana Multinacional
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti
MIPONUH	Missão da Polícia Civil das Nações Unidas
MRE	Ministério das Relações Exteriores
MSF	Médicos Sem Fronteiras
Mtr	Metralhadora
OM	Organizações Militares
ONG	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
Op Paz	Operações de Paz
OSP	Órgãos de Segurança Pública
PBA	Proteção balística para o atirador
PBCE	Posto de Bloqueio e Controle de Estradas
PBCVU	Posto de Bloqueio e Controle de Vias Urbanas
PBM	Proteção blindada do motorista
PBT	Proteção balística da tropa
PC	Posto de Comando
Pel	Pelotão
Pel C Mec	Pelotão de Cavalaria Mecanizado
Pel Fuz Bld	Pelotão de Fuzileiros Blindados
Pel Fuz Mec	Pelotão de Fuzileiros Mecanizados
PF	Ponto Forte
PNH	Polícia Nacional Haitiana
PO	Ponto de Observação
POP	Procedimentos operacionais padrão
ROE	<i>Rules Of Engagement</i> - Regras de Engajamento
S Cmt	Subcomandante

S3	Oficial de Operações de Unidade
Sgt	Sargento
ST	Subtenente
SU	Subunidade
U	Unidade
Unasul	Nações Sul Americanas
UNMIH	Missão das Nações Unidas no Haiti
UNPOL	Polícia da ONU
UNSMIH	Missão de Apoio da ONU no Haiti
UNTMIH	Missão da ONU de Transição no Haiti
UPP	Unidades de Polícia Pacificadora
USIP	United States Institute of Peace
VBTP	Viatura Blindada de Transporte de Pessoal
Vtr	Viatura

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	17
1.1	PROBLEMA	20
1.2	OBJETIVO	21
1.3	HIPÓTESES	22
1.4	JUSTIFICATIVA	23
2.	REVISÃO DE LITERATURA	26
2.1	OPERAÇÕES DE PAZ	28
2.1.1	Retrospectiva das tropas brasileiras na MINUSTAH	29
2.1.2	O ambiente operacional do Haiti	30
2.1.3	A evolução dos primeiros contingentes	32
2.1.4	A catástrofe natural	36
2.2	O LEGADO DO ESQD FUZ MEC F PAZ	41
2.2.1	A evolução da organização das frações	44
2.2.2	As adaptações do material	45
2.2.3	As missões de patrulha	49
2.3	A MINUSTAH E OS REFLEXOS PARA A TROPA MECANIZADA	50
2.3.1	A ação de choque em ambientes urbanos	50
2.3.2	Aspirações brasileiras na MINUSTAH	52
2.3.3	Do Haiti ao Complexo do Alemão	54
3.	METODOLOGIA	58
3.1	OBJETO FORMAL DE ESTUDO	59
3.2	AMOSTRA	63
3.3	DELINEAMENTO DE PESQUISA	64
3.3.1	Procedimentos para a revisão da literatura	65
3.3.2	Procedimentos metodológicos	66
3.3.3	Instrumentos	67
3.3.4	Análise dos dados	69

4.	RESULTADOS E DISCUSSÕES	70
4.1	AS CARACTERÍSTICAS DAS PATRULHAS MECANIZADAS DO ESQD FUZ MEC F PAZ NO HAITI	71
4.1.1	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura sobre a dimensão das patrulhas mecanizadas	72
4.1.2	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados para a dimensão patrulhas mecanizadas ..	74
4.2	O EMPREGO DA FORÇA PELO ESQD FUZ MEC F PAZ NO HAITI	82
4.2.1	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura para a dimensão emprego da força	82
4.2.2	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados para a dimensão emprego da força	85
4.3	AS ADAPTAÇÕES REALIZADAS NAS VBTP URUTU DO ESQD FUZ MEC F PAZ NO HAITI	98
4.3.1	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura da dimensão adaptações das VBTP	98
4.3.2	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados para a dimensão adaptações das VBTP	99
4.4	AS OPERAÇÕES DO ESQD FUZ MEC F PAZ NO HAITI	107
4.4.1	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura sobre a dimensão emprego do Esqd Fuz Mec em operações	107
4.4.2	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados sobre a dimensão emprego do Esqd Fuz Mec em operações	109
4.5	OS PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS PADRÃO (POP) DO ESQD FUZ MEC F PAZ NO HAITI	114
4.5.1	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura sobre a dimensão POP	114
4.5.2	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados para a dimensão POP	116

4.6	OS REFLEXOS DO EMPREGO DO ESQD FUZ MEC F PAZ PARA O ADESTRAMENTO EM OPERAÇÕES DE GLO	121
4.6.1	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura sobre a dimensão adestramento em Op GLO	121
4.6.2	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados para a dimensão adestramento Op GLO ...	123
4.7	OS REFLEXOS DO EMPREGO DO ESQD FUZ MEC F PAZ PARA A MODERNIZAÇÃO DAS Vtr BLINDADAS DA FORÇA TERRESTRE	126
4.7.1	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura sobre a dimensão modernização das Vtr Bld	127
4.8	DOCTRINA DE EMPREGO DE BLINDADOS EM OP PAZ	130
4.8.1	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura sobre a dimensão doutrina de emprego de Bld em Op paz	131
4.8.2	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados sobre a dimensão doutrina de emprego de Bld em Op paz	132
4.9	REFLEXOS NO APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL DOS ANTIGOS INTEGRANTES DO ESQD FUZ MEC F PAZ	138
4.9.1	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura sobre a dimensão aperfeiçoamento profissional	138
4.9.2	Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados sobre a dimensão aperfeiçoamento profissional	140
4.10	ANÁLISES DAS HIPÓTESES ELENCADAS	143
5	CONCLUSÃO	145
5.1	CARACTERÍSTICAS DO EMPREGO DO ESQD FUZ MEC F PAZ	148
5.2	CONTRIBUIÇÕES PARA A TROPA MECANIZADA	153
5.3	SUGESTÕES	156
	REFERÊNCIAS	157

**APÊNDICE D – QUADRO RESUMO DO EMPREGO DE TROPAS
MECANIZADAS EM RECENTES OPERAÇÕES INTERNAS 163**

**APÊNDICE E – PRINCIPAIS INCIDENTES OCORRIDOS DURANTE O
PATRULHAMENTO MECANIZADO 165**

1. INTRODUÇÃO

A crescente participação das Forças Armadas brasileiras em Operações de Paz, sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU), acompanha a projeção internacional do Brasil como nação economicamente emergente e cada vez mais influente no cenário mundial. Tal panorama conduz as três Forças, Marinha, Exército e Aeronáutica, a estarem constantemente preparadas e atualizadas para enfrentarem os desafios dos diversos tipos de missões de paz, fazendo-se necessário o desenvolvimento de uma doutrina própria, conjunta e modular, capaz de ser adaptada para qualquer eventualidade que o mundo exigir.

Ao final da Primeira Guerra Mundial, antes mesmo da criação da ONU, o Brasil compunha a Liga das Nações, integrando o acordo de paz com a Alemanha. Terminada a Segunda Guerra Mundial, em 1945, o Brasil foi um dos 50 países que participou da criação da ONU, estabelecida por meio da Carta das Nações Unidas, com o propósito de manter a paz mundial (BRASIL, 2007 b).

No cenário internacional, o Brasil tem demonstrando vocação na intermediação de conflitos. O Governo brasileiro tem buscado uma maior inserção na política internacional (BRASIL, 2007 b), com o objetivo de conquistar uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU (MIYAMOTO, 2008).

Recentemente na história do Haiti, muitas foram as intervenções da ONU em busca de soluções para a crise política e social vivida por esta nação caribenha. A primeira delas foi a Missão das Nações Unidas no Haiti (UNMIH) enviada em 3 de julho 1993, que tinha como objetivo a implantação de um Governo provisório e o afastamento das Forças Armadas das decisões políticas do Haiti. A seguinte foi a Missão de Apoio da ONU, no Haiti (UNSMIH), de 1996 a 1997, que tinha como finalidade o apoio ao Governo, a profissionalização da polícia e a manutenção da segurança. Ainda durante o ano de 1997, veio a Missão da ONU de Transição no Haiti (UNTMIH), que tinha como foco a criação e o treinamento da Polícia Nacional Haitiana (PNH). De 1997 a 2000, transcorreu a Missão da Polícia Civil das Nações Unidas (MIPONUH), responsável por acompanhar e orientar os policiais haitianos, acompanhados por policiais da ONU (UN, 2003). Em seguida, sob a resolução 1529 do Conselho de Segurança da ONU, foi criada a Força Interamericana Multinacional (MIF), sob o comando dos Estados Unidos (VIANA, 2009).

Segundo Viana (2009), a Resolução nº 1542, inspirou-se no capítulo VII da

Carta das Nações Unidas, no seu parágrafo 7, indicando um caráter coercitivo da missão, porém, o Governo brasileiro apresentou uma interpretação diferente, entendendo que somente este parágrafo fora baseado no Capítulo VII. Sendo assim, a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH, sigla derivada de *Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti*) foi encarada como uma missão de manutenção da paz (MIYAMOTO, 2008). Esclarecendo o entendimento, o capítulo VII da Carta das Nações Unidas (1945) “trata das ações relativas às ameaças contra a paz, ruptura da paz e atos de agressão, casos em que se faz necessária a imposição da paz, caracterizando um contexto de intervenção” (CIOPAZ, 2006 p. 2), autorizando o emprego de todos os meios para alcançar a paz, inclusive a força das tropas militares.

Quanto ao período que antecedeu o envio de tropas brasileiras ao Haiti, Lessa (2007) apresenta, em tese, diversas opiniões de parlamentares contrárias ao emprego das tropas brasileiras no Haiti, destacando discussões sobre a viabilidade de o Brasil assumir ou não o comando da MINUSTAH. Além de opiniões de antigas lideranças do Ministério das Relações Exteriores (MRE), que apontavam a situação contraditória do Brasil em envidar esforços e recursos para lançar uma força armada para resolver problemas da ordem de segurança pública em outro país, ao mesmo tempo em que vivia os mesmos problemas internamente.

Outro ponto de vista contrário à participação brasileira no Haiti foi do embaixador aposentado do MRE Marcos Henrique Camillo Côrtes, em palestra na ECEME, em 03 de abril de 2006, onde expôs que a participação brasileira na MINUSTAH em nada serviria como garantia à conquista de uma cadeira permanente no Conselho de Segurança (CS) da ONU, visto que países como a China, que já faziam parte do CS, apresentavam inexpressiva participação em operações de manutenção de paz. Assumindo a MINUSTAH o Brasil estaria desonerando países como Estados Unidos, França e Canadá, que possuíam outras prioridades para o seu braço armado, a exemplo da intervenção no Iraque, evitando ainda o ciclo migratório de haitianos para os EUA e Canadá (LESSA, 2007).

Em um primeiro momento, a MINUSTAH foi concebida para ter um efetivo militar de 6.700 homens, somados a 1.622 policiais civis, chegando a um número superior a 14.000 homens, entre forças militares e auxiliares, a partir do terremoto de 2010. Ao contrário do que muitos pensam, cabe ressaltar que o efetivo militar é só um dos componentes da MINUSTAH, responsável por manter a segurança para

que os demais órgãos possam cumprir seus objetivos na esfera política e de direitos humanos. Assim, o Brasil envolveu-se decisivamente na pacificação do Haiti, sendo o líder militar da missão, e conseguindo mobilizar os vizinhos Sul-Americanos que atualmente correspondem a 45% do efetivo militar da MINUSTAH (AGUILAR e MORATORI, 2011).

Segundo Lessa (2007), o Itamaraty enxergava na MINUSTAH uma oportunidade para consolidação de um diálogo político, com respeito à soberania, evitando a eclosão de novos confrontos e demais vítimas, buscando a reconstrução democrática do Haiti ao encontro da Carta Interamericana, em busca de democracia, essencial para o desenvolvimento social, político e econômico dos povos das Américas. “Contrapondo-se aos argumentos de que a missão é muito dispendiosa para o Brasil, o MRE destaca que os custos do envio de contingentes militares, no contexto de operações de paz, são objeto de reembolso pelas Nações Unidas [...]” (LESSA, 2007 p. 62).

No final do primeiro semestre de 2004, o Brasil aceitou comandar as forças militares e enviar 1.200 militares para as operações de paz no Haiti (SEITENFUS, 2006). O Batalhão Brasileiro (BRABAT, assim denominado em função da abreviatura da palavra no idioma inglês *Brazilian Battalion*) ou Batalhão de Infantaria de Força de Paz (B I F Paz) foi concebido como uma Unidade (U) quaternária (com quatro peças de manobra) acrescido de um Grupamento Operativo do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) da Marinha do Brasil, no mesmo valor de uma Companhia, além de uma Companhia de Engenharia de Construção, diretamente subordinada à MINUSTAH. As peças de manobra eram constituídas por três Companhias de Fuzileiros de Força de Paz (1^a, 2^a e 3^a Cia Fuz F Paz) e o 4^o Esquadrão de Fuzileiros Mecanizados de Força de Paz (Esqd Fuz Mec F Paz), além da Companhia de Comando e Serviço (PEIXOTO, 2009).

Os ensinamentos colhidos pelo Brasil nesses nove anos à frente da MINUSTAH são notórios, na política e nas relações internacionais. Segundo Miyamoto (2008), as tropas brasileiras conseguiram angariar a simpatia da população haitiana, muito pela identificação entre culturas e o gosto pelo futebol. De acordo com Viana (2009), o Brasil desenvolveu no Haiti o *Soft Power*¹, uma maneira de convencer o Governo haitiano, a população haitiana e os demais integrantes da

¹ *Soft Power* – Expressão usada para caracterizar o poder de influência do Brasil em convencer os demais envolvidos na MINUSTAH em aderir às intenções do Brasil, como sendo um poder brando.

MINUSTAH a terem aspirações comuns.

No campo militar, a MINUSTAH parece uma ótima oportunidade para testar as tropas brasileiras em um teatro de conflito, visto que, atualmente, as chances do Brasil entrar em uma guerra são remotas (CAVALCANTE, 2009), sendo também uma oportunidade de dissuasão e projeção de poder, apresentando às demais nações da missão, as qualidades e potencialidades do Exército Brasileiro.

Em virtude das peculiaridades da missão e dos meios mecanizados disponíveis, o Esqd Fuz Mec F Paz tornou-se uma subunidade singular no âmbito do Exército Brasileiro. O ambiente operacional haitiano exigiu adaptações diferentes da doutrina convencional, bem como da dotação de seus meios, criando uma oportunidade ímpar para o estudo do planejamento do emprego dos meios blindados em operações urbanas (PEIXOTO, 2009).

1.1 PROBLEMA

Com o propósito de elaborar-se um trabalho fundamentado de acordo com a metodologia científica, que tenha utilidade para o Exército Brasileiro, faz-se necessária a elaboração de um problema para o qual será buscada uma das possíveis soluções. Isto posto, será apresentado, a seguir, como se chegou à definição deste problema.

Na literatura atual existem diversas publicações que tratam da presença brasileira no Haiti, à frente da MINUSTAH. A maioria apresenta uma abordagem na área política e estratégica, por meio de críticas ou considerações a respeito da presença da ONU no Haiti, carecendo de fontes que abordem o emprego de nossas tropas, fundamentadas em relatos sobre as situações que os efetivos militares enfrentaram, cada um com suas peculiaridades, exigindo dos comandantes, em todos os níveis, as adaptações necessárias frente a novos desafios.

Já as publicações que abordam boas práticas quanto ao emprego de tropa em operações de paz como a MINUSTAH no Haiti, são raras. Principalmente no que se refere ao emprego de meios blindados, a exemplo do Esqd Fuz Mec F Paz inserido no Batalhão de Infantaria de Força de Paz, tropa esta que fora mais exigida entre 2004 a 2007, a partir de quando os meios mecanizados foram menos empregados, em princípio pela mudança no comportamento do emprego da tropa da

ONU em Porto Príncipe.

Em que medida os ensinamentos colhidos pelos militares que estiveram em função de comando do Esqd Fuz Mec F Paz podem contribuir para o aprimoramento do emprego dos meios mecanizados do Exército Brasileiro?

A participação do Esqd Fuz Mec F Paz trouxe inovações à tropa mecanizada, fruto das experiências vivenciadas na MINUSTAH? Ou será que esse aprendizado, na prática, não foi propagado, ficando limitado somente ao conhecimento dos militares que lá estiveram, podendo cair no esquecimento em pouco tempo? A existência de um Esquadrão Mecanizado é uma realidade nas tropas brasileiras de força de paz no Haiti, apesar da ONU prever somente um Batalhão de Infantaria para as tropas de Paz (ONU, 2012).

1.2 OBJETIVO

Ao abordar o emprego do Esqd Fuz Mec F Paz, desde a criação da MINUSTAH até o terremoto de 12 de janeiro de 2010, fato que modificou totalmente a característica dessa missão da paz, o presente trabalho teve por finalidade analisar os ensinamentos e experiências vivenciadas pelos militares que integram ou participaram das ações de emprego, até o 11º Contingente, do Exército Brasileiro, que integraram os Esqd Fuz Mec F Paz, a fim de reunir o rol de ensinamentos colhidos, que possam contribuir para a evolução do emprego da tropa mecanizada.

Com a finalidade de atingir o objetivo geral da presente pesquisa, foram elencados os seguintes objetivos específicos abaixo relacionados, que viabilizarão o entendimento claro do pressuposto no presente estudo:

a. Registrar as experiências dos militares que exerceram funções de comando das pequenas frações, tais como Cmt Pel (comandante de pelotão), Adj Pel (adjunto de pelotão) e Cmt GC (comandante de Grupo de combate), dentro do Esqd Fuz Mec F Paz, até o 11º Contingente.

b. Examinar o perfil desses comandantes de pequenas frações, conforme apreciações de Oficiais de Operações (S3) das Unidades de Cavalaria do Exército Brasileiro, quanto as características desse universo e suas possíveis contribuições para da tropa mecanizada.

c. Demonstrar as percepções quanto ao emprego do Esqd Fuz Mec F Paz por

parte dos antigos comandantes do BRABAT, Oficiais de Operações e auxiliares (G3) do BRABAT e comandantes (Cmt) e subcomandantes (S Cmt) de Esqd, que atuaram até o 11º Contingente.

d. Verificar se a atuação do Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti contribuiu para a recente utilização de meios mecanizados e blindados em Operações Internas, em conjunto com Órgãos de Segurança Pública (OSP), relacionando os possíveis procedimentos do emprego, que possam ser aproveitados em Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), Combate Urbano e Operações de Paz, concluindo sobre os ensinamentos advindos do emprego da tropa mecanizada do Exército Brasileiro na MINUSTAH, no complexo laboratório de tropas, proporcionado pelas peculiaridades da missão no Haiti.

e. Propor um Caderno de Instrução sobre o “Esqd Fuz Mec F Paz – SU Bld do Btl Inf F Paz”.

1.3 HIPÓTESES

Supondo que a atuação do Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti proporcionou uma oportunidade de desenvolvimento de boas práticas² pelas pequenas frações, até então não documentadas e formalmente divulgadas, proporcionando diversas contribuições para o emprego da tropa mecanizada, foram elaboradas hipóteses apresentadas a seguir na sua forma nula (H0) e alternativa (H1) respectivamente:

H0 – A atuação do Esqd Fuz Mec F Paz, nos onze (11) primeiros contingentes no Haiti não trouxe resultados significativos para o aperfeiçoamento profissional de seus antigos integrantes, e tão pouco para a evolução do emprego da tropa mecanizada, particularmente em operações internas.

H1 – A atuação do Esqd Fuz Mec F Paz, nos onze (11) primeiros contingentes no Haiti trouxe resultados significativos para o aperfeiçoamento profissional de seus antigos integrantes e para a evolução do emprego da tropa mecanizada, particularmente em operações internas.

² Boas práticas – conjunto de ensinamentos e lições aprendidas durante a execução de atividades diversas.

1.4 JUSTIFICATIVA

As experiências vivenciadas pelos comandantes em todos os níveis nos primeiros contingentes do Esqd Fuz Mec F Paz, entre os anos de 2004 e 2010, estão presentes nas memórias dos então Tenentes, hoje Capitães, dos então 2º e 3º Sargentos (Sgt), hoje 1º Sgt e Subtenentes (ST), antigos comandantes das pequenas frações, e poucos privilegiados Oficiais Superiores que tiveram a oportunidade de comandar o Esqd Fuz Mec F Paz, seja como Cmt ou S Cmt SU, Oficial de Operações (G3), ou mesmo Cmt e S Cmt de BRABAT.

Provavelmente esses ensinamentos sejam transmitidos em conversas informais entre antigos integrantes do Esqd Fuz Mec F Paz e demais colegas, ou em poucas instruções nos corpos de tropa ministradas sobre o assunto.

As ações de emprego de tropa em operações de paz, atualmente para o Exército Brasileiro, são preferencialmente apreciadas dentro do ambiente operacional urbano, fruto do contexto vivenciado pelas tropas brasileiras no Haiti, no qual se faz presente o contato com elementos das forças adversas³ (F Adv).

Atualmente, cada contingente é muito bem preparado por meio do reconhecido trabalho desenvolvido pelo Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB) tomando como base os acontecimentos diários em solo haitiano. Porém, os acontecimentos naquele país sofrem evoluções constantes, o que torna cada contingente peculiar, exigindo constantes adaptações por parte dos Estados Maiores (EM) das tropas brasileiras. Fato que reforça a necessidade de se documentar as boas práticas evidenciadas, desde o nível das pequenas frações, e em especial do Esqd Fuz Mec F Paz, evitando que valiosos conhecimentos se percam e permitindo uma grande capilaridade desse tema, nas escolas de formação de nosso Exército.

A missão do Haiti não durará para sempre, como afirmou o ministro da Defesa Celso Amorim, durante a reunião das Nações Sul Americanas (Unasul) realizada em Montevideu, em setembro de 2011, dizendo que a MINUSTAH não poderá “permanecer eternamente” no Haiti, muito menos retirar, de maneira irresponsável, as tropas da Ilha Caribenha (FIGUEIREDO, 2011).

O registro da participação do Exército Brasileiro no comando do Braço

³ Forças Adversas – Pessoas, grupo de pessoas ou organizações cuja atuação comprometa o pleno funcionamento do estado democrático de direito, a paz social e a ordem pública.

Armado da MINUSTAH é fundamental, pois materializa um momento positivo da Força, apresentando-se com uma oportunidade de divulgação e dissuasão internacional da capacidade de emprego dos meios disponíveis e, principalmente, expor a capacidade de adaptação e criatividade de seus Oficiais e Praças, perante os diários desafios que o ambiente conturbado e inóspito do Haiti apresenta.

A forma de atuação das pequenas frações em operações de paz é um tema restrito e peculiar à cada força armada, não sendo amplamente debatido pelos membros das Nações Unidas. Os reflexos da atuação da tropa são debatidos por meio de uma abordagem política, tendo como foco preferencial os resultados e benefícios no campo da segurança, ajuda humanitária e a viabilização da paz. Já a literatura sobre a forma de atuação das pequenas frações é rara. Como os soldados trabalham para alcançar a tão almejada paz? Como os guetos de *Cité Soleil*, *Cité Militaire* e *Bel Air*, principais redutos de criminosos da capital haitiana foram pacificados? O que e como fizeram esses soldados brasileiros?

Com a finalidade de consolidar as boas práticas realizadas pelos Esqd Fuz Mec F Paz , quanto ao emprego dos meios blindados, este trabalho teve por finalidade analisar os ensinamentos e experiências vivenciadas pelos militares que integram ou participaram das ações de emprego, até o 11º Contingente, do Exército Brasileiro, que integraram os Esqd Fuz Mec F Paz, a fim de reunir o rol de ensinamentos colhidos, que possam contribuir para a evolução do emprego da tropa mecanizada.

No que se refere ao emprego da tropa mecanizada, a análise desse estudo servirá para reflexões quanto à viabilidade do emprego desses meios em operações internas, nas quais as Forças Armadas vêm sendo frequentemente questionadas pela opinião pública.

O presente trabalho pretende ampliar o registro histórico sobre a participação da Tropa Brasileira em operações de paz e em particular sobre o emprego do Esqd Fuz Mec F Paz até o 11º Contingente, podendo servir de subsídio para os futuros integrantes das diversas tropas mecanizadas em operações de paz.

Pretende ainda, apresentar lições aprendidas e a disseminação de boas práticas pelo Esqd Fuz Mec F Paz, contribuindo para a melhoria da instrução militar, adestramento e emprego da tropa mecanizada. Em se confirmando as expectativas da presente pesquisa, essa poderá servir de embasamento teórico aos futuros estudos nesse campo de pesquisa.

Assim, a relevância desse trabalho está no seu valor histórico, técnico e de procedimentos operacionais no nível tático, fruto das experiências das tropas brasileiras mecanizadas na MINUSTAH.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O estudo do emprego do Esqd Fuz Mec F Paz desperta interesse devido às características dos meios e da missão de paz no Haiti. Esta tropa tornou-se singular no âmbito do Exército Brasileiro, em virtude das frações de Cavalaria apresentarem uma doutrina diferente da convencional, bem como a dotação de meios, o que vem proporcionando oportunidades para o aperfeiçoamento do estudo e planejamento do emprego de blindados em ambientes urbanos (PEIXOTO, 2009).

Para Santos (2007), a experiência na MINUSTAH tem sido uma oportunidade para adestrar nossas tropas mecanizadas, permitindo o exercício do comando e da liderança dos tenentes Cmt Pel e dos Sgt Cmt GC, em prol da paz. “As preciosas lições aprendidas em solo haitiano certamente serão empregadas para melhorar os padrões operacionais das pequenas frações blindadas e mecanizadas do Exército Brasileiro” (SANTOS, 2007 p. 58).

Segundo Lessa (2007), os ensinamentos da missão brasileira no Haiti são inúmeros, porém destaca-se o prestígio internacional da atuação da tropa brasileira em missões de manutenção da paz. Os conhecimentos obtidos pelo contato com outros exércitos, a continuidade da preparação de novos efetivos para a MINUSTAH, haja vista que os rodízios dos contingentes ocorrem a cada seis meses, capacitando a cada semestre um número maior de militares em operações de paz, permitindo o aumento da projeção internacional do Exército Brasileiro e do Brasil. Por fim, vale destacar a conseqüente melhoria na qualificação profissional dos militares, que amadureceram no desenvolvimento de atributos como a liderança, decisão, e capacidade de coordenação e controle.

Devido às peculiaridades do Haiti, o envio de militares brasileiros para a missão de paz da ONU nesse país, também servirá como um treinamento das Forças Armadas para, eventualmente, enfrentar situações de repressão à criminalidade no Brasil, como no Rio de Janeiro, segundo o Ministério da Defesa, e para futuras ações do tipo, em caso de novo pedido pela ONU (LESSA, 2007 p. 12).

Para Braga (2010), o Brasil tem demonstrado uma vocação para liderar operações de paz como a MINUSTAH. Em seguida, são apresentadas algumas considerações sobre opiniões do bem sucedido trabalho do Brasil no Haiti, fato que vem despertando o interesse de outras nações em entender o trabalho das tropas brasileiras:

O United States Institute of Peace (USIP), um dos mais rigorosos críticos a atuação inicial da missão, reconheceu em um relatório especial divulgado em 2008 que as lições do retumbante sucesso alcançado no Haiti devem ser capturadas e colocadas em prática sempre que as missões forem desafiadas por grupos armados ilegais. Em depoimento ao Congresso dos EUA realizado em 29 de julho de 2009, Susan Rice, Embaixadora daquele país junto à Organização das Nações Unidas (ONU), destacou textualmente a pacificação de Cite Soleil como exemplo de atuação bem sucedida das operações de paz (BRAGA, 2010, p. 15).

“No entanto, não encontramos nenhum tipo de dado que pudesse dar respaldo a um possível *modus operandi* brasileiro ou latino americano menos violento nas ações estritamente militares” (CORREA, 2010, p.16). Apesar dos resultados expressivamente positivos da ação da tropa brasileira na MINUSTAH, esse autor Correa (2010) aborda a participação das tropas no Haiti da seguinte maneira:

Percebemos que a suposta índole pacifista dos brasileiros não se mostrou consistente nas ações que buscavam tomar o controle de áreas dominadas por forças adversas, demonstrando que violência e imposição nas ações de combate não são características exclusivas de tropas de países desenvolvidos (CORREA, 2010, p. 17-18).

Apesar de declarações como essa, é quase um consenso internacional que o Brasil vem se destacando positivamente na liderança das tropas da MINUSTAH, transpondo barreiras inéditas para as Forças Armadas do Brasil, dando provas de adaptabilidade e aptidão para as operações de paz. Será que esta oportunidade está sendo aproveitada para aperfeiçoar nossos comandantes até o nível tático? O emprego dos meios blindados vem se mostrando adequado à MINUSTAH? Será que são realmente necessários? As inovações desenvolvidas durante essa operação de paz podem ser aproveitadas no emprego convencional?

Quanto às experiências de nossos comandantes de tropas blindadas no Haiti, será que essa passagem marcou um “divisor de águas” em suas carreiras? O conhecimento advindo dessa experiência está sendo compartilhando e multiplicado?

Para analisar tais questionamentos, abordando os conteúdos mais relevantes ao assunto em questão, a presente revisão se dividirá em: Operações de Paz; O Legado do Esqd Fuz Mec F Paz; e A MINUSTAH e os Reflexos para a Tropa Mecanizada.

2.1 OPERAÇÕES DE PAZ

O Glossário das Forças Armadas (BRASIL, 2007 p. 181) define Operações de Paz (Op Paz) como o “emprego de força militar, em apoio a esforços diplomáticos, para manter, impor ou construir a paz em país estrangeiro”, sendo divididas nas categorias de operações de não guerra como: diplomacia preventiva, promoção da paz, manutenção da paz, consolidação da paz e imposição da paz.

Após a 2ª Guerra Mundial e a bipolarização do planeta, forjada em função da Guerra Fria, marcada pela disputa entre EUA e a antiga União Soviética, países emergentes após a última grande guerra, a ONU recorreu às Op Paz como instrumento de intermediação de conflitos e meio de amenizar as tensões entre as partes. Operações estas caracterizadas como uma intervenção não violenta, voluntária, desencadeada mediante o consentimento dos contendores, e de forte imparcialidade (FEDOZZI, 2006 p. 83).

As operações de paz podem ser definidas como a presença das Nações Unidas em campo, incluindo funcionários civis e militares, com o consenso das partes, para implementar ou monitorar a implementação dos arranjos relacionados ao controle dos conflitos (cessar-fogos, separação de forças e outros) e sua resolução (acordos de paz parciais ou abrangentes) e, ainda, para proteger o envio de ajuda humanitária (FEDOZZI, 2006 p.84).

Embora a Carta das Nações Unidas não apresente explicitamente o termo Operações de Paz, essa é uma forma de atuação coletiva da qual a ONU faz uso para garantir a manutenção e a segurança internacional. É na Interpretação dos capítulos VI (resolução pacífica) e VII (imposição da paz) que se encontram as justificativas das Op Paz (NETO, 2010 p.26).

Em 1934, o Brasil participou pela primeira vez em um processo de promoção e consolidação da paz, conduzindo a intermediação da retirada de guerrilheiros peruanos da Colômbia. Já a primeira experiência brasileira no envio de tropas pela ONU fora o “Batalhão Suez”, entre 1956 e 1967, quando mais de seis mil e trezentos homens operaram com a finalidade de interpor-se entre as forças egípcias e israelenses (BRASIL, 2007 b).

Atualmente, a participação brasileira mais evidente na ONU com o emprego de efetivo militar é a MINUSTAH. Através da resolução nº 1542, de 30 de abril de 2004, o Conselho de Segurança da ONU estabeleceu as diretrizes da Operação de Paz, passando todo o contingente militar ao comando do Brasil, a partir de 1º de julho de 2004 (CIOPaz, 2006).

2.1.1 Retrospectiva das tropas brasileiras na MINUSTAH

Em 30 de abril de 2004, através da resolução 1542, criou-se a MINUSTAH, em substituição a MIF. O Brasil foi convidado para liderar a missão, em função de sua liderança política na América Latina. Após estudar as possibilidades, o Governo Brasileiro aceitou o convite e enviou o 1º Contingente ao país caribenho, integrado por 1200 (mil e duzentos) homens, oriundos da região sul do país, para um período inicial de seis meses, indicando como *Force Commander* o então General de Divisão Augusto Heleno Ribeiro Pereira, tendo sob seu comando 12 nações, totalizando 6700 (seis mil e setecentos) homens (LESSA, 2007).

Para a MINUSTAH, a ONU autorizou o emprego de 1.622 policiais, 548 funcionários civis internacionais, 154 voluntários e 995 funcionários civis locais. Já em outubro de 2009, para acelerar o desarmamento e realizar as futuras eleições, o efetivo foi acrescido pela MINUSTAH, em um total de 6.940 militares e 2.211 policiais. Atualmente 18 países fornecem efetivos militares e 41 países provêm efetivos policiais (KEEN et al, 2010).

Com a MINUSTAH, pela primeira vez o Brasil se engajava em uma missão baseada no capítulo VII da Carta das Nações Unidas. Esse capítulo permite o uso de todos os meios necessários para a pacificação (BRAGA, 2010). Até então nós só havíamos nos envolvido em missões sob o capítulo VI, que prevê a utilização de medidas pacíficas na solução das disputas, excluindo o uso da força. Esclarecendo, ainda, o capítulo VI da Carta das Nações Unidas “trata das Operações de Paz nas quais não se faz necessária a imposição da paz, e sim sua manutenção, priorizando a solução pacífica das divergências” (CIOPaz, 2006 p. 1).

Apesar de possuir todo o arcabouço estrutural de uma missão de paz da Organização das Nações Unidas, pode-se observar claramente a necessidade de imposição da segurança para a população em algumas áreas do Haiti (SANTOS, 2007 p. 58).

A MINUSTAH representa hoje o maior engajamento militar em solo estrangeiro, desde a Segunda Guerra Mundial, e ainda não tem data para acabar, envolvendo a atuação de mais de 20 mil homens da Marinha, Exército e Aeronáutica, nas ações com tropa e logística, pelos meios navais e aéreos da nossa Defesa. Se forem considerados os demais envolvidos, compondo as diversas organizações não governamentais e projetos de ajuda humanitária, o número de brasileiros é ainda maior. Antes do terremoto, a redução do efetivo militar e a

mudança da missão no Haiti era tema da pauta do Conselho de Segurança, sendo totalmente descartada em seguida, não se tendo qualquer previsão para o seu término (BRAGA, 2010).

Algumas considerações sobre a ausência de uma potência mundial na MINUSTAH merecem certo questionamento:

Um grupo de Estados – muitos dos quais latino-americanos a desempenhar um papel secundário no sistema internacional – estão à frente da MINUSTAH. Não há participação de nenhuma Potência – excetuando a presença de 125 policiais da China continental (SEITENFUS, 2006 p. 14).

Essa opinião é compreensível pelo momento em que foi escrito. A potência da MINUSTAH é o Brasil, consolidado positivamente como líder e vocacionado para operações de manutenção da paz. A China, apesar de membro permanente do CS da ONU, enviou pela primeira vez um contingente militar para operações de paz compondo a MINUSTAH.

2.1.2 O ambiente operacional do Haiti

As favelas haitianas em 2004, quando da criação da MINUSTAH, eram caracterizadas pela presença de gangues homiziadas em becos e vielas, praticando todo o tipo de crime, com a finalidade de aterrorizar a população local. Em *Cité Soleil*, sob a liderança de Dread Wilme, as gangues se uniram a fim de articular ações mais elaboradas contra a MINUSTAH. Os “chiméres” como eram conhecidos os criminosos do local, possuíam armamentos automáticos, de calibres de 7,62 mm e 5,56 mm, metralhadoras e fuzis, atuando contra a tropa em ações ousadas, adotando táticas de inquietação, atirando e evadindo-se rapidamente. Quando neutralizados, sempre havia outro elemento que rapidamente recolhia o armamento e o corpo do meliante (SANTOS, 2007 b).

Os costumes locais e as características das gangues de Porto Príncipe auxiliam a compreender os fatos descritos por Santos (2007). A presença armada da ONU restringia a obtenção de novos armamentos pelas forças adversas, forçando-os por vezes a atuarem com mais de um indivíduo por armamento. Além de, para a cultura haitiana, ser desonroso para o círculo de convivência deixar cadáver exposto na rua. Caso fosse um integrante respeitado dentro da gangue, não cairia nas mãos das tropas da MINUSTAH. Seria enterrado ou cremado de acordo com as tradições da religião vodu. Os corpos encontrados nas ruas eram as vítimas de gangues

rivais, expostos com a finalidade de intimidação e demonstração de crueldade. Segundo Kawaguti (2006, p. 189) o ato de deixar corpos de elementos de gangues adversas era uma maneira de intimidar a população.

“Com a finalidade de restringir a mobilidade das forças da MINUSTAH, as gangues patrocinavam a abertura de fossos nas ruas, bem como o acúmulo de lixo em pontos previamente selecionados da zona de ação” (SANTOS, 2007b).

Nesse contexto, *Cité Soleil* era o maior reduto das gangues, o que inviabilizava uma situação de segurança parcial que permitisse a presença de organismos internacionais de ajuda humanitária ou mesmo do próprio governo haitiano, potencializando os problemas de cunho social do reduto mais pobre de Porto Príncipe (SANTOS, 2007 b).

Essa passagem retrata um momento de *Cité Soleil* em que a ONU só se fazia presente com seus soldados, que dependiam totalmente dos meios blindados para operar na região. Quanto aos organismos de ajuda humanitária nesse bairro, até o final de 2006, era visível somente a presença de uma sede dos “Médicos Sem Fronteiras (MSF)”, com a qual o contato com a tropa era restrito, e por uma “casa de freiras católicas”, sendo os únicos refúgios dos necessitados daquela região.

Lóris de Filipe, chefe do MSF no Haiti, relatou à Kawaguti (2006, p. 182) que as duas instalações que prestavam apoio à população de *Cité Soleil*, o Hospital Choscal e a Clínica Chapi, desde 2005, mantinham um relacionamento respeitável com lideranças de 22 milícias armadas da região, por oferecerem tratamento 24 horas por dia, sem fazer perguntas e nem distinguirem rebeldes da população local. Percebe-se então, um dos motivos pela falta de integração com a MINUSTAH, talvez por uma posição imparcial do MSF, que naturalmente não permitia a transparência do trabalho desenvolvido.

Assim o principal problema das tropas da MINUSTAH era *Cité Soleil*, local onde os criminosos cometiam delitos como seqüestros e ataques às tropas, atingindo cerca de 250 ocorrências por mês, entre 2005 e 2006. Nesse bairro, a falta de interação com as ONGs era uma realidade. A Cruz Vermelha e o MSF em nada interagiam com o Batalhão (Btl) jordaniano, ao contrário, mantinham uma relação de troca de acusações (HERMAN, 2012). Fato que se pode comprovar por ocasião da assunção do BRABAT, dessa zona de ação, que iniciou a partir do 4º Contingente.

2.1.3 A evolução dos primeiros contingentes

Em uma abordagem sumária, os objetivos alcançados pelos sete (07) primeiros contingentes (Contg) do BRABAT foram os seguintes:

Contg	Objetivos alcançados
1º (CMS)	<ul style="list-style-type: none"> - Substituição da MIF; - Contingente precursor; - Atuação em uma Área Operacional de Responsabilidade (AOR) superior a sua capacidade em função do atraso de outras tropas; - Boa receptividade do povo haitiano às tropas brasileiras; - Realização de um jogo entre a recente Seleção Brasileira de Futebol, pentacampeã mundial e uma Seleção improvisada do Haiti; - Manutenção de paz relativa, com as piores condições logísticas, em função do ineditismo da missão;
2º (CMSE)	<ul style="list-style-type: none"> - Criação da Brigada Haiti; - Retomada do controle de áreas, sob forte influência das gangues armadas; - Realização de grandes operações em paralelo às Ações Cívico Sociais (ACISO), retomando a normalidade do comércio e das escolas; - A neutralização de líderes de gangues ex-militares como <i>Green Sonner</i> e de <i>Reminisant Ravix</i> reduziram sensivelmente os índices de criminalidade; - Reintegração da corrupta PNH, em função do inexpressivo trabalho desenvolvido pelos organismos responsáveis na época; - Ocupação de Pontos Fortes em definitivo, com destaque para o Forte Nacional, na porção Central da Capital e próximo ao Palácio Nacional; - Apoio ao início do processo eleitoral presidencial; - Coordenação de manifestações pacíficas de parcela da população;
3º (CML)	<ul style="list-style-type: none"> - Substituição da Brigada Haiti pelo Batalhão de Infantaria de Força de Paz (BRABAT); - Atuação diferenciada em função da escalada da violência, e do adiamento das eleições perante as dúvidas do Conselho de Segurança sobre as reais condições de segurança para a execução de uma eleição e mandato presidencial; - Conclusão da pacificação do bairro de <i>Bel Air</i>, permitindo a retomada do poder público e a atuação de organismos de ajuda humanitária; - Neutralização do líder da gangue em <i>Cité Soleil</i> Dread Wilmé; - Ocupação de sete Pontos Fortes no coração das áreas de atuação das principais gangues de Porto Príncipe; - Aumento da participação da população no fornecimento de informações para inteligência; - Início do diálogo com lideranças comunitárias, facilitando a assistência à população; - Intensificação das ações combinadas de fuzileiros a pé e blindados;
4º (CMSE)	<ul style="list-style-type: none"> - Retirada dos ex-militares da Escola de Magistratura e término do apoio governamental; - Realização de Projetos de Impactos Rápidos (<i>Quick Impact Program</i>, QIP); - Continuidade das operações tipo polícia e de combate a fim de garantir a situação de normalidade em Porto Príncipe; - Intensificação das operações em <i>Cité Militaire</i>, <i>Pele</i> e <i>Cite Simon</i> em paralelo a ACISO; - Estabelecimento da segurança para a realização das eleições presidenciais (1º e 2º turnos) em meio ao caos e desorganização dos coordenadores do processo eleitoral; - Substituição das tropas jordanianas de <i>Cité Soleil</i> pelas tropas brasileiras;

5º (CMNE)	<ul style="list-style-type: none"> - Intensificação dos Projetos de Impacto Rápido, com a contratação de haitianos em sistema temporário, gerando renda nas comunidades; - Intensificação da atuação da Companhia de Engenharia em prol da população, na pavimentação de ruas, e obras de saneamento; - Detenção dos líderes das gangues de <i>Cité Militaire</i>, Blanchar e Wilgens; - Pacificação de <i>Cité Militaire</i>; - Iniciou o patrulhamento a pé em <i>Cité Soleil</i> permitindo maior visibilidade à tropa;
6º (CMO)	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciou as ações no ambiente mais estável desde a criação da MINUSTAH; - Continuidade dos QIP; - Iniciação de projetos de cunho social, desportivo, educacional e profissionalizante; - Aumento do número de ONG(s) em função da maior segurança presente, inclusive brasileiras, como a "Viva Rio"; - Consolidou a pacificação de <i>Cité Soleil</i>

Fonte: Adaptado de LESSA (2007)

7º (CMS)	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciou o contato mais aproximado com a população local; - Trabalhou mais integrado com os órgãos das Nações Unidas e com a polícia local; - Realizou o completo levantamento das áreas sob sua responsabilidade; - Permitiu o mais adequado emprego do Grupamento Operativo de Fuzileiros navais, selecionando uma área de responsabilidade mais apropriada ao seu emprego.
-------------	---

QUADRO 1 - Objetivos alcançados pelos primeiros contingentes do BRABAT no Haiti

Fonte: (informação verbal¹)

Cabe ressaltar que essas afirmações demonstram os fatos em uma ordem cronológica coerente, porém, não resumem todo o trabalho desenvolvido pelas primeiras tropas no Haiti. Percebe-se que se trata da ótica de um pesquisador, o qual teve pouco tempo, apenas oito dias, para acompanhar, na prática, as atividades do BRABAT. Já a última passagem do quadro, apresenta sumariamente os fatos mais marcantes, do ponto de vista de um antigo Cmt do BRABAT.

De acordo com Kawaguti (2006, p. 135), no período do 1º Contingente, por ocasião da atuação da Brigada Haiti, posteriormente denominado BRABAT, 197 prisões foram efetuadas e entregues à PNH, com uma média de 23 patrulhas por dia. O mesmo autor assim destaca o período de atuação do 3º Contingente:

No total, entre junho e dezembro de 2005, os cariocas realizaram em Porto Príncipe 74 operações de todos os tamanhos, 4001 patrulhas, 3100 *check points*, 336 escoltas de autoridades, 43 acompanhamentos de passeatas, 22 fechamentos de valas antiblindado, 59 remoções de barricadas feitas com carcaças de automóveis e 482 prisões. No mesmo período, registraram o maior número de ataques rebeldes até então: 111; o equivalente a uma média de um confronto a cada 1,5 dias. A média do grupo anterior era de um a cada 2,5 dias (KAWAGUTI, 2006, p. 141)

Quanto ao uso da força, Herman (2012), subcomandante das tropas entre 2005 e 2006 na MINUSTAH, destacou que era forte a pressão para que os focos de

¹ SALES, Júlio Cesar de. **Comandante do BRABAT no 7º Contingente**. Rio de Janeiro, 12 de abril de 2013.

violência fossem reprimidos com mão de ferro:

Não eram poucos os que acreditavam que os problemas seriam solucionados com o calibre 5,56. Felizmente, na MINUSTAH, não tínhamos essa visão e acreditávamos que, se a força não fosse precedida de soluções sociais, como prover trabalho, educação, justiça e saúde à população, não seria possível cumprir o mandato da ONU (HERMAN, 2012, p. 11).

Durante a atuação do 4º Contingente, o processo de eleições presidenciais no Haiti foi possível, graças à segurança proporcionada pelo trabalho das tropas da MINUSTAH.

Ora, a participação no 1º turno das eleições presidenciais e legislativas de 7 de fevereiro de 2006 alcançou o patamar histórico de 63% do total dos inscritos. Jamais houve votação no Haiti que alcançasse tal percentual [...]. Trata-se de uma vitória de todos aqueles que trabalharam com denodo para que o povo haitiano se auto-determinasse. Apesar de o caminho ter sido penoso e muitas vezes semeado de tragédias e incompreensões, o Brasil jamais esmoreceu e não desmereceu a confiança depositada pela comunidade internacional e pelo povo haitiano (SEITENFUS, 2006 p. 9).

Seguindo a ordem cronológica da missão, o 7º Contingente do Batalhão de Infantaria de Força de Paz do Haiti foi formado predominantemente por militares oriundos da 3ª Divisão de Exército, operando de 06 de junho até 07 de dezembro de 2007 (CUNHA, 2008).

O BRABAT era uma das onze unidades militares que compunham o braço armado da MINUSTAH, formado por 1080 homens, sendo 31 paraguaios. Com a mesma composição desde o 1º Contingente, com seis subunidades (SU), sendo três Companhias de Fuzileiros (Cia Fuz), um Esqd Fuz Mec, um Grupamento Operativo dos Fuzileiros Navais (Gpt Op CFN) e uma Companhia de Comando e Serviço (Cia C Sv), sendo essas SU operacionais quaternárias, compostas por 4 Pel, em função dos efetivos empregados em atividades como serviços e licenças como “*leaves e arejamentos*”(CUNHA, 2008).

À primeira vista, os seis primeiros contingentes teriam pacificado as áreas de AOR do Brasil, onde as tropas que atuaram como Força de Pacificação nesse período, com mais ou menos intensidade, desenvolveram, segundo Cunha (2008), a Fase Operativa, sendo que a partir do 7º Contingente pretendia-se iniciar a Fase Preventiva. Algumas demonstrações de hostilidade contra a tropa eram raras e cada vez menos intensas. “Dias antes da passagem de comando do 6º para o 7º Contingente, houve um embate que resultou na morte de um importante líder de *Cité Soleil*, gerando significativa tensão nesta área” (CUNHA, 2008 p. 85).

A situação que o 7º Contingente herdou em junho de 2007 era positiva, pois o setor do BRABAT se encontrava sob controle. Não havia indícios de reorganização de gangues ou do movimento dos ex-militares do Exército Haitiano, os índices de criminalidade estavam baixos e a maioria da população era, aparentemente, favorável à presença das tropas da ONU (CUNHA, 2008 p. 85).

O 7º Contingente recebeu do anterior, uma distribuição dos meios de acordo com o nível de risco de cada bairro. Em *Bel Air*, próximo ao Palácio Nacional, uma SU de Infantaria era responsável por metade do espaço físico da AOR do BRABAT, sendo que outras três SU, dentre elas o Esqd Fuz Mec F Paz, atuavam em *Cité Soleil*, o que representava a quarta parte de toda área do Btl. A diferença dos contingentes passados foi notória a partir de novas determinações do *Force Commander*, quanto à intenção da presença da PNH nas ações da tropa, e na mudança das regras de engajamento, particularmente nas ações em que envolvessem a detenção e prisão de criminosos (CUNHA, 2008).

As operações como de cerco e vasculhamento continuaram em menor quantidade, dando lugar às operações tipo polícia, como patrulhamentos a pé, motorizados e mecanizados, ocupação de pontos fortes e a realização de checkpoints (CUNHA, 2008).

TABELA 1 - Dados do 7º Contingente

Operação	Média Diária	Média Semanal	Entre Set e Out de 2007
Patrulhas à pé	25	211	1820
Patrulhas Motorizadas	10	74	626
Patrulhas Mecanizadas	4	25	232
Patrulhas Marítimas	1.4	9.8	84
Reconhecimentos aéreos	0.3	2.3	20
<i>Check Points</i>	3	35	202
Pontos Fortes/ PSE	9	-	9
Segurança de autoridade	1	12	88
Escortas	-	3	50
Busca e apreensão	Eventual	Eventual	eventual

Fonte: Adaptado de CUNHA (2008)

Os dados apresentados por Cunha (2008), demonstram o decréscimo do emprego dos meios blindados nos dois últimos meses de atuação do 7º Contingente, onde menos de 9% das patrulhas foram mecanizadas, fato que pode representar uma maior segurança existente no Haiti naquele momento, refletindo uma mudança sensivelmente positiva, fruto do bom trabalho realizado pelas tropas brasileiras da MINUSTAH.

“Em agosto, havia indícios suficientes para se chegar à conclusão de que era

o momento oportuno para mudança do desdobramento da unidade. O comando do Batalhão teve certeza, portanto, de que a pacificação fora concretizada” (CUNHA, 2008, p. 88).

A partir desse momento, as tropas da MINUSTAH puderam iniciar ações regidas pela Fase Preventiva em sua plenitude, caracterizadas pelo aumento crescente do emprego da PNH e da Polícia da ONU (UNPOL) em ações conjuntas com o BRABAT, de acordo com a tendência natural de a polícia haitiana voltar a exercer a sua função.

A atuação da tropa não se restringia apenas às ações de manutenção da ordem pública, realizando inúmeras ações de ajuda humanitária, denominadas ações cívico-sociais (ACISO), ou conforme a denominação da ONU, ações de “cooperação civil militar” (CIMIC²), caracterizadas por distribuição de água, alimentos e socorro às vítimas de calamidades públicas. Isso também aproximava a tropa da população, o que colaborava para a credibilidade da tropa e o apoio da população às ações do BRABAT (PEIXOTO, 2009).

Diante do universo de desafios encontrados pelas tropas brasileiras nos primeiros contingentes da MINUSTAH, é possível perceber a constante evolução da missão a ser cumprida. Embora um semestre seja um período de tempo relativamente curto, era o suficiente para mudar significativamente as características de cada contingente. Os ensinamentos assimilados durante a preparação e aprendidos nos poucos dias de passagem da área de operações, onde eram transmitidas as experiências, entre os contingentes que saíam e os que chegavam, rapidamente necessitavam ser adaptados, em função da volatilidade da missão. Assim, o emprego da tropa mecanizada necessitou acompanhar esse processo, o que reforça a importância de uma análise científica dessa evolução, através do registro sobre as melhores práticas do emprego do Esqd Fuz Mec F Paz e suas pequenas frações.

2.1.4 A catástrofe natural

Segundo Pinheiro (2011), General de Brigada Ajax Porto Pinheiro, na época como Coronel no comando do BRABAT do 12º Contingente, em janeiro de 2010,

² Abreviatura de “*civil military co-operation*” (Peace Operations Training Institute, 2012)

composto por tropas da 4ª e 9ª Brigadas de Infantaria Motorizada, Brigada de Infantaria Paraquedista, Corpo de Fuzileiros Navais e um Pel paraaguaio, toda a substituição do efetivo anterior se daria até o dia 28 daquele mês, em 10 levadas. Por força do destino o voo do dia 12 de janeiro atrasou, evitando talvez que a aterrissagem da aeronave ocorresse no momento do terremoto do Haiti, a maior catástrofe natural dos últimos cem anos da humanidade. Esse voo sobrevoou a capital haitiana duas horas após o terremoto, e teve que retornar ao Brasil, com escala na República Dominicana.

“A missão do Batalhão, a partir de então, mudaria radicalmente [...] tudo para o qual nós havíamos nos preparado, por oito meses, havia ruído com o terremoto” (PINHEIRO, 2011, p. 31). A substituição completa do contingente só se daria em 04 de fevereiro daquele ano.

Se antes do terremoto a situação do Haiti já era problemática, os 250 mil mortos, mais de 1 (um) milhão de pessoas sobrevivendo em acampamentos e mais os 5 mil mortos pela cólera, potencializaram o caos, trazendo novas responsabilidades para a MINUSTAH (HERMAN, 2012). “[...] a morte de 18 soldados brasileiros, a maior perda de vidas nas Forças Armadas do país desde a Segunda Guerra Mundial” (KEEN et al, 2010 p. 24) alterou o foco da missão.

Apesar de todo o sucesso alcançado pela MINUSTAH, o terremoto, ocorrido em janeiro de 2010, trouxe novos e inesperados obstáculos para a missão. Além de causar um trágico número de vítimas, inclusive de militares brasileiros, a catástrofe literalmente colocou abaixo toda a frágil infraestrutura do Haiti. Impactos foram sentidos até mesmo na segurança (BRAGA, 2010). O terremoto destruiu a principal cadeia do Haiti, permitindo a fuga de diversos criminosos, que voltaram a seus redutos na Capital.

À primeira vista, houve o retrocesso no processo de segurança, visto que o número de criminosos à solta pode ter superado os existentes em 2004, aproximadamente 4500 criminosos fugiram das penitenciárias, levando consigo os armamentos dos agentes penitenciários. Destaque nesse universo para 529 criminosos de alta periculosidade de volta aos antigos redutos criminosos de Porto Príncipe. Na prática, ocorreu um recomeço para não se perder todos os esforços dos contingentes anteriores, com a atuação conjunta entre UNPOL, PNH e o BRABAT, contando com o forte apoio da população, denunciando os foragidos, por meio de disque-denúncia e atuação da Inteligência. Até março de 2010, 120

marginais retornaram para a disposição da justiça (PINHEIRO, 2011).

Outras fontes apontam para um número diferente, mas não menos relevantes de fugitivos nessa data. “Em 12 de janeiro, mais de 3 mil prisioneiros escaparam de prisões destruídas pelo terremoto e fugiram para *Cité Soleil*” (KEEN et al, 2010 p.26).

Para manter a segurança, Pinheiro (2011) destacou o princípio da “massa”, com o incremento das ações de segurança, em conjunto ou não, “sufocando” quaisquer ações da F Adv, com o emprego irrestrito de blindados e intenso patrulhamento em todos os lugares, inibindo a reorganização das gangues, o que poderia agravar ainda mais a crítica situação do país naquele momento.

Diante desses fatos, o Conselho de Segurança da ONU autorizou a ampliação do efetivo militar. O Brasil quase dobrou o número de militares, enviando outro Btl, totalizando cerca de 2.200 militares brasileiros até o momento, com esforços voltados para a execução e condução de ajuda humanitária, sem deixar de lado a manutenção da segurança. Ainda hoje, inúmeros campos de desabrigados permanecem em condições precárias (BRAGA, 2010).

Em 19 de janeiro, exatamente uma semana depois do terremoto, o Conselho de Segurança da ONU adotou unanimemente a Resolução 1908. A resolução autorizava um aumento de 3.500 integrantes das forças de manutenção da paz (2.000 militares e 1.500 policiais), por causa dos riscos de segurança adicionais criados pela incapacidade do governo local e da resultante redução de 20% da eficácia da polícia local (KEEN et al, 2010 p. 22).

O terreno mudou profundamente, *Bel Air* ficou intransitável. Com muita dificuldade os blindados conseguiam circular em algumas vias, devido ao amontoado de escombros. Outros Exércitos como EUA, Canadá, França e Itália, bem como diversos organismos internacionais desembarcavam diariamente, para ajudar na tragédia, mesmo não fazendo parte da MINUSTAH, o que exigiu uma atuação cautelosa das Forças Armadas Brasileiras, para manterem o controle das ações e demonstrar a liderança da Missão, no momento em que os olhos do mundo estavam voltados para o Haiti (PINHEIRO, 2011).

Após os encontros do comandante da MINUSTAH, o General de Brigada Floriano Peixoto, e o General de Divisão P.K. Keen, do Exército dos EUA, Subcomandante do Comando Sul dos EUA e General Comandante da Força-Tarefa Conjunta no Haiti (JTF-H), foi definido que a MINUSTAH permaneceria realizando a segurança e mantendo a estabilidade, enquanto a JTF-H se concentraria na

assistência humanitária. Assim, a MINUSTAH conduziu mais de 600 operações de segurança, empregando 4500 soldados, bem como planejou e conduziu operações de socorro, enquanto a JTF-H tinha como foco salvar vidas, minimizar necessidades da população, no mais curto prazo (KEEN et al, 2010).

Já no dia 22 de janeiro de 2010, com 30% do 12º Contingente do BRABAT e com os demais militares do 11º Contingente, fora realizado uma grande operação utilizando blindados para assegurarem o deslocamento de caminhões abarrotados de gêneros a serem distribuídos, empregando duas Cia de Fuz e o Esqd Fuz Mec, caracterizando a primeira ação da ONU, mostrando que não haviam abandonado o povo haitiano (PINHEIRO, 2011).

Durante a atuação da força conjunta de ajuda humanitária conduzida pelas forças estadunidenses, trabalhando em conjunto com a MINUSTAH, o papel das lideranças brasileiras fora alvo de elogios, demonstrando a importância regional e mundial do Brasil (KEEN et al, 2010).

O caos e o desespero das pessoas eram tantos que não era mais possível conduzirem os CIMIC como nos contingentes passados. A distribuição de alimentos exigia planejamento e meios de missões com grande envergadura, como se percebe no exemplo:

Em média 80 toneladas de alimentos eram distribuídas durante 5 ou 6 horas, em dois locais da capital, por dia. Só para se ter noção do que isso representava, no primeiro semestre de 2009 toda a MINUSTAH distribuiu algo em torno de 40 toneladas de gêneros no Haiti. [...] A forma de emprego utilizada caracterizava-se por círculos concêntricos que estabeleciam segurança de dentro para fora a partir do local de distribuição propriamente dito (com foco na organização das imensas filas), passando pelo cordão de isolamento a cerca de 50 metros. Depois vinha o bloqueio feito pelos blindados nos principais eixos de entrada para o local e finalmente o último cordão de isolamento, feito com patrulhas em um alcance de 200 a 500 metros, com a finalidade de evitar saques aos que haviam conseguido alimento ou tumultos orquestrados pelas gangues (PINHEIRO, 2011, p. 34).

Cabe salientar que esse é um exemplo da atuação exclusiva do BRABAT, as ações das outras tropas acompanhavam esse trabalho e multiplicavam essas operações em todo o Haiti.

O estreito relacionamento de trabalho entre a MINUSTAH e a JTF⁴ – H em seus respectivos esforços nas operações de segurança e assistência, permitiram que a força tarefa conjunta pudesse se concentrar nas operações de ajuda

⁴ Sigla em inglês de Força-Tarefa Conjunta no Haiti, liderada pelo Exército dos EUA com a missão de ajuda humanitária durante o terremoto no Haiti em 2010.

humanitária e nas tarefas de segurança específica, em apoio à catástrofe do terremoto no Haiti, em janeiro de 2010 (KEEN et al, 2011).

De acordo com Kersul (2011) durante as ações de ajuda humanitária e distribuição de gêneros e água, realizada pela MINUSTAH, após o terremoto de 12 de janeiro no Haiti, algumas composições de meios obtiveram sucesso:

Nível	Valor	Meios	Capacidade (Ton)	Horário	Gêneros	Tempo (h)
I	Btl	- 02 Cia Fuz - 01 Esqd Fuz - Elm JTF- H	15	Durante o dia	Água e comida	Até 2 h
II	Btl	- 01 Cia Fuz - 01 Esqd Fuz - Elm JTF – H	10			Até 2 h
III	FT SU	- 02 Pel Fuz - 01 Pel Fuz Mec	5	Durante a noite ⁵		Até 2 h
IV	Pel	- 01 GC	40 cestas básicas (3Kg)			Até 1 h

QUADRO 2 - Características das ajudas humanitárias realizadas pela MINUSTAH

FONTE: Adaptado de KERSUL (2011)

O trabalho das tropas da MINUSTAH também foi de interagir em diversas oportunidades com a tropa norte-americana, transmitindo experiências, sobre o ambiente operacional e as características do Haiti, como pode ser observado na passagem a seguir:

[...] soldados dos EUA que patrulhavam com seus colegas brasileiros se depararam com uma multidão que havia empilhado pedras nas ruas. Os pára-quedistas com experiência no Iraque e no Afeganistão interpretaram isso como uma barreira e responderam rapidamente parando os veículos e realizando a segurança. Os soldados brasileiros, que sabiam que essas pessoas estavam simplesmente usando as pedras para criar um espaço para viver na rua, explicaram rapidamente aos pára-quedistas o que estava acontecendo, assegurando-lhes que não havia ameaça imediata alguma (KEEN et al, 2010 p. 25).

O caos gerado pela maior tragédia mundial deste século, obrigou a mudança radical dos rumos da MINUSTAH e particularmente da forma de emprego do Esqd Fuz Mec F Paz. Com sua mobilidade comprometida em função da obstrução das ruas da capital haitiana, e diante de um cenário devastador, onde escombros tomavam as principais vias de Porto Príncipe, a tropa mecanizada brasileira passou a ter uma função distinta da abordagem foco da presente pesquisa, o que torna os Esqd Fuz Mec F Paz após terremoto como fator de exclusão. O envio de um segundo batalhão trouxe também em sua composição um segundo Esqd Fuz Mec.

⁵ As ações de distribuição de ajuda à noite eram mais calmas em função de boa parte da população estar dormindo, além de dificultar a percepção de moradores de outros locais, não destinados para receberem alimentos.

As ações desempenhadas se assemelharam ainda mais às demais Cia Fuz F Paz dos BRABAT, fazendo uso dos blindados, agora para controlar o desespero das pessoas em busca de água, comida e demais assistências básicas, provida pela ONU e pela JTF-H.

2.2 O LEGADO DO ESQD FUZ MEC F PAZ

Nos primeiros contingentes brasileiros no Haiti, o Esqd Fuz Mec F Paz era a única SU do BRABAT dotada de Vtr blindadas, VBTP EE-11 Urutu, que proporcionavam ao Btl, proteção blindada, ação de choque e uma força rápida capaz de atuar em todos os pontos de Porto Príncipe. Embora as VBTP tenham sido revitalizadas pelo Arsenal de Guerra de São Paulo, chegando ao Haiti em excelentes condições de funcionamento, apresentavam características ultrapassadas, mostrando-se vulneráveis ao conflito em ambiente urbano, como o encontrado no Haiti, onde o terreno era caracterizado por um amontoado de casebres, becos e vielas e muito populoso (PACHECO, 2007).

Santos (2007) em seu artigo “O Emprego do Esquadrão de Fuzileiros Mecanizado na Operação de Manutenção da Paz no Haiti”, abordando a sua experiência como comandante de Esqd Fuz Mec F Paz no 2º Contingente, com tropa oriundas do Comando Militar do Sudeste (CMSE), destacou como principais áreas de atuação os bairros de *Bel Air* e *Cité Soleil*, onde a atuação de elementos da força adversa, em pequenos efetivos, aproveitava as condições do ambiente operacional do Haiti, composto por um amontoado de casebres, vielas, lixo e becos por todos os lados, para realizar disparos e lançar “*coquetéis molotov*” e pedras sobre as VBTP. Nesse contexto o Esqd Fuz Mec F Paz cumpria missões de ocupação de pontos fortes, reconhecimentos, desaferramento⁶ de tropas engajadas, ocupação de posições de bloqueio, vigilância de zona de ação, monitoramento de manifestações, escoltas de comboios e autoridades, desobstrução de vias públicas e apoio às ações da PNH.

⁶ Desaferramento: Quando uma tropa está detida pelos fogos de uma força oponente, sem a capacidade de se evadir do local da ação, consideramos que esta tropa está “aferrada” pela ação dessa força oponente. Uma ação ofensiva de outra tropa amiga, em realizar um ataque contra essa força oponente, para permitir o retraimento da tropa aferrada, é denominado “desaferramento”

Entre junho de 2004 e junho de 2005, até o 3º contingente das tropas brasileiras no Haiti, o Esqd Fuz Mec foi o mais engajado nos confrontos intensos com os elementos das gangues armadas de Porto Príncipe, respondendo ao fogo do armamento leve das F Adv, sofrendo algumas baixas, com militares feridos, porém sem nenhum óbito, até esse momento (PACHECO, 2007).

Os blindados transportavam a tropa em segurança e constituíam uma força rápida e flexível para atuar onde fosse necessário, porém o patrulhamento a pé permitia um melhor contato dos militares com a população, por meio da visibilidade, a fim de coletar informações e dados de inteligência, bem como transmitir uma maior sensação de segurança à população haitiana. O patrulhamento a pé era realizado pelo Esqd Fuz Mec F Paz também com o intuito de levar a presença da ONU em locais que impediam a trafegabilidade da VBTP Urutu. Quando o terreno permitia, esse patrulhamento era combinado com o apoio das VBTP, proporcionando segurança com suas Metralhadoras 7,62 mm MAG. A ocupação de pontos de observação (PO) sobre as lajes, reforçava a segurança, permitindo o comandamento sobre a zona de ação, reprimindo as investidas das F Adv contra a tropa (SANTOS, 2007).

Ainda quanto às ameaças nos redutos das gangues haitianas, outro autor relata que era comum a ameaça à tropa por meio de “*coquetéis molotov*”, disparos de armas leves de lajes e bicos, o lançamento de pedras e até vergalhões afiados sobre a tropa, além de fossos anticarros, capazes de engajar uma VBTP que adentrasse em locais de domínio dessas gangues, com o objetivo de emboscar e impedir o acesso da tropa (PACHECO, 2007).

Na primeira operação do 2º Contingente Brasileiro em *Cité Soleil*, “Operação *Liberté*”, que nas palavras do então *Force Commander*, o Gen Heleno, seria a maior demonstração de força da MINUSTAH, as tropas brasileiras haviam chegado a apenas sete dias, com pouquíssimo tempo de adaptação. Inicialmente, o Esqd Fuz Mec F Paz, com três pelotões, a quatro VBTP cada, mais a do Cmdo da SU, em um total de 13 blindados, ficou responsável por prover a segurança inicial de todo o Btl, a fim de permitir a reunião dos meios em local planejado. Em seguida, no investimento sobre a área, destaca-se o fundamental apoio dos elementos de engenharia responsáveis pelo fechamento de fossos anticarros exigindo o desembarque dos militares do Esqd para estabelecer a segurança à frente, para que o apoio de engenharia cumprisse a sua missão. Durante a operação, o Esqd Fuz

Mec deslocou-se pelos itinerários previstos e outros selecionados por meio de condutas, enfrentando forte resistência, até o final de sua zona de ação. Por fim, o Esqd Fuz Mec realizou a segurança do Posto de Comando (PC) do Batalhão, ocupando um ponto sensível e dois *check points* (postos de controle de via) e o patrulhamento da zona de ação. Ao final, fora realizado a substituição da tropa brasileira pela jordaniana, conforme planejamento inicial (SANTOS, 2007 b).

Na ocasião em que foi desencadeada a operação Liberté, os contingentes mais expressivos na capital haitiana eram os do Brasil, Sri Lanka e Jordânia [...]. A tropa jordaniana era tida como especialista em operações urbanas e tinha como característica o uso intensivo do armamento para cobrir seus deslocamentos (SANTOS, 2007 b, p.4).

Essa passagem retrata uma característica peculiar da tropa jordaniana, naquele momento. Na época, composta por dois Btl jordanianos (JORBAT), cada um com uma SU mecanizada, que até meados do 4º contingente brasileiro, era o maior efetivo militar da MINUSTAH, responsável por *Cité Soleil*.

O Subcomandante das tropas da MINUSTAH, entre 2005 e 2006, assim descreveu as perdas de militares jordanianos: “Jamais me esquecerei do sacrifício dos valorosos soldados jordanianos; na minha época, coube-me repatriar quatro deles em caixões” (HERMAN, 2012 p. 13).

Perdas de capacetes azuis é uma lástima em operações de paz. Até o ano de 2006, ao final do 4º Contingente, muito se especulava sobre a probabilidade de baixas de militares brasileiros na assunção da área de *Cité Soleil* pelo BRABAT. O que não veio a se confirmar, levando o crer que a forma de emprego da tropa e dos meios mecanizados pelo BRABAT, em *Cité Soleil*, foi mais adequada que o JORBAT. No prosseguimento da missão, por ocasião da atuação do 5º Contingente e dos subsequentes, o emprego cauteloso e proporcional da força letal, viabilizou uma pacificação mais eficiente.

Da Operação *Liberté*, Santos (2007 b) destacou inúmeros ensinamentos, como erros na regulação da manobra, prevendo tempos diferentes da realidade encontrada, talvez pela falta de dados médios de planejamento para operações dessa natureza, como o fechamento de fossos anticarros (mobilidade), que demandaram mais tempo do que o previsto, bem como o efetivo e o tempo estimado para vasculhamentos sistemáticos.

Percebe-se que foram superadas dificuldades naturais, pela pouca experiência do contingente e do próprio Exército Brasileiro na época.

A situação demonstrou a aptidão dos Pel Fuz Mec para operações de combate às forças adversas em cenário urbano. Pode-se afirmar que os blindados transportavam a tropa com segurança e ampliavam-lhe a capacidade de concentração e dispersão em curto espaço de tempo, favorecendo seu emprego no local e hora que fosse mais adequada ao cumprimento da missão. [...] as reservas das futuras operações passaram a ser constituídas prioritariamente por elementos mecanizados (SANTOS 2007 b, p. 8).

Foi desdobrado um posto de remuniciamento avançado para suprir as subunidades com munições 7,62 e 9mm, além de cartuchos de borracha para armamento não-letal e granadas de luz e som. Uma viatura cisterna de combustível foi alocada para a operação, uma vez que havia previsão de abastecimento em D+1 de todas as viaturas envolvidas. A estimativa de consumo do Esqd Fuz Mec em D+1 era de 2000 l de óleo diesel (SANTOS, 2007 b, p.6).

2.2.1 A evolução da organização das frações

Segundo Pacheco (2007) a criação do BRABAT em 2004, a 5 (cinco) SU, sendo 3 (três) Cia de Infantaria, 1 (uma) de Comando e Serviço (CCSv), 1 (um) Esqd Fuz Mec e o Gpt Op CFN originou uma nova estrutura dentro das frações de Cavalaria do Exército Brasileiro, o Pelotão de Fuzileiros Mecanizados (Pel Fuz Mec).

O Pel Fuz Mec do 2º Contingente era constituído pelo grupo de comando e três grupos de combate, dotados de três VBTP Urutus revisadas no Arsenal de Guerra de São Paulo (AGSP), evoluindo para quatro Vtr, de acordo com a missão. Somente o Esqd Fuz Mec F Paz, que ainda nem possuía tal denominação, era dotado de Vtr Bld, com 16 VBTP Urutu (SANTOS, 2007 b).

De acordo com Peixoto (2009), o Esqd Fuz Mec F Paz o qual comandou, no 9º Contingente das tropas brasileiras no Haiti, era constituído por quatro pelotões, cada um dotado de cinco VBTP Urutu. Esse autor destaca a versatilidade dessas Vtr no emprego combinado Fuzileiro Carro, em operações urbanas no Haiti, comparando as possibilidades com as Operações de Garantia da Lei e da Ordem, realizada por todas as OM Operacionais de nosso Exército. Por meio das características básicas da Cavalaria, como flexibilidade, mobilidade e ação de choque, o Esqd Fuz Mec F Paz tinha as melhores condições de atuar frente a manifestações, aberturas de brechas e ultrapassagem de obstáculos e barricadas.

A diferença entre a composição das frações do Esqd Fuz Mec F Paz evoluiu de acordo com as necessidades e exigências da missão. Analisando pelotões convencionais das tropas de Cavalaria, o Pelotão de Cavalaria Mecanizado (Pel C

Mec) e o Pelotão de Fuzileiros Blindados (Pel Fuz Bld) com o Pel empregado no Haiti, Peixoto (2009) utilizou o GC convencional em comparação ao Grupo Operacional (GO), utilizado em seu contingente.

O GO se comparado aos GC convencionais não reduziu as possibilidades de emprego, pois as frações atuavam na maioria das vezes com dois GO realizando patrulhamento em duas VBTP, sempre em apoio mútuo, seja nos patrulhamentos mecanizados ou mesmo nas patrulhas a pé. A atuação descentralizada dos GO exigia a adoção de condutas dos comandantes da ação em determinados momentos, exercitando a liderança e a ação de comando em todos os níveis (PEIXOTO, 2009).

Pel C Mec	Pel Fuz Bld	Pel Fuz Mec F Paz
- 01 Grupo Cmdo - 01 Grupo Exploradores - 01 Seção VBR - 01 GC na VBTP Urutu - 01 Peça Mrt 81 mm	- 01 Grupo de Cmdo - 03 GC em VBTP M113	- 05 GO - 04 VBTP Urutu por Pel
11 homens/GC	11 homens/GC	6 homens/GO
- 01 Cmt GC - 01 Motorista - 01 Atirador .50 - 02 Cb Cmt Esq - 06 Sd Fuz	- 01 Cmt GC - 01 Motorista - 01 Atirador .50 - 02 Cb Cmt Esq - 06 Sd Fuz	- 01 Cmt GO - 01 Motorista - 01 Atirador MAG - 03 Cb ou Sd Fuz
- Mtr Browning . 50	- Mtr Browning . 50	- Mtr MAG

QUADRO 3 - Comparações das frações mecanizadas nível pelotão

Fonte: Adaptado de PEIXOTO (2009)

2.2.2 As adaptações do material

O Esqd Fuz Mec F Paz do 3º Contingente, diante dos diversos incidentes de disparos de armas de fogo aos quais as guarnições eram expostas, aproveitando os ensinamentos colhidos até o 2º Contingente, em busca de soluções, analisou algumas ideias de outros exércitos e projetou uma blindagem adicional, de fácil construção e fixação na VBTP Urutu, constituída de uma chapa de aço como proteção para o atirador da Mtr MAG, capaz de resistir a impactos de armas portáteis. Ainda no Brasil, um trabalho entre os militares do Esqd Paiva Chaves e engenheiros militares definiu a qualidade e o corte do aço, bem como o melhor tipo de solda. Com o protótipo desenvolvido, foi surpreendentemente reproduzido no Haiti. Mesmo com todas as adversidades do caos em que o país se encontrava, foi encontrada uma metalúrgica capaz de confeccionar as chapas, inclusive com as

exigências do tipo do aço e da soldagem (PACHECO, 2007).

De acordo com Bastos (2007), durante o preparo do 3º Contingente, os integrantes do Esqd Escola Paiva Chaves desenvolveram a blindagem do motorista e do atirador da MAG, que foi reproduzida em série pela Centigon Blindagens do Brasil LTDA, no AGSP.

Essa adaptação se mostrou muito importante para a integridade física dos atiradores de MAG, tendo em vista que inúmeras foram as situações em que projéteis das F Adv atingiram e ricochetearam na chapa de aço até a substituição pela cápsula balística no final do 5º Contingente.

[...] diante do ferimento de alguns militares brasileiros que guarneciam as torres e escotilhas dos blindados durante os engajamentos na área de Bel Air, foram desenvolvidas, no Esqd C Mec (Es) - Esquadrão Paiva Chaves, próxima SU Mec a ser desdobrada no Haiti, algumas medidas destinadas a aumentar a proteção da guarnição, bem como melhorar o desempenho do sistema de armas da VBTP (PACHECO, 2007, p. 10).

Além da adição de blindagem, fora adaptado também a colocação de sacos de areia ao entorno das escotilhas da VBTP Urutu, com a finalidade de minimizar as possibilidades de ricochetes dos disparos oriundos das F Adv, que normalmente eram realizadas de cima para baixo, de cima das lajes ou janelas. Embora houvesse o aumento de peso da Vtr, essa adaptação se mostrou útil quando nos primeiros confrontos do Esqd Fuz Mec F Paz do 3º Contingente, inúmeros sacos de areia foram perfurados por projéteis disparados pela F Adv (PACHECO, 2007).

Essa adaptação fora mantida nos contingentes seguintes, onde a atuação das gangues contra a tropa fora intensa. O peso adicional nas VBTP Urutu exigia uma manutenção mais intensa do sistema de amortecimento e suspensão. Os aros das rodas das VBTP rachavam pelo uso diário, exigindo a reparação imediata, que também era feita em pequenas metalúrgicas em Porto Príncipe. Algumas VBTP ultrapassavam a média de 700 km por semana, entre patrulhamentos e missões, testando a VBTP de uma maneira inédita em nosso Exército, demonstrando uma vocação do Urutu para operações em ambiente urbano.

Outra adaptação adotada desde o 1º Contingente foi a substituição da Metralhadora Browning M2. 50 (Mtr. 50), pela Metralhadora 7,62 M971 MAG (Mtr MAG), de acordo com o propósito da missão (PACHECO, 2007). Essa mudança ocorreu devido às características de utilização de cada Mtr, visto que a Mtr .50 é uma arma não portátil, destinada a alvos como edificações, Vtr e aeronaves inimigas, portanto inadequada para a missão de paz no Haiti. O emprego desse tipo

de calibre caracterizaria o uso desproporcional de força, com danos colaterais imprevisíveis, tendo em vista que as forças irregulares que atuavam no país não adotavam calibres similares, nem mesmo armas anticarro.

Para isso, em um primeiro momento, as Mtr MAG foram posicionadas sobre reparos de Mtr. 50, unidas por um eixo improvisado que cruzava a cavilha anterior da Mtr, adicionando um contrapeso ao reparo da Mtr. 50, denominado “atenuador”. Dessa forma, por ocasião da execução do tiro, inexistia o amortecimento necessário para um tiro de precisão, tendo como consequência o desgaste da cavilha anterior, além de dificultar o engajamento de alvos rasantes em função do peso do reparo da Mtr.50. Como solução imediata, fora desmontado o berço, parte superior do reparo terrestre das Mtr MAG, e instalado sobre o reparo da Mtr. 50, por meio da soldagem de dois suportes de aço, e regulação do atenuador do peso do reparo, proporcionando o amortecimento ideal para a realização do tiro da Mtr MAG, com melhores condições, minimizando os riscos de danos colaterais (PACHECO, 2007).

Os contingentes enviados, além de acumular grande experiência em operações reais, têm tido oportunidade de ter contato com outros exércitos e o mais importante, superar problemas e vulnerabilidades surgidos decorrentes do emprego em uma arena até então pouco conhecida: as áreas urbanas. [...] A adição de blindagem, a adaptação da cunha-elástica, a utilização dos sacos de areia, são apenas alguns exemplos do valor, do esforço e da adaptabilidade do profissional das armas brasileiro (PACHECO, 2007 p.11).

O AGSP é o responsável pela recuperação das Vtr utilizadas pelas tropas brasileiras no Haiti. Até o ano de 2008, as VBTP Urutu foram intensamente utilizadas servindo como abrigo seguro para as tropas contra ameaças das gangues armadas. Com a finalidade de superar os obstáculos impostos pelas forças adversas, houve a necessidade de se criar dispositivos para superá-los. Em parceria com o Centro de Tecnologia do Exército (CTEx), o AGSP desenvolveu a lâmina limpa trilhos, adaptada em duas VBTP. Para a vulnerabilidade do motorista e do atirador da MAG, foram adaptadas proteções balísticas para ambos, sem alterar as características do Urutu. Porém, o maior feito do AGSP está na VBTP Urutu Ambulância, projetada e adaptada em 45 dias, incorporando à blindagem da VBTP todo o equipamento médico necessário ao pronto atendimento (EXÉRCITO, 2008 p.3).

Para Santos (2007), a adaptação na blindagem da escotilha do motorista e na torre do atirador da MAG, existente atualmente, proporcionou maior segurança e operacionalidade para a tropa. A VBTP Urutu recebeu a cabine de proteção blindada do motorista, a cabine de proteção balística do atirador da MAG e a lâmina frontal

para remoção dos obstáculos (PEIXOTO, 2009). A adaptação da blindagem para o motorista existia somente na VBTP Urutu Ambulância, criada no 2º Contingente (SANTOS, 2007 b).

Nas últimas três semanas do 5º Contingente foram instaladas as cabines de proteção blindadas dos motoristas e as cabines de proteção balísticas dos atiradores de MAG em todas as VBTP, substituindo a já adaptada chapa de aço protetora. A lâmina frontal já era utilizada pelo Esqd Fuz Mec F Paz, nesse período, em duas VBTP, utilizadas pelos Pel que atuavam nos bairros de *Cité Soleil* e *Cité Militaire*. Essas adaptações foram concebidas fruto das necessidades do Esqd Fuz Mec e de diálogos dos Cmt das frações do Esqd Fuz Mec F Paz em inspeções do Comando de Operações Terrestres e do Estado Maior do Exército. A proteção balística dos atiradores de MAG proporcionou uma segurança muito maior, porém, em virtude de seu peso e altura, provocavam danos como o rompimento de cabos de eletricidade e até o dano em engrenagens do giro da torre, necessitando constantes reparos.

As circunstâncias encontradas no Haiti obrigaram modificações importantes na VBTP URUTU, como a torre blindada, a cúpula de blindagem para o compartimento do motorista, desenvolvidas pela empresa Centigon Blindagens do Brasil LTDA em parceria com o AGSP, e lâminas frontais para remoção de obstáculos (BASTOS, 2007). Essas modificações já se faziam presentes em meados de 2006, por ocasião do 5º Contingente.

Bastos (2007 b) destaca ainda, a recente adaptação do berço blindado, instalado ao redor das escotilhas, que veio a substituir os sacos de areia usados antigamente para minimizar o risco de ricochetes de disparos das forças adversas.

As Vtr leves também vêm sendo testadas com a adição de blindagem frontal e lateral nos jipes Land Rover, substituindo as soluções paliativas de colocação de coletes balísticos nas portas laterais. Tais adaptações também estão sendo desenvolvidas para as Vtr utilizadas pelo Pel de engenharia do BRABAT, como os caminhões, escavadeiras e tratores. A empresa *La Perfection*, de Porto Príncipe, especializada em blindar veículos civis, produziu a blindagem para as Land Rover, respeitando o peso suportado pelas Vtr, blindou as laterais, as portas, a traseira, o pára-brisa e a carroceria (BASTOS, 2007 b).

De 2004 para 2005, o armamento individual era o PáraFAL (fuzil automático leve com a coronha rebatível), o que não proporcionava as melhores condições de utilização, devido ao seu comprimento e peso, dificultando a maneabilidade e a

execução do tiro nas vielas e becos nas favelas (SANTOS, 2007). Já Peixoto (2009) descreve que o armamento individual de dotação, no 9º Contingente, em 2008, se diferenciava, conforme todas as frações do BRABAT, pela utilização do fuzil IMBEL 7,62 mm M964 Pára-FAL, duas escopetas calibre (Cal). 12 por GO e um lançador de granadas não letal AM-600 .38, sendo que nas VBTP já existia um sistema de localização por satélite, o que permitia ao Cmdo do Esqd Fuz Mec F Paz identificar a posição exata de cada fração em tempo real.

Todas essas modificações de equipamentos e armamentos exemplificam uma parcela da evolução proporcionada pela MINUSTAH ao Esqd Fuz Mec F Paz. Os oficiais e sargentos que nele atuaram tiveram o privilégio de ter contato com armamentos, os quais, na época, não faziam parte da realidade das Organizações Militares (OM) no Brasil. Forjados pelas dificuldades da missão, utilizaram da criatividade, em busca de adaptações provisórias, que evoluíram para as atuais proteções adicionais de blindagem existentes nas VBTP Urutu em atividade no Haiti.

2.2.3 As missões de patrulha

De acordo com Santos (2007, p. 55), o período de duração das diversas patrulhas não ultrapassava três (03) horas. Por ocasião das patrulhas mecanizadas, dentro das guarnições dos carros (VBTP Urutu) os setores de tiros eram divididos entre os quatro militares, que ocupavam cada uma das escotilhas, realizando uma segurança em 360°. O equipamento individual, colete balístico tático, não permitia espaço físico para mais de um homem em cada escotilha.

Outro dado com relação ao tempo de duração das patrulhas é o exposto por Peixoto (2009 p. 61), que descreve que no 9º Contingente, as missões de patrulhas mecanizadas e motorizadas duravam em média três horas e meia. Destaca ainda que, por ocasião do patrulhamento a pé, ocorria uma maior interação com a população haitiana, o que facilitava a busca de dados, em função da proximidade entre a população e os soldados, que com a confiança dos moradores locais atuavam em problemas pontuais nas AOR.

De acordo com Santos (2007), durante as patrulhas mecanizadas era realizado o rodízio entre as esquadras (Esq) nas escotilhas da VBTP, a cada 30 minutos, com a finalidade de proporcionar o descanso dentro da VBTP. Assim,

percebe-se o emprego de GC constituídos, 2 Esq e o Cmt do GC, durante o 2º Contingente. Tal composição é mantida até o 9º Contingente, como se encontra na literatura, conforme Peixoto (2009), a nova composição por GO.

Durante o 9º Contingente, o Esqd Fuz Mec F Paz, consistia na reserva do BRABAT, onde as outras três SU (Cia Inf F Paz) e o Gpt Op CFN atuavam nas suas respectivas AOR, sendo que o Esqd atuava como força de reação permanente do Btl, na substituição de outras SU quando necessário, além de realizar patrulhamento ostensivo em toda AOR do Btl. Os quatro Pel do Esqd atuavam por uma semana em cada AOR das três Cia Inf F Paz, revezando entre os bairros de *Cité Soleil*, *Bel Air* e *Cité Militaire*. (PEIXOTO, 2009).

2.3 A MINUSTAH e os reflexos para a tropa mecanizada.

Acredita-se que as experiências vivenciadas pelas tropas mecanizadas sob o comando dos diversos Batalhões de Força de Paz, desde a criação da MINUSTAH, podem trazer inúmeros ensinamentos, com aplicabilidade na evolução das Doutrinas Convencional, de GLO e para as Op Paz. Seja para mesclar ensinamentos ou para divergir procedimentos, a análise da necessidade das forças mecanizadas do Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti, pode contribuir para elucidar as características de seu emprego, em cada situação.

2.3.1 A ação de choque em ambientes urbanos

Uma evolução comum de todos aos conflitos modernos é o fato dos atores envolvidos se enfrentarem em um ambiente urbano. Indiscutivelmente, a MINUSTAH vem experimentando militares de nossa Força Terrestre nessas condições.

Acompanhando esse pensamento, os conflitos modernos, sejam eles convencionais ou não, conduzem as operações terrestres para dentro dos subúrbios de áreas urbanas (MESQUITA, 2009), o que denota a importância do Exército Brasileiro estar constantemente preparado para este ambiente operacional.

Em termos de Exército Brasileiro, o combate em ambiente urbano permeia todos os tipos de hipóteses de emprego do nosso exército, pois ele pode ocorrer nos diversos tipos de ambientes operacionais do subcontinente sul-americano e também extra continentalmente (MESQUITA, 2009, p. 03).

A mobilidade em deslocamentos e a proteção blindada, características

proporcionadas pelas Vtr Bld, permitem romper resistências com maior facilidade em menos tempo, proporcionando a rapidez essencial no combate em ambiente urbano, além de minimizar a exposição da tropa (MESQUITA, 2009).

Quanto às possibilidades do Esqd Fuz Mec F Paz, Peixoto (2009) destacou a ação de choque dos blindados pelo ímpeto em desorganizar manifestações hostis, por meio da dissuasão das VBTP, acompanhado do uso do armamento não letal quando necessário.

Quanto ao fator dissuasório dos meios blindados, esse efeito psicológico é favorável até mesmo para a tropa a pé, que se sente mais forte com a simples presença dos blindados. Os canadenses, no Afeganistão, concluíram que “os blindados levaram seus soldados a agir com mais determinação e que a simples existência desse maior poder de combate reduziu a cinética de suas operações” (OLIVER, 2011 p. 10).

Os meios blindados têm o poder dissuasório, em virtude da robustez das Vtr Bld, potência de fogo e conseqüente ação de choque, criando um efeito psicológico extremamente favorável e dissuasório (MESQUITA, 2009). O que para uma missão como a MINUSTAH torna-se imprescindível, permitindo por vezes a resolução de crises sem a utilização de nenhum tipo de armamento, utilizando-se somente a ameaça proporcionada pela presença das Vtr Bld.

No contexto das Operações de Paz parece que não há dúvidas quanto à empregabilidade dos meios blindados, mas no que se refere ao emprego convencional, contra forças irregulares existem divergências. Algumas opiniões de outros exércitos, como o dos EUA, analisam o uso de blindados em determinados conflitos:

[...] as forças mecanizadas vêm exercendo um papel cada vez menor em favor das Grandes Unidades de Infantaria. Contudo, embora essa improvisação tenha sua validade no atual ambiente operacional, ela desconsidera a utilidade de forças blindadas na guerra irregular e pressupõe, implicitamente, que, no futuro, os blindados não serão necessários. A doutrina do Exército para o combate contra forças irregulares deveria incluir o emprego de forças mecanizadas, e o treinamento deveria incorporar o emprego dessas tropas em todos os tipos de conflito armado (OLIVER, 2011 p. 2).

Nesse caso percebe-se que se trata de um juízo que leva em consideração um ambiente operacional típico do Oriente Médio. Oliver (2011) aponta que, embora exista uma grande dificuldade em proporcionar todo o encargo logístico para as tropas blindadas, além da limitada possibilidade de emprego em ambientes de

guerra irregular, as forças mecanizadas não podem ser descartadas desse tipo de operação. Nesse contexto, os blindados em questão são do modelo M1A1 Abrams, utilizados pelo Corpo de Fuzileiros Navais no Afeganistão, carro de combate sobre lagartas, com características semelhantes aos Leopard 1 A5, que mobilizam atualmente os Regimentos de Carros de Combate e os Regimentos de Cavalaria de Blindados do Exército Brasileiro.

“As forças blindadas e mecanizadas podem exercer um papel significativo por todo o espectro do combate, incluindo o combate contra forças irregulares (OLIVER, 2011, p. 3)”.

[...] exércitos de renomada competência, como o dos Estados Unidos e de Israel não prescindem do emprego desses meios, [...] para combaterem dentro de cidades, como foi o caso de Bagdá e Gaza. Essa opção está relacionada ao fato de que as tropas leves não possuem as características desejáveis a execução de ações rápidas e agressivas, imprescindíveis a qualquer tipo de combate e em especial ao combate urbano (MESQUITA, 2009, p. 06).

“As forças blindadas e mecanizadas provaram seu valor na guerra irregular, mas parece que isso foi esquecido por vários analistas que estudam a composição das Forças do futuro” (OLIVER, 2011, p. 6). Tal observação pode ser levada em consideração como uma razão para a permanência da presença das tropas blindadas nas operações na MINUSTAH. A redução da violência contra a tropa ocorrida com o passar dos anos de atuação da Missão, não deve negligenciar o emprego dos meios blindados disponíveis.

Fica clara, de acordo com as considerações apresentadas, a importância da presença de tropas mecanizadas em qualquer tipo de conflito, particularmente em ambientes urbanos. Por mais que a situação esteja sob controle, os blindados sempre farão parte das soluções dos conflitos, seja por meio da ação de choque ou da dissuasão. O que reforça a permanência e a atuação do Esqd F Mec F Paz no BRABAT, bem como em outras empreitadas de nossas Forças Armadas, na intermediação da Paz.

2.3.2 Aspirações brasileiras na MINUSTAH

Desde quando o Brasil se prontificou junto à ONU em manter sempre uma tropa em prontidão, capaz de ser empregada em poucas semanas, em condições de atuar sob a égide das Nações Unidas, devemos estar preparados para desafios

semelhantes ao do Haiti, como pode ser compreendido na declaração a seguir:

[...] o País, há cerca de dez anos, aderiu ao *United Nations Stand-by Arrangements System* (UNSAS), comprometendo-se a manter duas unidades capazes de formar batalhões de proteção com 850 militares cada, sendo uma da Marinha (Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais) e outra do Exército, além de Unidades Médicas Nível II (UNMD), todas capazes de serem empregadas em prazo de trinta dias após seu acionamento oficial (BRAGA, 2010, p. 18).

Os efetivos militares, oriundos das Forças Armadas, atuantes em operações de paz, precisam estar preparados para realizar missões distintas das quais são realmente preparados, tendo em vista que a figura do inimigo não existe em uma missão de paz, mas sim partes em desarmonia, onde os soldados utilizam a força, quando necessário, exigindo um elevado grau de preparo, adaptabilidade e de flexibilidade no cumprimento da missão (LESSA, 2007).

A forma de atuação na MINUSTAH representará para o Brasil uma importante transição entre as tradicionais operações de manutenção de paz, das quais o País havia participado anteriormente, e as robustas operações atualmente em andamento (BRAGA, 2010, p. 22).

O uso da força em operações de paz é um fato considerável e por vezes necessário. Em outras missões como no Líbano, Congo e Sudão, o grau de uso da força sempre superou o grau empregado pela MINUSTAH, até mesmo nos períodos mais críticos de atuação das gangues armadas em Porto Príncipe, de 2005 a 2007 (BRAGA, 2010).

Para Lessa (2007), quando o Exército Brasileiro realiza operações de manutenção da paz, age como precursor da política externa brasileira, angariando benefícios para a Força Terrestre, onde o exercício da liderança, nos diversos níveis, perante situações de crise, a exemplo da MINUSTAH, fortalece os Oficiais e Praças, desenvolvendo um alto nível de preparo em tempo de paz. “A experiência acumulada durante mais de três meses em operações no local facilitava o processo, sendo muitas ações dos bandos armados bastante previsíveis” (SANTOS, 2007, p. 57).

“Desde 2004, a MINUSTAH criou um ambiente de segurança e estabilidade, permitindo que a transição política ocorresse” (KEEN et. al, 2010, p. 22). Tal consideração reflete a significativa redução da violência, que ameaçava a estabilidade política do Haiti, fruto do trabalho da MINUSTAH. A posse de *Cité Soleil* pelos soldados brasileiros permitiu que, em 2008, agências e ONGs prestassem assistência humanitária livre das ameaças das gangues.

As eleições para o senado em abril de 2009 marcaram outro passo no

desenvolvimento democrático do Haiti. A MINUSTAH é reconhecida por seu apoio contínuo ao processo eleitoral do Haiti e por auxiliar o governo do país em intensificar seus esforços para promover um diálogo político em que todas as vozes possam falar e ser ouvidas (KEEN et al, 2010, p. 22).

Para o Exército, o legado da MINUSTAH está nos ensinamentos colhidos desde a seleção dos efetivos até a desmobilização, vivenciados na execução da logística combinada, na utilização constante de equipamentos e armamentos modernos, e da análise do estado moral e sanitário da tropa (CUNHA, 2008). Atividades inviáveis de serem realizadas pelo Exército Brasileiro em tempo de paz, na mesma proporção das ações para o preparo e o envio dos diversos contingentes brasileiros ao Haiti.

O trabalho conjunto entre Marinha, Exército e Aeronáutica no planejamento logístico de grande envergadura para a MINUSTAH vem sendo uma oportunidade ímpar na história de nossas Forças Armadas, demonstrando a capacidade de mobilização em caso de conflito, testando a capacidade de comando e controle e oferecendo uma oportunidade de conhecer e melhorar as deficiências das três Forças (LESSA, 2007).

Pinheiro (2011) atribui todo o sucesso perante as adversidades encontradas no Haiti à coragem e o desprendimento dos oficiais brasileiros, demonstrando adaptabilidade perante situações inusitadas e perigosas, com a capacidade de ter boas iniciativas no controle de crises.

[...] somar à experiência diplomática e à tradição brasileira de solução pacífica de conflitos, a educação sistematizada e fundamentada pelos conceitos do multiculturalismo e dos estudos para a paz, pode traduzir-se em mais uma estratégia para a projeção internacional do Brasil, capaz de consolidar, também, por meio da participação em missões de paz, o peso específico do País no entendimento e nas negociações multilaterais (COSTA, 2008, p. 53).

2.3.3 Do Haiti para o Complexo do Alemão

No final do ano de 2010, a cidade do Rio de Janeiro foi assombrada por uma onda de violência do crime organizado que indicava que a segurança pública estava falida às vésperas de grandes eventos internacionais como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas em 2016. Após a solicitação das tropas federais ao Ministério da Defesa, pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, o Comando Militar do Leste (CML) iniciou a maior operação interna de pacificação da Força Terrestre desde as ações de Duque de Caxias, no século XIX (MARQUES, 2012).

Segundo Anjos (2011), a atuação das forças policiais com o apoio dos blindados do CFN, durante a ocupação do Complexo do Alemão, em 28 de novembro de 2010, constituiu-se de uma reação rápida e robusta. A surpresa poupou tempo e vidas. Durante a ação, coube ao Exército realizar o cerco do Complexo do Alemão. Os blindados da Marinha, de modelos VBTP M113 e CLANF, proporcionaram a proteção blindada para o Batalhão de Operações Especiais (BOPE) poder ultrapassar os obstáculos lançados pelos criminosos e adentrar na Vila Cruzeiro. As VBTP Urutu e as VBR Cascavel do 15º Regimento de Cavalaria Mecanizado (15º R C Mec) operaram predominantemente no cerco.

Quanto ao emprego dos meios blindados para invadir as diversas comunidades do Complexo do Alemão, o CFN cedeu somente as Vtr e seus motoristas, realizando o transporte dos policiais ao interior dos objetivos, refazendo algumas levadas (ANJOS, 2011).

A necessidade dos meios mecanizados em operações de GLO é indispensável, visto que podem ser amplamente empregados devido ao seu poder dissuasório e a proteção blindada que proporcionam à tropa, além de ser um forte elemento de demonstração de força, e ainda servir como plataforma de difusão de informações à população em campanhas psicológicas, podendo ser utilizados em postos de bloqueio e controle de vias urbanas, ou mesmo para ações de investimento, se for o caso (BRASIL, 2010, p. 6-8).

O emprego dos meios mecanizados em operações internas não é algo novo, dentro do histórico da participação das Forças Armadas na segurança pública. No Apêndice “D” deste trabalho encontra-se um breve resumo sobre algumas atuações dos meios mecanizados do Exército Brasileiro em operações de GLO.

Marques (2012) aborda a ocupação do Complexo do Alemão pelas Forças Armadas, descrevendo a evolução dos acontecimentos e ilícitos que levaram ao seu emprego, por meio das Diretrizes Ministeriais Nr 14 (Operação Chivunk) e Nr 15 (Operação Arcanjo) em 2010. Expondo o processo de pacificação das comunidades, Marques (2012) faz algumas considerações pertinentes a presente abordagem. Antes mesmo da ação coordenada dos criminosos no Rio de Janeiro, foram adotadas, pela Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, algumas medidas estratégicas de ocupação dos redutos de criminosos, a exemplo da instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), que foram inspiradas em procedimentos adotados pelas tropas brasileiras no Haiti, na ocupação de Pontos

Fortes, localizados em posições estratégicas dos redutos das gangues haitianas, onde a permanência definitiva da tropa irradiava poder em todas as direções, inibindo ações criminosas nas adjacências.

Segundo Anjos (2011), aproximadamente 60% dos militares empregados pelo Exército na operação de cerco ao Complexo do Alemão, em algum momento, já havia participado da missão de paz no Haiti, possuindo a experiência necessária para a conquista e manutenção de territórios ocupados por criminosos.

Um dia após a ocupação do Complexo do Alemão, o governador Sérgio Cabral anunciou que já conseguiu do Ministério da Defesa a garantia de que o Exército poderá permanecer por sete meses no conjunto de favelas até que o Alemão e a Vila Cruzeiro ganhem Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Enquanto cerca de sete mil PMs forem treinados, militares do Exército serão responsáveis pelas operações de cerco, buscas e patrulhamento das favelas. Os soldados que estão nas duas comunidades passaram pelo Haiti e têm experiência em ocupações (RESENHA, 2010, p.1)

De acordo com Vasconcelos (2010, p. 2) a operação no Complexo do Alemão e na Vila Cruzeiro, somada aos desafios do poder público, aproximou o Rio de Janeiro do Haiti, pela presença dos soldados brasileiros realizando operações de cerco, dotados da experiência no país caribenho, portanto, treinados em operações desta natureza. No Haiti, a solução de pacificação de bairros se deu com a instalação de Pontos Fortes, bases permanentes no interior das comunidades, que inspiraram as atuais UPP na cidade do Rio de Janeiro. A presença cerrada dos soldados com a população haitiana rendeu a tropa brasileira o apelido de “*bom bagay*” (gente boa em *creole*).

Nove meses separaram a atuação no Haiti até o confronto com traficantes que se aquartelavam no Complexo do Alemão. Há 25 anos no Grupamento de Fuzileiros Navais, o capitão de corveta Ricardo Luiz Baptista Cardoso, de 45 anos, esteve à frente do comando de 17 carros de combate, essenciais para que a força policial pudesse chegar a locais de difícil acesso no Complexo do Alemão: — Foi grande a satisfação de ter o dever cumprido ao participar desta missão (RESENHA, 2010 p.3).

Para Bastos (2007), a experiência do Haiti vem sendo muito proveitosa para o Exército Brasileiro, porém fica nítida a necessidade de uma Vtr blindada 4X4, em quantidade considerável, que atenda às necessidades internas de emprego da tropa, em missões de GLO e de apoio aos OSP, contra a forte onda de criminalidade, nas grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, bem como proporcione meios para bem atuar em Op Paz.

À primeira vista, as experiências das Forças Armadas no Haiti estão sendo aproveitadas em missões internas, como em Operações de Garantia da Lei e da

Ordem, apoio de eleições em pontos críticos e a recente pacificação de comunidades da cidade do Rio de Janeiro, onde a presença dos meios mecanizados se fez necessária. Embora exija uma atualização de seus meios, a fim de estar à altura de força que o Brasil precisa.

3. METODOLOGIA

Esta seção se destina a apresentar detalhadamente o caminho que foi seguido para alcançar os objetivos da presente pesquisa, discriminando os procedimentos utilizados para abordar os indivíduos atingidos por este estudo, que permitiram a coleta de informações pertinentes para as respectivas análises, que contemplou não só a fase de exploração de campo, como a escolha do espaço da pesquisa, a seleção dos grupos de pesquisa, o estabelecimento dos critérios de amostragem e a construção de estratégias para entrada em campo, como também a definição de instrumentos e procedimentos para análise dos dados.

O presente estudo foi desenvolvido por meio de um processo científico e calcado em procedimentos metodológicos. Assim, nesta seção, será apresentado de forma clara como o problema elencado no item 1.1 pode ser solucionado, bem como quais critérios, estratégias e instrumentos foram utilizados no decorrer deste processo de solução e as formas pelas quais foram utilizados.

O caminho percorrido pela presente pesquisa teve seu início na revisão teórica do assunto, através da consulta bibliográfica a trabalhos científicos (artigos, trabalhos de conclusão de curso e dissertações), publicações em periódicos e revistas a qual prosseguiu até a fase de análise dos dados coletados neste processo (discussão de resultados). Em paralelo à revisão bibliográfica foram realizados questionários junto aos militares, que participaram da missão da Paz no Haiti, até o 11º contingente, como comandantes de pequenas frações do Esqd Fuz Mec F Paz (Cmt Pel, Adj Pel e Cmt GC/GO), Oficiais responsáveis pelo emprego do Esqd Fuz Mec F Paz (Cmt/SCmt BRABAT, G3/Aux G3, Cmt/SCmt Esqd) e Oficiais de Operações das OM de Cavalaria do Exército Brasileiro.

Todos estes procedimentos permitiram complementar parte da lacuna de informações disponíveis sobre a participação do Esqd Fuz Mec F Paz, em solo haitiano, até o grande terremoto no Haiti do ano de 2010, com o objetivo de documentar as melhores práticas, mesmo que de maneira teórica, visto que as características de cada contingente foram peculiares a cada momento da missão, e aqui representam a visão de alguns protagonistas. Desta forma foi possível concluir sobre as contribuições para a tropa mecanizada de nosso Exército, após a participação dos Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti.

Assim, para um melhor encadeamento das idéias, esta seção foi dividida nos

seguintes tópicos: Objeto Formal de Estudo, Amostra, e Delineamento de Pesquisa.

3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO

O presente estudo pretendeu analisar o emprego do Esqd Fuz Mec F Paz, desde a criação da MINUSTAH até o terremoto de 12 de janeiro de 2010, como forma de contribuição para o aperfeiçoamento do emprego dos meios mecanizados nas diversas missões da Força Terrestre. Dentro do amplo campo da Doutrina de Operações de Paz, este estudo abordou os ensinamentos e experiências vivenciadas pelos militares que integraram ou participaram das ações de emprego nos onze (11) primeiros contingentes do Exército Brasileiro, que compuseram os primeiros Esqd Fuz Mec F Paz, alcançando os Oficiais e Sargentos que desempenharam funções de comando de tropa no Haiti.

Quanto a essa experiência, este trabalho pretendeu coletar as contribuições advindas da MINUSTAH para a Tropa Mecanizada brasileira, bem como documentou as vivências dos primeiros contingentes, com relação às situações de uso da força, emprego dos meios blindados, conhecimento técnico e tático, adquiridos e aplicados em outras oportunidades profissionais.

Os dados referentes às experiências dos Oficiais e Sargentos de Cavalaria, possuidores de experiência no comando de pequenas frações de tropa no Haiti foram obtidos por meio de resposta de questionário *online*, confeccionado para a presente pesquisa, como meio de captação de informações de fácil acesso e maior abrangência ao universo a ser atingido.

Para controlar esses dados, com o objetivo de comparar as informações das experiências individuais vivenciadas, foi coletado também, por meio de um segundo questionário, que foi respondido pelos S3 das OM operacionais de Cavalaria, o que permitiu traçar o perfil de desempenho dos militares que integraram o Esqd Fuz Mec F Paz, abordando também as contribuições para as respectivas OM, com relação ao emprego e melhoria na instrução militar da tropa. Essas informações foram obtidas por meio de um segundo questionário *online*, com a finalidade de facilitar a coleta dos dados.

Para complementar todo o rol de conhecimento que este trabalho se propôs a atingir, foram realizadas entrevistas, por meio de um terceiro questionário, com

antigos comandantes e subcomandantes do BRABAT, oficiais de operações (G3) e auxiliares, e comandantes e subcomandantes do Esqd Fuz Mec. Tal entrevista também foi aplicada por meio de entrevista eletrônica através da *internet*, o que facilitou a coleta de dados.

Quanto aos assuntos técnicos relacionados às adaptações das VBTP Urutu e ao adestramento da tropa mecanizada, foram coletadas informações junto ao Centro de Instrução de Blindados e o Arsenal de Guerra de São Paulo, por meio de entrevista que teve por finalidade complementar as informações relativas ao presente trabalho. As informações coletadas diretamente no Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil contribuíram para enriquecer a revisão de literatura sobre o assunto.

O estudo dos questionários foi limitado ao consentimento voluntário da participação por parte de todos os militares envolvidos, bem como à motivação dos sujeitos em contribuírem com a pesquisa e o fornecimento de informações pessoais, tendo em vista que a coleta foi desenvolvida em ambiente virtual.

A coleta de dados por meio de entrevista também foi limitada ao consentimento voluntário da participação dos militares envolvidos, bem como da disponibilidade das diversas Organizações Militares, para colaborar com o tema da presente pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa de campo, baseada parcialmente em experiências e pontos de vista de militares que fizeram parte da história da atuação do Esqd Fuz Mec F Paz, a análise das respostas exigiu critérios críticos com relação ao conteúdo das informações, tendo em vista minimizar observações que denotaram nostalgia, com relação a essa experiência profissional, evitando assim contaminar esta pesquisa.

Em contrapartida, as observações dos S3 das OM Operacionais da Arma de Cavalaria, abordou conceitos e observações gerais em relação aos militares que estiveram no Haiti, atingindo as contribuições advindas dessa experiência, colaborando para elencar o verdadeiro legado dessa experiência ao Exército Brasileiro.

Determinando as variáveis envolvidas no presente estudo, onde as boas práticas e ensinamentos colhidos com a utilização dos meios mecanizados ao longo da MINUSTAH representam **“o emprego dos Esquadrões de Fuzileiros Mecanizados de Força de Paz no Haiti”** apresenta-se como a variável independente, tendo em vista que se espera que a sua análise exerça efeito

significativo sobre a variável dependente, que se caracteriza pela influência desses ensinamentos para as “**contribuições para a Tropa Mecanizada**”.

Em função das peculiaridades do presente estudo, que buscou tornar as experiências do emprego de uma tropa específica, em dados passíveis de mensuração, se fez necessário definir as variáveis qualitativas deste estudo.

VARIÁVEL	DIMENSÕES	INDICADORES	FORMA DE MEDIÇÃO	
Emprego dos Esquadrões de Fuzileiros Mecanizados de Força de Paz	Patrulhas Mecanizadas	Tempo de duração (em horas)	Questionário A Nr 4	
		Distâncias Percorridas (em Km) em uma semana	Questionário A Nr 5	
		Número de VBTP utilizadas	Questionário A Nr 6	
		Valor empregado	Questionário A Nr 7	
		Principais incidentes ocorridos durante as patrulhas	Questionário A Nr 8	
			Questionário C	
	Objetivo do patrulhamento	Questionário A Nr 9		
	Emprego da Força	Emprego de munição não letal	Questionário A Nr 10	
		Uso de granadas de efeito moral	Questionário A Nr 11	
		Uso da dissuasão	Questionário A Nr 12	
		Uso da força letal	Questionário A Nr 13	
		Tipos de ameaças	Questionário A Nr 14	
			Questionário C	
		Uso da Mtr MAG	Questionário A Nr 15	
	Feridos por disparos da F Adv	Questionário A Nr 16		
	Adaptações da VBTP	Possibilidades da lâmina limpa trilhos	Questionário A Nr 17	Questionário C
		Possibilidades da proteção blindada do atirador da MAG	Questionário A Nr 18	
		Possibilidades da proteção blindada do motorista da VBTP	Questionário A Nr 19	
		Utilização de sacos de areia	Questionário A Nr 20	
	Emprego em Operações	Número de operações nível SU	Questionário A Nr 21	Questionário C
		Número de operações nível U	Questionário A Nr 22	
	Procedimentos Operacional Padrão (POP)	Condutas nível Esqd	Questionário A Nr 23	
		Condutas nível Pel	Questionário A Nr 24	

QUADRO 4- Definição operacional da variável independente da pesquisa

FONTE: O autor

Da mesma forma, as variáveis dependentes “contribuições para a tropa mecanizada” puderam contemplar inúmeras possibilidades, exigindo sua discriminação em função do foco do presente estudo.

VARIÁVEL	DIMENSÕES	INDICADORES	FORMA DE MEDIÇÃO		
Contribuições para a Tropa Mecanizada	Adestramento em Op GLO	Mudanças na Instrução Militar	Questionário B Nr 4		
		Emprego de Blindados em Op GLO	Artigos em periódicos e páginas da internet		
			Questionário B Nr 5		
	Modernização das Vtr Bld	Utilização de adaptações nas VBTP de OM Mecanizadas	Questionário B Nr 6		
		Continuidade na evolução das adaptações da VBTP Urutu	Entrevista ao Arsenal de Guerra de São Paulo		
		Reflexos para as futuras VBTP	Entrevista ao CIBld		
	Doutrina de emprego de blindados em Operações de Paz	Programa de adestramento do Pel Fuz Mec F Paz	Coleta de dados no Centro Conjunto de Operações de Paz		
		Adoção de POP no adestramento das frações mecanizadas	Questionário B Nr 7		
		Instrução de técnicas especiais em combate urbano	Questionário B Nr 8		
		Adestramento da fração mecanizada	Questionário B Nr 9		
	Aperfeiçoamento profissional	Capacidade de Liderança	Questionário B Nr 10	Questionário C	
		Conhecimento profissional	Questionário B Nr 11		

QUADRO 5 - Definição operacional da Variável dependente da pesquisa

Fonte: O autor

Com a finalidade de direcionar a coleta de dados e informações, foram definidos os indicadores que permitiram uma avaliação efetiva das dimensões das variáveis apresentadas. Os indicadores levantados para as diversas dimensões da qualidade elencadas para a variável independente possibilitaram uma avaliação das dimensões desta qualidade e estão relacionados num contexto de causa-efeito aos indicadores levantados para a variável dependente. Desta forma, a medição de tais indicadores levou ao estabelecimento de uma relação lógica entre a variável dependente e a variável independente.

Quanto aos indicadores levantados para as dimensões da qualidade relacionadas para a variável dependente, estes permitiram a avaliação das

qualidades e, também, a observação da relação de causa-efeito estabelecida com os indicadores da variável independente.

3.2 AMOSTRA

Para o levantamento das contribuições apontadas pelos militares com experiência na missão de paz no Haiti, foi alcançado no primeiro grupo, 31 (trinta e um) militares, entre oficiais (18) e sargentos (13), que exerceram funções de comando de pequenas frações no Esqd Fuz Mec F Paz, desde o início da MINUSTAH, em 2004 até o 11º Contingente do BRABAT, em janeiro de 2010. A quantidade atingida foi fruto da voluntariedade e disponibilidade dos militares em participar da pesquisa, bem como da capacidade deste pesquisador em localizar os militares que se enquadram nesse universo.

Apesar da especificidade apresentada, os critérios de inclusão do primeiro grupo foram os seguintes:

- ser voluntário para participar do presente estudo;
- ter exercido funções de comando de tropa como Cmt Pel, Adj Pel ou Cmt GC no Esqd Fuz Mec F Paz;
- ter exercido essas funções no período compreendido entre início da MINUSTAH, em 2004 e janeiro de 2010 (do 1º ao 11º contingente das tropas brasileiras no Haiti);

Para reunir informações que contemplassem as variáveis dependentes da presente pesquisa, ratificando as contribuições para a tropa mecanizada, foi selecionado um segundo grupo, composto pelo universo dos Oficiais de Operações (S3) das OM operacionais de Cavalaria. Foi enviado por meio de Documento Interno do Exército (DIEx) Nr 1954 C CAV/EsAO, de 27 de maio de 2013, o pedido de colaboração para a presente pesquisa para todas as OM Operacionais de Cavalaria do Exército Brasileiro, obtendo-se o retorno de 10 (dez) colaborações.

Como critérios de inclusão do segundo grupo, os militares atenderam aos seguintes requisitos:

- foram voluntários para participar do presente estudo;
- exerceram a função de S3 em OM da Arma de Cavalaria;
- serviram em OM operacionais da arma de Cavalaria que enviou tropa para o

Haiti, ou possuem em seu efetivo, militares com essa experiência;

Tendo em vista que o foco da presente pesquisa é o emprego do Esqd Fuz Mec F Paz, se fez necessário coletar informações dos antigos comandantes e subcomandantes do BRABAT, Oficiais de Operações (G3), seus auxiliares, e os comandantes e subcomandantes do Esqd Fuz Mec, com o objetivo de traçar as características do emprego dessa tropa, em cada período. Dentro desse universo, foi possível reunir 10 (dez) colaboradores, visto que a participação desse grupo dependeu da voluntariedade e disponibilidade desses militares, bem como da viabilidade em localizar os participantes que se enquadraram nesse universo.

Para alcançar tal propósito, essa amostra foi constituída de:

- 2 (dois) Comandantes ou Subcomandantes de BRABAT até o 11º contingente, inclusive;

- 2 (dois) Oficiais de Operações ou Oficiais Auxiliares de Operações (G3) até o 11º contingente, inclusive;

- 6 (seis) Comandantes ou Subcomandantes de Esqd Fuz Mec F Paz ;

Como critérios de inclusão da amostra, esses militares deverão atender os seguintes requisitos:

- serem voluntários para participar do presente estudo;

- ter participado de um dos diversos Contingentes Brasileiros de Força de Paz no Haiti, até janeiro de 2010, do 1º ao 11º Contingente, inclusive.

3.3 DELINEAMENTO DE PESQUISA

A pesquisa desenvolvida foi do tipo qualitativo, baseado primordialmente na pesquisa bibliográfica e documental a trabalhos científicos relacionados ao tema abordado em artigos científicos publicados em outros veículos nacionais e estrangeiros, desde que possuidores de relevante credibilidade, em livros e manuais de campanha em uso pelas Forças Armadas.

Assim foi realizada uma pesquisa aplicada de cunho qualitativo descritivo por meio de um estudo de caso com delineamento experimental valendo-se do método indutivo para generalizar os resultados obtidos para os integrantes da população objeto.

Além da pesquisa bibliográfica e documental, foram aplicados questionários,

aos militares elencados no item 3.2 sobre aspectos relacionados ao emprego do Esqd Fuz Mec F Paz, de relevância para o estudo em tela, bem como foram enviadas entrevistas ao Centro de Instrução de Blindados (CI Bld) e ao AGSP, com a finalidade de complementar o estudo em tela.

3.3.1 Procedimentos para a revisão da literatura

Para a definição de termos, redação do Referencial Teórico, e estruturação de um modelo teórico de análise que viabilizou a solução do problema de pesquisa, foi realizada uma revisão de literatura nos seguintes moldes:

a. Fontes de busca

- Artigos científicos das bases de dados do Google Acadêmico e do SciELO;
- Livros e monografias da Biblioteca da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e da Biblioteca da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército;
- Monografias do Sistema de Monografias e Teses do Exército Brasileiro;
- Periódicos, Livros, Arquivos, Relatórios e Revistas nacionais e internacionais de assuntos militares; e
- Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil.

b. Estratégia de busca para as bases de dados eletrônicas

Foram utilizados os seguintes termos descritores: "*MINUSTAH, operações de paz no Haiti, tropas mecanizadas, emprego de blindados*", respeitando as peculiaridades de cada base de dado.

Após a pesquisa eletrônica, as referências bibliográficas dos estudos considerados relevantes foram revisadas, no sentido de encontrar artigos não localizados na referida pesquisa.

c. Critérios de inclusão:

- Estudos publicados em português, inglês, ou espanhol.
- Estudos publicados a partir do ano 2000.
- Estudos qualitativos que descrevem experiências das Nações Unidas em Operações de Paz.

- Artigos relativos à participação brasileira na MINUSTAH.
- Artigos relativos participação do Brasil na ONU.

d. Critérios de exclusão:

- Estudos com desenho de pesquisa pouco definido e explicitado.
- Estudos que reutilizam dados obtidos em trabalhos anteriores.
- O emprego do Esqd Fuz Mec F Paz, após o 11º Contingente, uma vez que o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti, provocou uma mudança das características da missão, que vai de encontro com a presente pesquisa.

3.3.2 Procedimentos metodológicos

Para elaborar o presente estudo utilizando os dados obtidos com o maior grau de confiabilidade, exigido pela metodologia da pesquisa científica, foram adotados os procedimentos metodológicos a seguir discriminados.

Com relação à revisão da literatura, foram atendidos os procedimentos descritos no item 3.3.1 deste estudo, onde os dados coletados já estão presentes no item 2 com as respectivas observações do autor, utilizadas para as análises constantes no item 3.3.4, compilando as informações e observações coletados nos questionários, aplicados à amostragem pelo item 3.2.

As atividades de coleta de dados dos três grupos ocorreram através do envio de *e-mails*, os quais solicitavam a colaboração para a presente pesquisa, já incluindo os respectivos *links* de entrevistas, todas elaboradas na plataforma de formulário disponível do site *google docs*, confeccionados por este autor. O que fez com que os voluntários tivessem acesso, por meio da disponibilidade dos endereços eletrônicos abaixo discriminados:

- para a coleta de dados dos militares que exerceram o comando de tropa no Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti, foi disponibilizado o seguinte endereço eletrônico, onde puderam acessar e enviar suas informações relativas à presente pesquisa:

<https://docs.google.com/spreadsheet/viewform?fromEmail=true&formkey=dFRXbERuUmVyTkZ6R2s2RVVuTUhIUWc6MQ>

- para a coleta de dados dos S3 das OM operacionais de Cavalaria, foi disponibilizado o seguinte endereço eletrônico, onde puderam acessar e enviar suas

informações relativas a presente pesquisa:

<https://docs.google.com/spreadsheet/viewform?fromEmail=true&formkey=dEFwd3JEU1ZTVlgzdGd2aTV1ZEc1NVE6MQ>

As entrevistas destinadas ao universo dos Cmt ou S Cmt do BRABATT, G3 ou Aux de G3, e Cmt ou S Cmt de Esqd, também foram realizadas por meio do programa *google docs*, o que facilitou a coleta de dados, tornando maior o alcance do universo almejado.

- para a coleta dessas informações, a entrevista esteve disponível no seguinte endereço eletrônico:

<https://docs.google.com/spreadsheet/viewform?fromEmail=true&formkey=dGZCN1ZFnmk1emt2RU9DWTIzNnVYVmc6MQ>

O programa utilizado gratuitamente proporcionou o armazenamento das informações em um banco de dados online, com as respostas dos participantes, quantificando as informações disponibilizadas.

Já os dados técnicos almejados do AGSP e do CIBId foram obtidos por meio de formulários de coleta de dados encaminhados por e-mail pelo autor.

As respectivas entrevistas complementares, com o AGSP e o CIBId encontram-se nos seguintes endereços eletrônicos:

<https://docs.google.com/forms/d/1QOvaUkqs123V3YHrvX6MBjo0GzW7OcffCz265cyWdxU/viewform>

<https://docs.google.com/forms/d/1SjCWcEc6vxlmQt8tlWst2quPD-EWbB4-7vbbXuDWdAA/viewform>

Os dados disponíveis no CCOPAB foram coletados pessoalmente por este autor, e já foram abordados constando no item 2.

Os resultados obtidos foram organizados e tabulados de forma lógica a fim de viabilizar sua crítica, comparação e seguinte análise, na busca de resultados que fundamentaram as conclusões que permitiram atingir os objetivos propostos.

3.3.3 Instrumentos

Os instrumentos utilizados por este estudo foram as entrevistas e os questionários. As entrevistas contemplaram militares voluntários do CIBId e do AGSP. Os questionários foram realizados, voluntariamente, pela amostragem do presente estudo já descrita no item 3.2.

As entrevistas foram respondidas por militares especializados do AGSP e do CIBId, estando esses questionamentos anexados nos Apêndices “F” e “G”, respectivamente, do presente trabalho. Essa coleta permitiu reunir dados a cerca dos indicadores levantados, que pudessem influir na análise e elaboração das conclusões.

Os questionários foram elaborados com perguntas mistas, tendo em vista a pouca disponibilidade de fontes de consulta, bem como a inexistência de doutrina sobre o assunto. Tal fato contemplou o objetivo de obtenção de respostas completas, fruto da riqueza profissional dos colaboradores, permitindo a obtenção de experiências importantes. Observou-se que a análise da parte fechada da pergunta já permitiu a realização das estatísticas necessárias à execução das análises, já a parte aberta forneceu detalhes que valorizaram os resultados obtidos.

A mensuração das variáveis, “o emprego dos Esqd Fuz Mec F Paz” e “as contribuições para a tropa mecanizada”, foi realizada por meio de análise dos bancos de dados, alimentados pelos três grupos que compuseram esta pesquisa:

- Grupo A: Cmt de pequenas frações Fuz Mec F Paz;
- Grupo B: S3 da OM operacionais de Cavalaria;
- Grupo C: Cmt/ S Cmt BRABATT, G3/Aux e Cmt/ SCmt Esqd Fuz Mec F Paz;

Os modelos de coleta de dados desses três universos encontram-se em Apêndices desse estudo.

Com a finalidade de elaborar os instrumentos de coleta de dados da presente pesquisa, foi concebido, inicialmente, um pré-teste, onde foram elencadas questões relativas ao emprego do Esqd Fuz Mec F Paz, de interesse deste estudo. O procedimento experimental contou com a participação de 38 militares, entre Oficiais e Sargentos, que estiveram no Haiti e trabalharam com o Esqd Fuz Mec F Paz, respondendo questões quanto ao emprego dessa fração, expondo suas experiências e impressões particulares. Sem a divisão do universo da amostra, houve uma considerável discrepância com relação à interpretação dada pelos comandantes de pequenas frações e os demais militares em funções de Oficiais Superiores, da mesma forma que algumas questões se mostraram inadequadas a determinados universos.

Tal procedimento foi fundamental para expor a necessidade de uma divisão das amostras e uma reformulação das questões, separando as informações em questionários para os grupos “A”, “B” e “C”, mencionados anteriormente.

3.3.4 Análise dos dados

A análise sobre os dados obtidos por meio da revisão de literatura, entrevistas e questionários foi realizada de maneira lógica, permitindo a obtenção de conclusões coerentes.

Em virtude dos dados obtidos nos questionários e entrevistas refletirem o resultado de opiniões e depoimentos das experiências dos militares envolvidos na atuação do Esqd Fuz Mec F Paz, os conhecimentos produzidos foram analisados através de sua moda estatística, representando, portanto, o pensamento desenvolvido ou concebido pela maioria dos elementos da amostra. Estes dados foram apresentados através de gráficos e tabelas, de forma a facilitar ao leitor o entendimento de como tais dados foram utilizados na obtenção dos resultados apresentados nas conclusões.

As respostas de todos os questionários foram armazenadas em bancos de dados, permitindo traçar a evolução de cada contingente, com relação à variável independente, distinguindo as diferenças de cada fase, quanto ao emprego do Esqd Fuz Mec F Paz, a evolução dos meios disponíveis, o uso da força na operação de paz e o aprimoramento profissional dos militares (*peacekeepers*).

Já as informações coletadas no segundo grupo serviram de controle, para garantir a veracidade das informações disponibilizadas pelo primeiro grupo. Possibilitando chegar a um consenso sobre a variável dependente, que neste estudo compreende as contribuições para a tropa mecanizada.

As informações disponibilizadas pelo terceiro grupo completaram os aspectos referentes à variável independente e dependente.

Foram, então, realizadas correlações e análises conjuntas entre os resultados obtidos e os dados reunidos com a revisão de literatura, as quais proporcionaram um confronto entre todos esses dados, permitindo ao autor a eliminação de dados incoerentes e discrepantes. Também, fruto de tais análises, foi possível determinar a ocorrência ou não de implicação da variável independente sobre a dependente, permitindo a tabulação das frequências observadas e esperadas com vistas à aplicação do Teste Qui-Quadrado, a fim de se eleger a hipótese verdadeira, dentre as elencadas no subitem 1.3.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente seção tem por finalidade apresentar, analisar e discutir os resultados obtidos, por intermédio da revisão de literatura, a ser apresentada através das pesquisas aplicadas, e da estatística efetuada com as respostas reunidas por meio dos questionários aplicados na coleta das informações, a respeito do emprego do Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti, e como a MINUSTAH vem contribuindo para aperfeiçoar o Exército Brasileiro no exercício da liderança e do comando, sobre o emprego dos meios blindados, a evolução das adaptações do armamento e do equipamento utilizado, e principalmente, o judicioso uso da força letal e não letal. Estes resultados são os que permitirão a conclusão a ser apresentada no Capítulo 5.

Tais resultados foram relacionados ao objeto formal do estudo e ao seu objetivo geral e específicos, conforme o exposto nos capítulos 1 e 3, assim como a comprovação ou rejeição das hipóteses elencadas no subitem 1.3.

Os conhecimentos reunidos no presente estudo permitiram concluir que a missão de paz no Haiti contribuiu e ainda vem contribuindo para o desenvolvimento do emprego da Tropa Mecanizada, tanto para a Doutrina convencional, Operações de Garantia da Lei e da Ordem, quanto para o aperfeiçoamento da Força Terrestre em Operações de Paz. Sendo possível analisar quanto aos ensinamentos e experiências vivenciadas pelos militares que integram ou participaram das ações de emprego, até o 11º Contingente, dos Esqd Fuz Mec F Paz, reunindo-se um rol de ensinamentos, que podem contribuir para a evolução do emprego da Tropa Mecanizada.

Espera-se que a análise das informações disponibilizadas pelos grupos envolvidos na presente pesquisa esteja de acordo com a literatura atual, buscando documentar o emprego e as possibilidades do Esqd Fuz Mec F Paz, no nível tático das pequenas frações, sendo possível mensurar os conhecimentos desenvolvidos durante MINUSTAH, com o emprego dos meios blindados, em um ambiente urbano, nas operações de paz.

Por fim, esta análise pretende encontrar evidências que possam concluir que:

- a atuação do Esqd Fuz Mec F Paz, nos onze (11) primeiros contingentes no Haiti trouxe ou não resultados significativos para o aperfeiçoamento profissional de seus antigos integrantes e para a evolução do emprego da tropa mecanizada, particularmente em operações internas.

Quanto à aplicação dos questionários, percebe-se que por se tratar de uma atividade voluntária, existiu certa dificuldade em atingir um universo equilibrado, composto por militares de todos os 11 primeiros contingentes de maneira proporcional, visto que muito militares não possuem seu *e-mail* atualizado no *site* do Departamento Geral de Pessoal (DGP), ou mesmo não se dispuseram a participar do referido estudo. Verificou-se ainda, que houve uma diferença entre o número de questionários reunidos, em comparação ao quantitativo estipulado. Tais discrepâncias quantitativas, no entanto, não prejudicaram a realização do estudo pretendido.

As perguntas que denotam características específicas de cada momento ou período da MINUSTAH foram analisadas separadamente, por contingente. Assim, se uma questão se refere a fatos que ocorreram até determinado contingente, serão analisadas separadamente as considerações dos militares do 1º, 2º, 3º e assim sucessivamente até o 11º contingente.

Nas situações em que alguma resposta foi deixada em branco, o número total deste item é reduzido equitativamente. Ou seja, se um dos questionários foi respondido por 10 voluntários e dois desses não responderam um determinado item, o número total para fins de análise desse item passa a ser 8.

Para análise estatística das diversas perguntas propostas no presente trabalho, foi utilizado o software Microsoft Office Excel. Constatou-se que o número de casos de cada categoria de respostas foi significativamente diferente do que seria esperado apenas com base no acaso (significância da discrepância entre os resultados observados e esperados), sendo utilizado o teste estatístico Qui-quadrado (teste χ^2) com os respectivos graus de liberdade (g.l.), para um $p \leq 0,05$. Como este estudo envolveu em sua maioria de indagações, duas ou mais categorias de ocorrências e há mais de dois grupos de estudo (*two way*), foi utilizada, para esta análise, a tabela de contingência (THOMAS & NELSON, 2002), constante no Apêndice “H”.

4.1 AS CARACTERÍSTICAS DAS PATRULHAS MECANIZADAS DO ESQD FUZ MEC F PAZ NO HAITI.

Na presente sessão serão abordados os resultados obtidos com a revisão de literatura e com os questionários aplicados, com a finalidade de documentar as

características de uma das missões mais praticadas pelas tropas que integraram o Esqd Fuz Mec F Paz, até o 11º contingente, caracterizada pela dimensão “patrulhas mecanizadas”, de acordo com o Quadro 4 do item 3.1.

4.1.1 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura sobre a dimensão das patrulhas mecanizadas

De acordo com a revisão de literatura realizada, será possível identificar os aspectos característicos das missões de patrulha mecanizada realizados pelo Esqd Fuz Mec F Paz que serão comparados com os resultados obtidos pelo presente trabalho.

De acordo com a bibliografia disponível, evidenciou-se que a utilização das VBTP Urutu nas ações de patrulhamento, seja mecanizado ou misto, formando Forças Tarefas com os fuzileiros a pé, promove um efeito psicológico de dissuasão nas F Adv, além de serem indispensáveis na manutenção da ordem e nos deslocamentos em área vermelha, existentes até o 7º Contingente. O patrulhamento mecanizado teve por finalidade dissuadir, por meio da presença ostensiva da tropa blindada, exercendo uma ação inibidora às F Adv, transmitindo segurança para a população, além de ser uma tropa de choque dotada de alta mobilidade, capazes de serem empregadas rapidamente em qualquer ponto da Capital Haitiana (CIOPaz, 2006 b, p.19).

De acordo com Santos (2007), as VBTP URUTU transportavam a tropa em segurança e constituíam uma força de ação rápida em toda a área de responsabilidade do BRABAT, realizando patrulhamentos em locais críticos, sempre que possível, combinando o patrulhamento mecanizado com o patrulhamento a pé, ocupando pontos de observação em posições elevadas, utilizando o terreno edificado no itinerário do deslocamento da tropa, utilizando o apoio de fogo das Mtr MAG das VBTP para cobrir o deslocamento da tropa a pé nas posições elevadas, como lajes, fazendo uso da segurança mútua, entre o fuzileiro a pé e a tropa embarcada.

Especial atenção era dada aos deslocamentos nas pequenas vielas e ruas operadas pela tropa mecanizada, em funções da situação vulnerável que se deparavam os GC (CIOPaz, 2006 b, p.19) ao se deslocarem em estreitas ruas com edificações elevadas, situação que viabilizava atos hostis contra tropa, que iam

desde o lançamento de pedras e coquetéis *molotov*, até disparos de arma de fogo. Com relação à prevenção contra atos incendiários às frações mecanizadas, recomenda-se atenção com a disponibilidade dos extintores de incêndio das VBTP, bem como a existência de mantas VO, em condições de serem empregadas para abafar algum militar da guarnição vítima de algum coquetel *molotov* (CIOPaz, 2006 b, p.21)

Com relação à duração das patrulhas mecanizadas, Santos (2007, p.55) relatou que, na prática, o melhor rendimento se mostrou quando eram realizadas no tempo de 2,5 a 3 horas de duração. Peixoto (2012, p.61) se aproximou desse dado, relatando que as patrulhas duravam aproximadamente 3 horas e meia, e que ao final de uma semana de patrulhamento, cada grupo percorria toda a sua área de operações.

A nota de instrução de preparação do 6º Contingente (CIOPaz, 2006 b) apresenta aspectos importantes a serem cumpridos quanto a ação de patrulhamento mecanizado, como a atenção quanto a segurança mantida por ocasião dos desembarques, em todas as direções, mantendo-se um fuzileiro (Fuz) embarcado, além do atirador da MAG, para proporcionar segurança ao GC para a retaguarda da VBTP. A adição de blindagem visa a aumentar a proteção dos Fuz, a exemplo da colocação de sacos de areia ao redor das escotilhas, proporcionando proteção contra impactos diretos e ricochetes. (CIOPaz, 2006 b, p.20). Na operação *Bois Neuf* de 6 de julho de 2005, 12 sacos de areia foram perfurados por projéteis adversos (CCOPAB, 2010). Quanto às possibilidades do emprego noturno, a proteção blindada e a ação de choque dos Urutus são condições favoráveis a serem exploradas em ações de incursões em áreas dominadas pelas F Adv, ampliando o controle sobre a Z Aç do Btl, tendo o devido cuidado em aclimatar a tropa à escuridão antes da ação, e realizar a aproximação em escurecimento total, fazendo uso de dispositivos de visão noturna e holofotes para a identificação de alvos após a quebra do sigilo (CIOPaz, 2006 b, p.21).

Do exposto, foi possível perceber as diferenças quanto à utilização dos meios mecanizados, amplamente empregados nos primeiros contingentes, até meados de 2007, reduzindo o seu emprego na medida em que a segurança de Porto Príncipe chegou a níveis adequados que permitiam somente o emprego de Vtr leves, sendo os Urutus utilizados como Força de Reação ou para patrulhamentos noturnos.

Outras informações pertinentes ao patrulhamento mecanizado no Haiti não

foram encontradas na literatura, porém fazem parte da próxima sessão onde serão abordados alguns resultados do estudo em tela.

4.1.2 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados para a dimensão das patrulhas mecanizadas

Com a aplicação dos questionários, as questões relacionadas à dimensão “patrulhamento mecanizado” que se encontram elencadas no Quadro 4 (Definição operacional da variável independente), do item 3.1, são as que seguem:

- a. “Com relação às patrulhas mecanizadas, qual o tempo médio, em horas (h), de duração das patrulhas mecanizadas?”;
- b. “Em um período de uma semana, realizando patrulhamentos mecanizados, qual a distância aproximada (em Km) percorrida por uma (01) VBTP Urutu?”;
- c. “Qual era o número de VBTP, predominantemente, empregadas na execução das patrulhas mecanizadas?”;
- d. “Com relação ao efetivo empregado no patrulhamento mecanizado, as frações possuíam o valor predominantemente de:”;
- e. “Descreva os principais incidentes ocorridos, e condutas adotadas, durante os patrulhamentos mecanizados:”; e
- f. “Descreva as principais finalidades do Patrulhamento Mecanizado:”

A primeira pergunta foi direcionada para o grupo A da amostra do presente trabalho, formada pelos Cmt de pequenas frações do Esqd Fuz Mec F Paz (Cmt de Pel, Adj Pel e Cmt GC), a qual questionou-os quanto ao indicador “tempo de duração das patrulhas mecanizadas”, em média de horas (h), as quais esses colaboradores vivenciaram durante os respectivos contingentes, obtendo-se os resultados constantes na Tabela 2.

TABELA 2 - Distribuição de frequência do tempo das patrulhas mecanizadas

<i>X_i</i> (horas)	<i>F_i</i>	<i>F_i</i>	<i>F_{ri}</i>	<i>F_{ri}</i>
3h →	6	6	.190	.190
2h → 3h	12	18	.390	.580
1h → 2h	12	30	.390	.970
0h → 1h	1	31	.030	.1000
$\sum f_i =$	31		1	

Fonte: O Autor

De acordo com a Tabela 2, percebe-se que o tempo de duração das patrulhas

mecanizadas encontrou a maior parte dos resultados nos valores de “1 a 2 horas” e de “2 a 3 horas”, com 39% das respostas para cada uma das opções. De acordo com os dados obtidos, nas frequências acumulada (F_i) e frequência acumulada relativa (F_{ri}). Ao reunirem-se os resultados com períodos de patrulhamento superiores a 01 (uma) hora, percebe-se que estes valores correspondem a 97% das respostas. Dado este, que está de acordo com a duração das patrulhas mecanizadas encontradas na revisão de literatura conforme Santos (2007) e Peixoto (2012).

Ainda de acordo com os resultados obtidos com a pergunta em questão, complementando a Tabela 2, encontra-se no gráfico 1, a representação dos resultados obtidos.

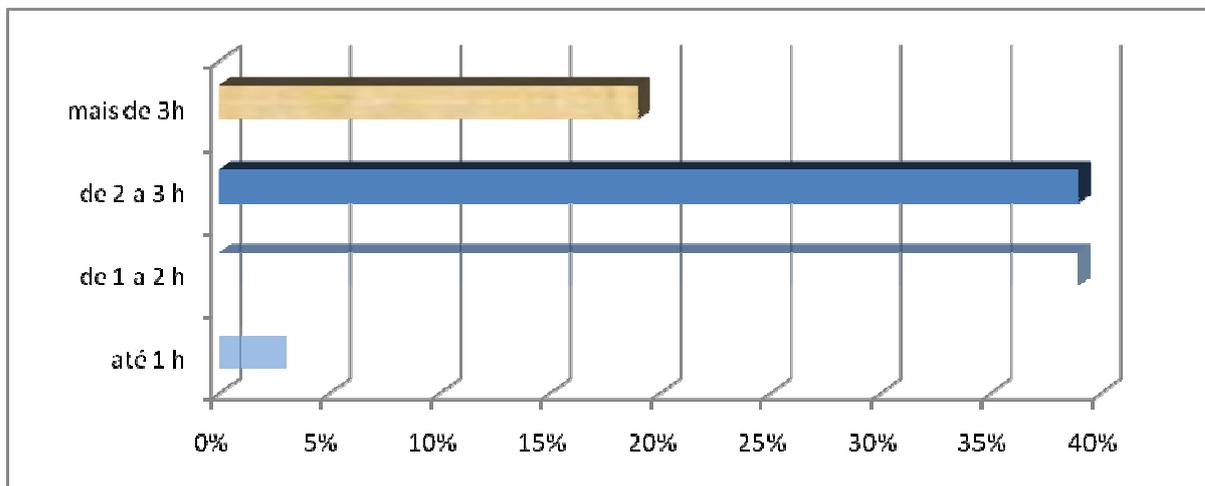


Gráfico 1 - Tempo médio das Patrulhas Mecanizadas

Fonte: O Autor

Conforme o gráfico 1, observa-se que aproximadamente 3% dos colaboradores do grupo A responderam que as patrulhas mecanizadas duravam em média até 1h, o que de acordo com o universo dessa parte da amostra, corresponde a um (01) participante. Os demais resultados, com 39% das respostas tanto para tempos médio de 1 a 2h, quanto para de 2 a 3h, representaram a maior parcela das opções escolhidas, sendo que os 19% restantes contemplou o tempo médio de patrulhas mecanizadas superiores a 3h.

O valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 0,6646, que confrontando com χ^2 crítico, para 3 g.l., é inferior a 7,815, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

A pergunta seguinte está relacionado ao próximo indicador de acordo com o Quadro 4, o qual se refere à distância aproximada que as VBTP Urutu percorriam

(em Km) durante o cumprimento de suas missões, por um período de uma semana. Os resultados foram consolidados na Tabela 3.

TABELA 3 - Km percorridos em uma semana de Operações

<i>Xi (Km)</i>	<i>Fi</i>	<i>Fi</i>	<i>Fri</i>	<i>Fri</i>
700 →	6	6	.190	.190
500 → 700	3	9	.100	.290
300 → 500	7	16	.230	.520
100 → 300	13	29	.420	.940
→ 100	2	31	.060	.1000
$\sum f_i =$	31		1	

Fonte: O Autor

De acordo com os dados da Tabela 3, percebe-se que a maioria das respostas concentrou-se no intervalo de “100 a 300 Km” por semana, totalizando 42% das respostas, seguido de perto pelo intervalo de “300 a 500 Km” por semana, com 23% das escolhas dos colaboradores, e 19% para opção de distâncias superiores a 700 Km por semana. Observando as frequências relativas acumuladas (*Fri*) desta Tabela, observa-se que 94% das respostas demonstram que as VBTP realizavam deslocamentos semanais, superiores ou igual ao intervalo compreendido entre 100 e 300 km por semana.

Complementando as informações da Tabela 3, através dos dados coletados com a presente questão, obteve-se o Gráfico 2, onde pode-se comparar os dados obtidos com a presente amostra sobre o indicador distância percorrida pelas VBTP Urutu em uma semana de operações.

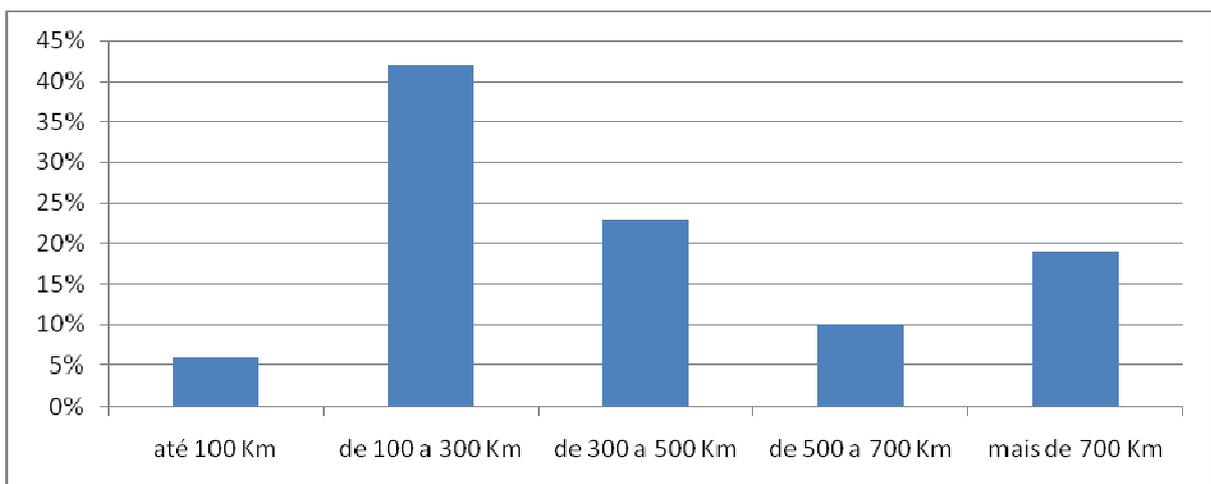


Gráfico 2 - Distância média percorrida pelas VBTP Urutu em uma semana de operações no Haiti.

Fonte: O Autor

Tais considerações ressaltam a importância de um bom planejamento e

execução de manutenção preventiva das Vtr, de maneira que a disponibilidade desse meio não comprometa a operacionalidade da tropa mecanizada.

O valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 0,00054, que confrontando com χ^2 crítico, para 4 g.l., é inferior a 9,488, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

A próxima pergunta refere-se ao indicado “número de VBTP utilizadas durante os patrulhamentos mecanizados”. Essa questão solicitava aos participantes do estudo a apontarem qual era a quantidade de Vtr mínimas necessárias para a execução de uma patrulha mecanizada. Tal questão buscou determinar qual era o valor da tropa empregada nas patrulhas mecanizadas no Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti.

TABELA 4 - Quantidade de VBTP empregadas

X_i	F_i	F_i	F_{ri}	F_{ri}
1 VBTP	6	6	.190	.190
2 VBTP	20	26	.650	.840
3 VBTP	3	29	.100	.940
4 VBTP	2	31	.060	.1000
$\sum f_i =$	31		1	

Fonte: O Autor

Os resultados encontram-se na Tabela 4, mostram que a opção de 02 (duas) VBTP recebeu 65% das respostas dos colaboradores, seguido de 19% da opção 01(uma) VBTP, e 10% para a opção 03 (três) VBTP. Observando as freqüências relativas acumuladas (F_{ri}), nota-se que 84% das respostas corresponderam ao uso de até 02 (duas) VBTP.

Para elucidar as informações da Tabela 4, foram expostas no Gráfico 3, as respostas do colaboradores do grupo A.

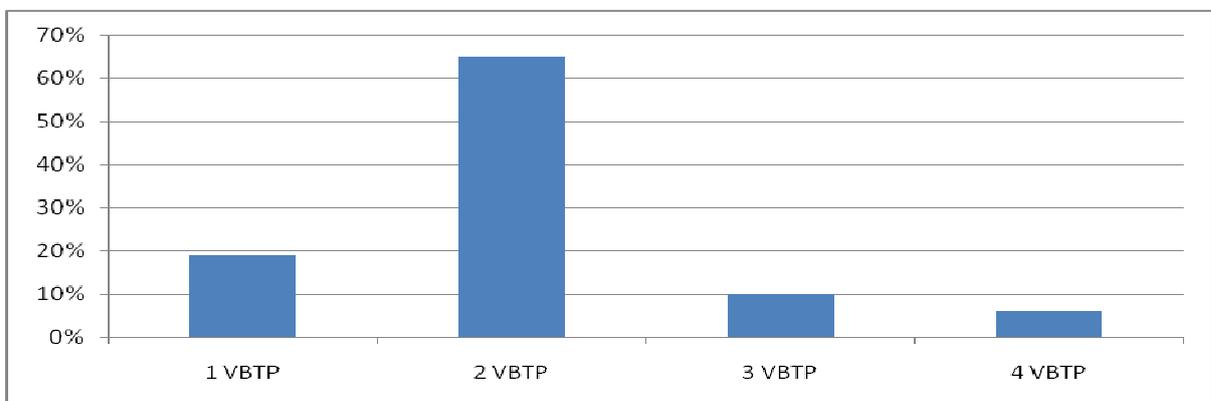


Gráfico 3 - Número de VBTP predominantemente empregadas nas patrulhas mecanizadas.

Fonte: O Autor

As informações constante no gráfico 3, apresentam as respostas do item em questão, podendo-se notar uma concentração maior de escolhas na opção 02 (duas) VBTP, o que indica que provavelmente é a quantidade de Vtr mais adequadas para se realizar um patrulhamento em segurança, em quaisquer situações, que correspondem a 02 (dois) GC ou GO.

O valor obtido no teste Qui-quadrado para os resultados em questão foi de 0,0565, que confrontando com χ^2 crítico, para 3 *g.l.*, é inferior a 7,815, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

Tais informações permitem ressaltar que com 02 (duas) VBTP realizando uma patrulha, melhoram as condições de realização diversas missões, com flexibilidade, mobilidade, e ação de choque, permitindo realizar ações apresentadas por Santos (2007), a exemplo do patrulhamento combinado entre as Vtr Bld e elementos a pé, além da capacidade em prover a segurança mútua entre as duas guarnições mecanizadas.

Analisando as mesmas informações, separadamente, de acordo com o contingente de cada colaborador da pesquisa, encontra-se um ponto de vista mais detalhado, presente no gráfico 4.

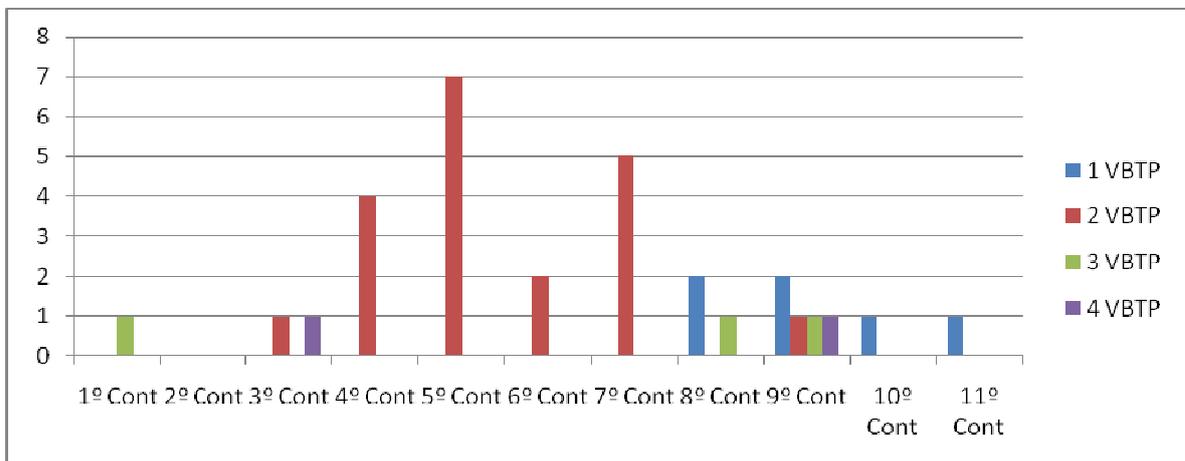


Gráfico 4 - Número de VBTP predominantemente empregadas nas patrulhas mecanizadas expondo a resposta dos participantes do estudo por contingente.

Fonte: O Autor

Observando os dados do gráfico 4, repare que até o 7º Contingente as respostas dos colaboradores não indicaram a opção 01 (uma) VBTP, surgindo somente nas respostas dos participantes do 8º contingente em diante. O número apontado pela maioria dos colaboradores foi de 02 (duas) VBTP, provavelmente em virtude das características do ambiente operacional vivenciado até esse período,

onde um GC mecanizado só operava com o apoio mútuo de outro GC mecanizado. Principalmente pela possibilidade de enfrentamento com as F Adv, visto que as patrulhas mecanizadas eram empregadas predominantemente em área vermelha (CIOPaz, 2006 b, p. 19).

Repare que as respostas dos colaboradores que participaram da missão a partir do 8º Contg, inclusive, existem respostas que indicaram que o número de VBTP predominantemente empregadas no patrulhamento era de 01 (uma) VBTP. Tais respostas indicam que o ambiente mais estável e seguro no Haiti, vivenciado por esses contingentes, permitiu o emprego de apenas 01 (uma) VBTP na realização de missões de patrulhamento mecanizado, não havendo mais a necessidade do emprego das VBTP operando em apoio mútuo, entre as guarnições, fornecendo indícios do início de um período seguro e estável, da área de operação do BRABAT. Característica que vai ao encontro do exposto por Cunha (2008, p. 5) quanto aos baixos índices de criminalidade encontrados pelo BRABAT, no final de 2007.

A quarta pergunta em análise complementa a anterior, pois tem por finalidade analisar o indicador “efetivo necessário na realização do patrulhamento mecanizado”. Conforme encontrado na literatura, ocorreram evoluções quanto ao efetivo de tropa mecanizada empregada por VBTP, ao longo da missão. Inicialmente, no 2º Contg, cada VBTP era mobiliada por um GC a 11 (onze) homens, permitindo até mesmo o rodízio entre os elementos que ocupavam as escotilhas, (SANTOS, 2007). Após certo tempo de missão, chegou-se à formação de 6 (seis) homens por VBTP, incluindo o atirador da MAG e o motorista. O que proporcionou maior flexibilidade aos Pel Fuz Mec, visto que necessitavam de um menor efetivo embarcado, permitindo aumentar a gama de missões, com o mesmo efetivo original. A partir do 9º contingente, essa fração mecanizada com 6 (seis) militares por guarnição foi denominada GO (PEIXOTO, 2009).

TABELA 5 - Valor da Tropa empregada nas patrulhas mecanizadas

<i>X_i</i>	<i>F_i</i>	<i>F_i</i>	<i>F_{ri}</i>	<i>F_{ri}</i>
01 CG/GO	16	16	.520	.520
02 GC/GO	13	29	.420	.940
03 GC/GO	2	31	.060	.1000
Pel Completo	0	31	.000	.1000
$\sum f_i =$	31		1	

Fonte: O Autor

Observando os resultados da Tabela 5, percebe-se que a maior parte das respostas foram para os valores de 01 (um) GC, com 52%, seguido do valor 02 (dois) GC, com 42%. De acordo com a *Fri* até o valor de tropa 02 (dois) GC, percebe-se que 94% das respostas dos colaboradores apontam até esse valor, como o predominantemente empregado em missões de patrulhamento mecanizado

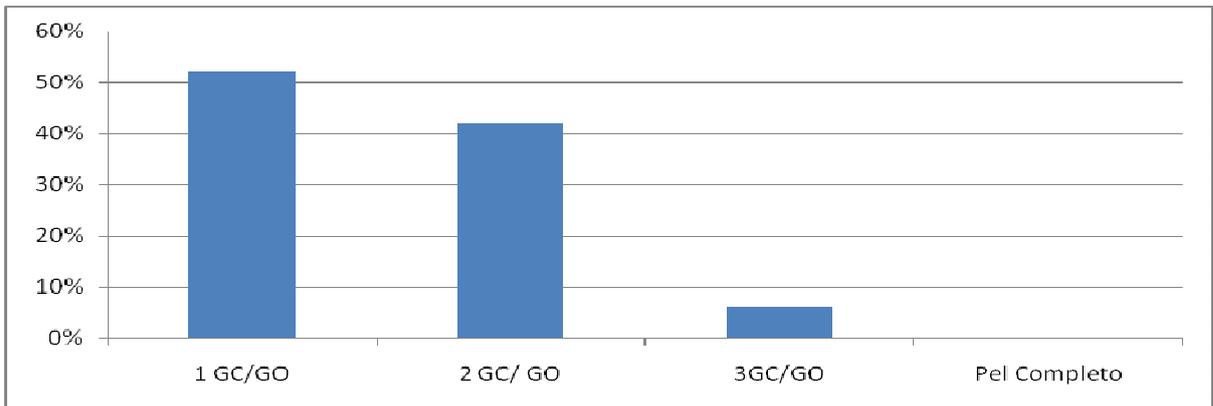


Gráfico 5 - Valor das frações predominantemente empregadas nas patrulhas mecanizadas.
 Fonte: O Autor

Complementando os dados da Tabela 5, o gráfico 5 apresenta os resultados das escolhas dos colaboradores ao presente estudo.

Os dados encontrados nessa questão apresentam uma pequena diferença ao item analisado anteriormente. Os dados da pergunta anterior mostraram que o número de VBTP predominantemente empregadas em patrulhamentos mecanizados tendeu a 02 (duas), sendo que nesta questão o valor mais indicado foi o de 01 (um) GC/GO.

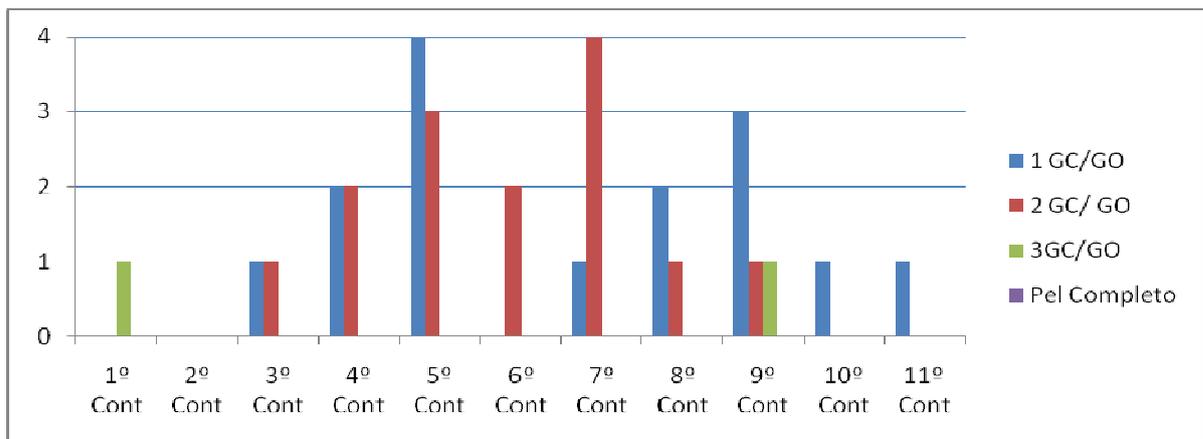


Gráfico 6 - Valor das frações predominantemente empregadas nas patrulhas mecanizadas expondo a resposta dos participantes do estudo por contingente.
 Fonte: O Autor

Observando-se o gráfico 6, percebe-se que os valores de tropa entre 01 (um) e 02 (dois) GC/GO foram as opções mais apontadas pelo militares da amostra,

composta por militares que integraram diversos contingentes.

Entretanto, tais resultados expõem que o valor da tropa empregada no patrulhamento mecanizado, predominantemente não ultrapassava o valor de 02 (dois) GC mecanizados. Cabendo a ressalva já apresentada no item 2.2.1 deste estudo, quanto às diferenças da constituição do GC convencional, da tropa mecanizada, e o GC ou GO, caracterizados de acordo com Peixoto (2009), onde os pelotões eram concebidos aos mesmos moldes do efetivo do Pel Fuz Bld, a 03 (três) GC e o grupo de comando, sendo que para as operações no Haiti, esses 03 (três) GC, somado ao grupo de comando, formavam 05 (cinco) GO, sendo cada um deles comandados por um Cmt de fração (Cmt Pel, Adj Pel e 03 Sgt Cmt GC). Portanto, levando-se em conta as informações em questão, pode-se concluir que o valor da tropa empregado nos patrulhamentos mecanizados esteve entre os valores de 01 (um) a 02 (dois) GC ou GO.

O valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 3,9169, que confrontando com χ^2 crítico, para 3 *g.l.*, é inferior a 7,815, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

A quinta pergunta buscou, baseado nas experiências dos colaboradores, tanto do grupo A, quanto do grupo C da amostra, elencar as características principais dos incidentes ocorridos por ocasião dos patrulhamentos mecanizados, fundamentando mais esse indicador, constante do Quadro 4 do item 3.1.

O rol de ensinamentos mais pertinentes a esse assunto, fruto das considerações abertas da presente questão, encontram-se no Apêndice E deste estudo.

Diante de uma leitura sobre as observações de cada contingente, pode-se inferir que as dificuldades enfrentadas pelas frações, durante os patrulhamentos mecanizados, confirma a evolução da missão das tropas brasileiras no Haiti, apresentadas no Capítulo 2, subitem 2.1.3 deste trabalho, de acordo com Lessa (2007) e Sales (2013), onde percebe-se uma necessidade de uso da força, por vezes letal, das tropas brasileiras, para enfrentar as ameaças das gangues e ex-militares nas favelas da Capital Porto Príncipe. A partir do 7º contingente, percebe-se o crescente uso da força não letal, com a finalidade de controlar crises e manifestações populares, diante de um aumento da atuação da tropa contra turbas e protestos da população haitiana.

Na questão seguinte, buscou-se determinar as principais finalidades do

patrulhamento mecanizado. De acordo com as respostas do colaboradores obteve-se as informações da Tabela 6.

TABELA 6 - Principais finalidades do patrulhamento mecanizado

Finalidades Preventivas	Finalidades Operativas
<ul style="list-style-type: none"> - Operação presença; - Manutenção do controle da Área Operacional de Responsabilidade (AOR); - Inibir as ações das F Adv; - Dissuasão; - Demonstração de Força; - Apoio às ações dos Pontos Fortes (PF); - Contato com a população civil (visibilidade); 	<ul style="list-style-type: none"> - Apoio às patrulhas a pé e motorizadas; - Revista de veículos e pessoal; - Estabelecimento de Postos de Bloqueio e Controle de Vias Urbanas (PBCVU), combinados com o patrulhamento; - Realizar reconhecimentos e levantamento de informações diversas; - Apoio ao patrulhamento a pé; - Proteção à população; - Seguranças de autoridades; - Criar novas rotas de patrulhamento; - Realizar o patrulhamento em áreas de risco; - Captura de criminosos;

Fonte: O Autor

Observando as respostas dos participantes, foi possível relacionar algumas ideias forças, as quais mais se fizeram presentes durante as entrevistas, tanto nos depoimentos do grupo A, quanto no grupo C, que sintetizaram adequadamente o ponto de vista deste universo. Para um melhor entendimento, distinguiu-se entre as finalidades destinadas a prevenções contra atos hostis, definida como preventivas, e finalidades relacionadas à execução das patrulhas mecanizadas propriamente ditas, definidas como finalidades operativas, de acordo conforme exposto na Tabela 6.

4.2 O EMPREGO DA FORÇA PELO ESQD FUZ MEC F PAZ NO HAITI.

Nesta sessão serão abordados os resultados obtidos com a revisão de literatura sobre a dimensão “emprego da força” em comparação com os questionários aplicados, com a finalidade de registrar as formas de emprego da força, por parte do Esqd Fuz Mec F Paz. Esta análise permitirá observar as diferenças entre cada fase da missão, quanto à necessidade do uso da força, e que tipo de força, foi mais exigida, em cada momento da missão.

4.2.1 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura para a dimensão emprego da força

Fruto da revisão de literatura foi possível explorar as informações obtidas com

a coleta e ressaltar os aspectos mais relevantes quanto ao uso da força, letal e não letal, pelo Esqd Fuz Mec F Paz. As características quanto ao uso da força expostas na literatura, viabilizarão uma comparação entre os contingentes que limitam no tempo o presente estudo. Assim, acredita-se identificar o momento em que a missão de “imposição da paz” no Haiti pode ser encarada literalmente como uma missão de paz.

Com relação aos tipos de força abordados nesse estudo foram utilizados a força letal e não letal. Como o próprio nome define letal é a força utilizada que pode vir a causar a morte de um indivíduo. Não letal é a característica de determinada tecnologia, seja de armas, munições e equipamentos, estabelecidos por parâmetros técnicos como não letais, empregados em operações nas quais a preservação da vida seja prioridade. O armamento não letal é projetado para minimizar mortes e incapacidades permanentes (COTER, 2009). Isto posto, fica clara a diferença desses dois tipos de força, empregadas pelas tropas brasileiras no Haiti.

De acordo com Braga (2010), a MINUSTAH fora concebida com o emprego do capítulo VII da Carta das Nações Unidas, o qual autoriza o uso de todos os meios necessários para a pacificação a que a missão se propõe. Sendo por vezes encarada como uma imposição da paz (CIOPaz, 2006).

Segundo Santos (2007, p. 58), a MINUSTAH embora contemple as características de uma missão de paz, observou-se claramente a necessidade da imposição da segurança nas comunidades mais carentes de Porto Príncipe.

O emprego de meios mecanizados, dotados de potência de fogo, materializado pelo uso das Mtr MAG e .50, utilizadas pelo Esqd Fuz Mec F Paz, bem como os demais armamentos coletivos de Vtr blindadas utilizadas por outros exércitos no Haiti, denotam o uso da força proporcionado pelo impacto dissuasório da ação de choque dos blindados. De acordo com Mesquita (2009, p. 3), a grande mobilidade dos blindados somados a sua proteção blindada, oferecem proteção à tropa, durante situações de combate urbano, permitindo atingir os objetivos da missão com maior rapidez e com menor exposição possível, além de proporcionar um efeito psicológico favorável para a tropa, e dissuasório para a força oponente. A simples presença da tropa blindada inibia ações a força adversa.

Em virtude do histórico do Haiti, Kawaguti (2006) apresenta claramente que o ambiente inseguro e instável existente, nos primeiros anos da MINUSTAH, reflete o passado de independência precoce, marcado por anos de ditadura da família

Duvalier, seguidos por inúmeros golpes militares na disputa pelo poder, fortalecendo ligações de políticos e partidos, com bandos armados, culminando com o repentino fim do Exército haitiano, transcorrido durante o mandato do então presidente Jean Bertrand Aristide, quando ex-militares, levaram consigo todo o armamento possível, fomentando a criação de gangues armadas, ligadas a disputas políticas e vocacionadas para ações de seqüestros, e demais atrocidades vivenciadas pelo Haiti, até meados do fim de 2007.

Conforme Santos (2007 b), as gangues em *Cité Soleil* por vezes, articulavam-se para desencadear ações contra a tropa da MINUSTAH. Os “*chiméres*” possuíam armamento pesado como o 7,62 mm e 5,56 mm, a exemplo de metralhadores e fuzis, inquietando constantemente a tropa da ONU. Situações que exigiam da tropa o uso da força proporcional. Outro fato que exemplifica o comportamento dessas gangues era a coação em obrigar moradores das comunidades a cavarem fossos anticarro nas ruas, para evitar o acesso da tropa mecanizada, por vezes sob ameaça de morte e a mira de um fuzil. Só durante o 3º Contingente, 22 (vinte e dois) fossos anticarro foram fechados sob fogo da F Adv, além de 59 (cinquenta e nove) desobstruções de vias e 482 (quatrocentos e oitenta e duas) prisões de criminosos foram realizadas pelas tropas brasileiras (KAWAGUTI, 2006 p. 141).

Entre junho de 2004 e junho de 2005, de acordo com Pacheco (2007), o Esqd Fuz Mec F Paz foi a tropa do BRABAT mais engajada nos confrontos intensos com as F Adv da capital haitiana, respondendo com fogo os disparos das armas das gangues, sofrendo baixas de militares feridos, porém sem óbitos. Os atos hostis da F Adv eram caracterizados por lançamentos de coquetéis *molotov*, disparos de armas de fogo, lançamentos de pedras e a presença de fossos anticarro, capazes de impedir o acesso de Vtr, em particular as VBTP Urutu. Ações que exigiam um tipo de resposta, proporcional a cada tipo de ameaça.

Por ocasião do 2º contingente, Santos (2007 b, p. 6) relata que as frações do Esqd Fuz Mec F Paz obtiveram excelentes desempenhos em operações contra a F Adv, fazendo uso da força necessária para repelir as ameaças apresentadas por ocasião das operações conjuntas da MINUSTAH, tomando como ensinamento a utilização de um posto de remuniamento, para grandes operações, que se fez necessário para completar as necessidades de munições para o armamento não letal, granadas de lacrimogêneo, luz e som, bem como de 7,62 mm e 9 mm.

De acordo com Herman (2012) o nível de violência era tão elevado, que nos

anos de 2005 a 2006, a média mensal de ocorrências de seqüestros e ataques contra as tropas chegavam a superar o número de 250 (duzentos e cinquenta) por mês. Nesse período, quatro militares do contingente jordaniano foram mortos pelas F Adv (HERMAN, 2012 p.13).

Porém, durante a atuação do 7º Contingente, se percebeu uma notória redução dos índices de criminalidade e atos hostis contras as tropas (CUNHA, 2008, p. 88), o que caracterizou uma evolução positiva, fruto do trabalho das tropas da MINUSTAH, e, em particular, da tropa brasileira, responsável pelas áreas mais sensíveis do Haiti.

Todavia, o emprego da força sempre se fará presente em operações de paz, e assim se fez na MINUSTAH, seja ela letal ou não. Ao encontro desse ponto de vista, Braga (2010), aponta que o uso da força em operações de paz é um fato considerável e por vezes necessário.

4.2.2 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados para a dimensão emprego da força

Com a aplicação dos questionários, as questões relacionadas à dimensão “Emprego da Força” que se encontram elencadas no Quadro 4, do item 3.1, e descritas no apêndice A, foram as que se seguem:

- a. Em quantas oportunidades a sua fração fez uso de munição não letal com munição de borracha, durante todo o seu contingente?
- b. Em quantas oportunidades a sua fração fez uso de munição não letal com granadas de luz e som ou lacrimogêneas, durante todo o seu contingente?
- c. Em quantas oportunidades a sua fração fez o uso da dissuasão (demonstração de força) para controlar situações de crise, como por exemplo, o uso de sirenes da VBTP ou manejo da Cal.12?
- d. Em quantas oportunidades a sua fração fez uso de força letal, em defesa própria ou de outrem, durante todo o seu contingente?
- e. Contra quais tipos de ameaça a sua fração fez uso de força letal?
- f. Em quantas oportunidades, durante a missão no Haiti, a sua fração fez uso da Metralhadora MAG?
- g. Em seu Contingente, houve algum militar do Esqd Fuz Mec ferido por

disparos das F Adv? Quantos? Em quais situações?

A primeira questão se refere ao número aproximado de ocorrências em que a fração sob o comando de cada colaborador, fez uso da força não letal, caracterizada pelo indicador “emprego da munição de borracha” da escopeta Cal. 12. As respostas encontram-se na Tabela 7.

Tabela 7 - Oportunidades de utilização da Cal. 12 Mun de borracha

X_i	F_i	F_i	F_{ri}	F_{ri}
> 40	5	5	.160	.160
30 → 40	0	5	.000	.160
20 → 30	3	8	.100	.260
10 → 20	6	14	.200	.460
1 → 10	15	29	.480	.940
Nenhuma	2	31	.060	.1000
$\sum f_i =$	31		1	

Fonte: O Autor

De acordo com os dados da Tabela 7 , a F_{ri} para aqueles que em pelo menos uma oportunidade, fizeram uso desse tipo de força (em até 10 oportunidades) encontrou-se 94% das opções dos participantes do estudo. Como predominância nos resultados foi encontrado 48% que responderam que fizeram uso desse tipo de força em até 10 (dez) ocasiões, seguidos por 20% que responderam que fizeram uso desse tipo de força de 10 (dez) a 20 (vinte) vezes, e 16% responderam que empregaram esse tipo de força em mais de 40 (quarenta) vezes.

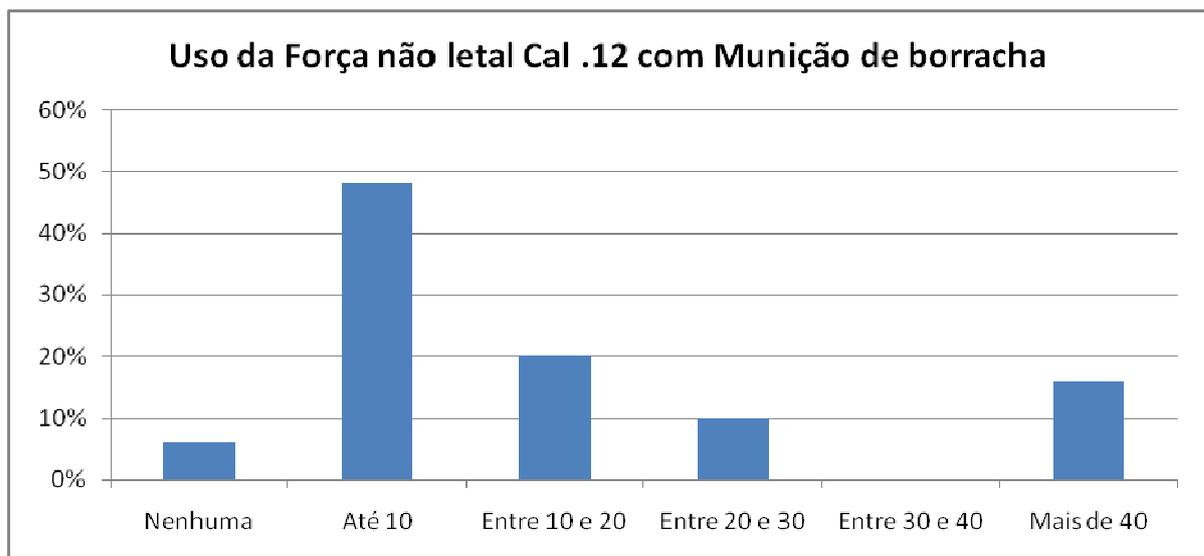


Gráfico 7 - Oportunidades de uso da força não letal, especificamente com a munição de Cal. 12 com munição de borracha.

Fonte: O Autor

As respostas encontradas no gráfico Nr 7, mostram que apenas 6% dos

entrevistados não fizeram uso desse tipo específico de força, durante o seu respectivo contingente. Ou seja, o uso da Cal .12 foi uma constante durante a atuação do Esqd Fuz F Paz no Haiti.

De acordo com os dados da Tabela 7, observando o valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 0,0007, que confrontando com χ^2 crítico, para 5 g.l., é inferior a 11,070, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

A pergunta seguinte, questiona aos colaboradores do grupo A, o número aproximado de oportunidades que se fez necessário o uso de granadas do tipo luz e som e lacrimogêneo, para conter situações de crise, a exemplo de situações como manifestação de atos hostis contra a tropa, ou controle de distúrbios, contemplando o indicador “uso de granadas de efeito moral”.

Tabela 8 - Utilização de granadas de luz e som ou lacrimogênea

<i>Xi</i>	<i>Fi</i>	<i>Fi</i>	<i>fri</i>	<i>Fri</i>
40 →	3	3	.100	.100
30 → 40	1	4	.030	.130
20 → 30	3	7	.100	.230
10 → 20	4	11	.130	.360
1 → 10	11	22	.350	.710
Nenhuma	9	31	.290	.1000
$\sum fi =$	31		1	

Fonte: O Autor

De acordo com a Tabela 8, percebe-se que 29% da amostra não fez uso de granadas de luz e som ou lacrimogênea. De acordo com a *Fri* das opções que caracterizaram o emprego desse tipo de força, em pelo menos uma oportunidade encontrou-se a frequência relativa acumulada de 71% dos colaboradores. Desses 71% que empregaram esse tipo de força, 10% o fizeram por mais de 40 (quarenta) vezes, 3% fez uso entre 30 (trinta) e 40 (quarenta) vezes, outros 10% fizeram uso entre 20 (vinte) e 30 (trinta) vezes, 13% fizeram uso entre 10 (dez) e 20 (vinte) vezes, e 35% fizeram uso em até 10 (dez) oportunidades.

Complementando as informações da Tabela 8, o gráfico 8 ilustra que este tipo de força, foi menos empregado que o indicador analisado anteriormente, o que de fato é coerente, visto que o uso desse tipo de meio, está em um nível de força superior ao empregado com a munição de borracha, sendo naturalmente, menos utilizado pelas tropas. O que demonstra o emprego mais cauteloso desse meio, durante a missão de paz no Haiti.

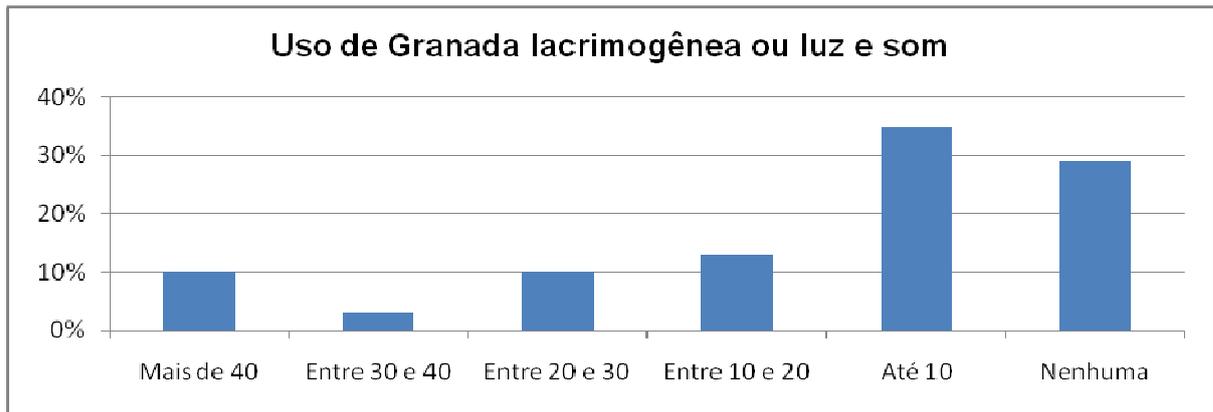


Gráfico 8 - Oportunidades em que as frações dos colaboradores fizeram uso de granada de lacrimogêneo ou luz e som.

Fonte: O Autor

O valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 0,05185, que confrontando com χ^2 crítico, para 5 g.l., é inferior a 11,070, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

A pergunta seguinte aborda a dimensão “uso da dissuasão” e questiona aos colaboradores da amostra A, a respeito de situações em que apenas fizeram o uso de demonstrações de força, para a solução de pequenos conflitos, caracterizando o primeiro nível de força a ser empregado por qualquer tropa que opera em um ambiente urbano e social, a dissuasão.

Como resultados dessa pergunta, a Tabela 9 apresenta os dados obtidos com a coleta deste estudo.

TABELA 9 - Uso da dissuasão para solução de crises

X_i	F_i	F_i	F_{ri}	F_{ri}
40 →	10	10	.320	.320
30 → 40	1	11	.030	.350
20 → 30	2	13	.065	.415
10 → 20	4	17	.130	.545
1 → 10	12	29	.390	.935
Nenhuma	2	31	.065	.1000
$\sum f_i =$	31		1	

Fonte: O Autor

De acordo com a Tabela 9, percebe-se que 32% responderam que empregaram somente a dissuasão para a solução de pequenas crises em mais de 40 (quarenta) ocasiões, 3% relatou que o fez entre 30 (trinta) e 40 (quarenta) vezes, 6,5% o fizeram entre 20 (vinte) e 30 (trinta) vezes, 13% o fizeram entre 10 (dez) e 20 (vinte) vezes, e 39% o fizeram em até 10 (dez) ocasiões. Se tomarmos como base a F_{ri} do universo que fez uso da dissuasão para a solução de pequenas crises, atinge-

se o valor aproximado de 94% de toda a amostra do grupo A.

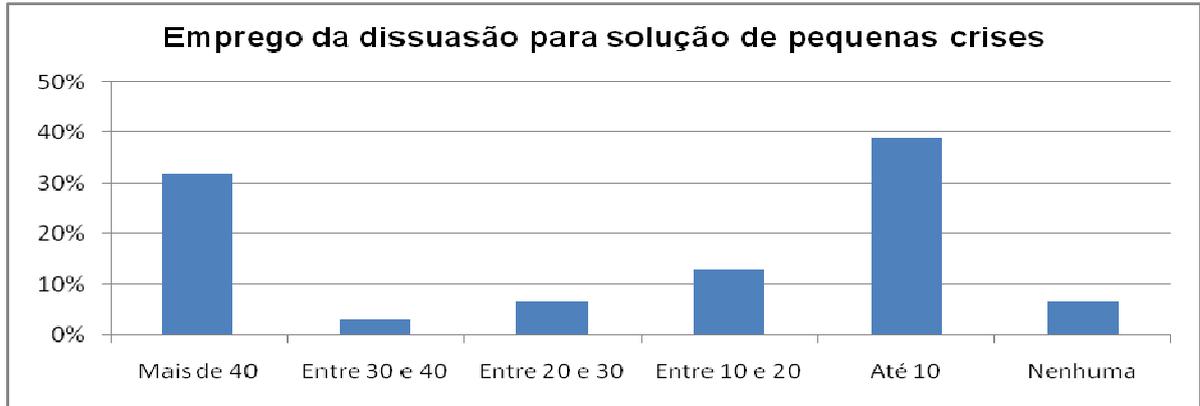


Gráfico 9 - Oportunidades em que as frações dos colaboradores fizeram uso da dissuasão para solucionar pequenas crises

Fonte: O Autor

Observando o gráfico 9, fica ilustrado o apresentado pela Tabela 9, permitindo concluir que o uso da dissuasão para solucionar pequenas crises, que caracteriza o primeiro nível de força a ser utilizado por tropa em operações de paz, se fez presente ao longo da missão.

O valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 7,4557, que confrontando com χ^2 crítico, para 5 g.l., é inferior a 11,070, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

A próxima pergunta, questionou aos comandantes das pequenas frações do Esqd Fuz Mec F Paz, sobre o número aproximado de oportunidades em que se fez necessário o emprego da força letal, pelo uso do armamento, para defesa de si próprio ou de outras pessoas, contra ameaças letais, a fim de abordar o indicador “uso de força letal”.

Os resultados obtidos com a presente questão estão consolidados na Tabela 10.

TABELA 10 - Emprego da Força Letal

X_i	F_i	F_i	f_{ri}	F_{ri}
→ 40	9	9	.290	.290
30 → 40	1	10	.035	.325
20 → 30	2	12	.060	.385
10 → 20	1	13	.035	.420
1 → 10	4	17	.130	.550
Nenhuma	14	31	.450	.1000
$\Sigma f_i =$	31		1	

Fonte: O Autor

Percebe-se, de acordo com a Tabela 10, que uma parcela considerável da

amostra não fez uso da força letal ao longo da missão no Haiti, totalizando 45% dos colaboradores. Os demais 55% fizeram uso da força letal, conforme *Fri*. Dentre os que fizeram o uso da força letal, 29% afirmaram terem feito uso da força letal em mais de 40 (quarenta) oportunidades, entre o intervalo de 10 (dez) vezes exclusive até 40 (quarenta) vezes, inclusive, temos o somatório de 13%, e os 13% restantes afirmaram que fizeram uso da força letal em até 10 (dez) situações.

Os resultados encontrados foram expostos nos gráfico 10 e 11, onde se tem os resultados da toda a amostra, e em seguida de cada contingente dos entrevistados, ilustrando as informações abordadas na Tabela 10.

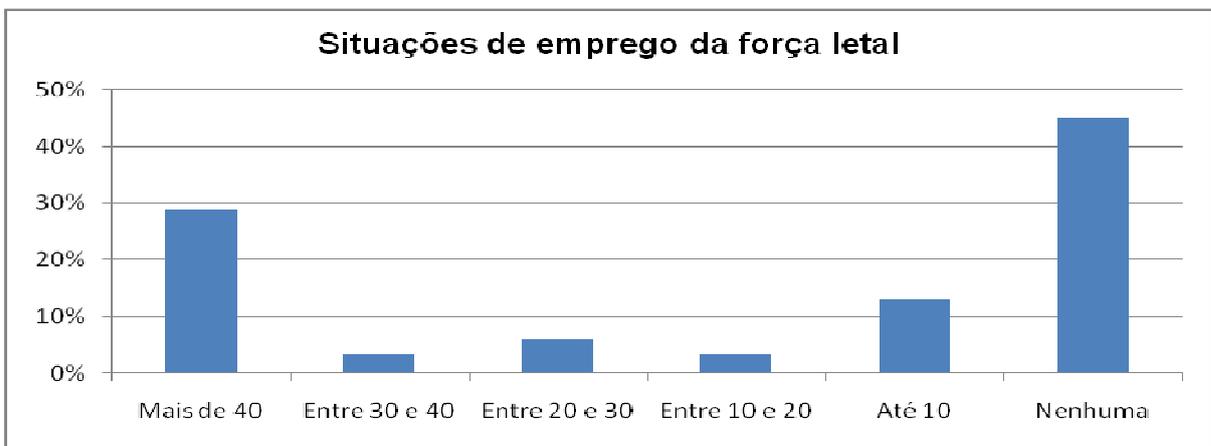


Gráfico 10 - Oportunidades em que as frações dos colaboradores fizeram uso da força letal.
 Fonte: O Autor

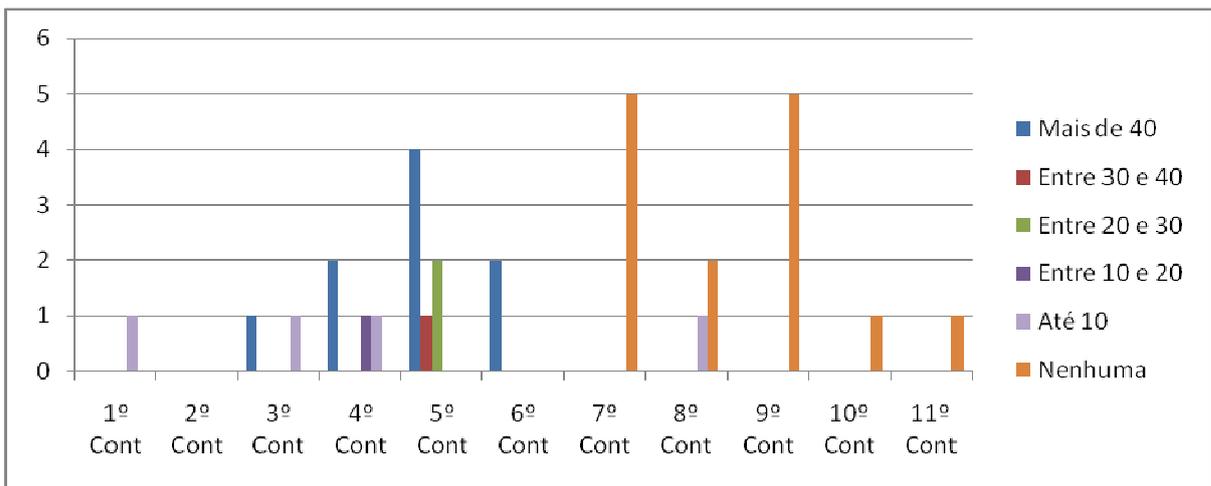


Gráfico 11 - Oportunidades em que as frações dos colaboradores fizeram uso da força letal, por contingente.
 Fonte: O Autor

O valor obtido no teste Qui-quadrado com os dados da Tabela 10 foi de 0,0277, que confrontando com χ^2 crítico, para 5 g.l., é inferior a 11,070, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados

e obtidos.

Ao analisar as informações separadamente entre os 11 contingentes, expostas no gráfico 11, observa-se que a necessidade do emprego da força letal foi uma constante até o 6º contingente, e a partir do 7º contingente foi observado apenas um colaborador, do 8º contingente, que respondeu que fez uso da força letal, demonstrando que nesse período da missão não houve necessidade de emprego de força letal, indo ao encontro do encontrado na literatura, apresentado por Cunha (2008, p. 85), onde relatou que o 7º contingente herdou dos antecessores, uma área de operações sob controle, não havendo indícios de reorganização das gangues, podendo concluir que a pacificação fora concretizada.

As informações observadas no gráfico 11, demonstram a necessidade dos primeiros contingentes em lidar com o emprego da força letal, em respostas à ameaças, como as exemplificadas por Kawaguti (2006, p. 141) onde encontra-se em seus relatos que no segundo semestre de 2005 (período de atuação do 3º e 4º contingentes) houve uma média diária de 1,5 ataques de arma de fogo contra as tropas brasileiras.

Percebe-se que a partir do 7º contingente houve uma redução dos ataques e emboscadas contra a tropa brasileira no Haiti, e em especial ao Esqd Fuz Mec F Paz, visto que se a tropa não fez uso da força letal para defesa própria ou de outras pessoas, conclui-se que não houve tal necessidade, em função do ambiente mais seguro e estável alcançado na área de operações do BRABAT. Fato este exemplificado na literatura por Braga (2010, p. 15), onde aborda o destaque positivo dado a pacificação de *Cité Soleil* pelas tropas da ONU, com a participação constante do Esqd Fuz Mec F Paz, reconhecido pela Sra Susan Rice, Embaixadora dos EUA junto à ONU, em declarações no Congresso daquele país.

O próximo questionamento refere-se aos tipos de ameaças, sofrido pelas frações, que exigiram como resposta o uso da força letal. Essa pergunta foi direcionada para o indicador “tipo de ameaça” e constituiu-se de uma questão dissertativa que reuniu informações somente daqueles que afirmaram, na assertiva anterior, que realizaram disparos de arma de fogo contra F Adv. As exposições encontram-se no Quadro 6.

Cmt Fração	Tipos de ameaça que exigiram o uso da força letal
1	Elementos das F Adv em ataques à instalações ou contra a patrulha, isolados ou não.
3	Combates de encontro, operações de cerco e apoio aos elementos a pé

6	Nas operações de cerco e vasculhamento e nos patrulhamentos de rotina
7	Disparos da força adversa.
10	Contra constantes tentativas das gangues em dominar as áreas de patrulhamento, o que ocorreu durante os primeiros 4 meses de missão, quase em todas as saídas em patrulhamento, onde ocorriam os confrontos.
12	Grupos armados atirando contra a tropa.
16	Elementos de Gangues disparando contra a tropa
18	Foram utilizadas munições letais na ocasião das manifestações para tomada do palácio nacional, pelo fato de ter acabado as munições não letais. Essa situação foi informada ao Cmdo Esqd que autorizou uso de munição letal, atirando em locais, e não em pessoal, para dissuasão das massas.
20	Elementos armados alvejando patrulhas mecanizadas e pontos fortes
30	Elm armados atirando contra nossa fração. Elm que tentavam resgatar armamento da F Adv, porém somente com a finalidade de impedir o acesso ao armamento, sendo os disparos direcionados para o chão, próximo ao armamento da F Adv..

QUADRO 6 - Ameaças que exigiram o uso da força letal de acordo com o grupo A

Fonte: O Autor

De acordo com as respostas diretas dos colaboradores da amostra A, presentes no Quadro 6, onde percebe-se que a força letal era empregada somente para responder as ações das F Adv como disparos de arma de fogo, durante os patrulhamentos mecanizados, marcados por combates de encontro, operações de cerco e vasculhamento do BRABAT, e inquietações a Pontos Fortes.

Pergunta semelhante foi feita ao grupo C, outra parte da amostra do presente estudo, formada por oficiais que desempenharam funções ligadas ao planejamento e a decisão da forma de emprego do Esqd Fuz Mec F Paz, porém fazendo-se referência aos procedimentos a serem adotados pelas frações do Esqd Fuz Mec F Paz, quando se deparassem com situações que exigiriam o uso da força letal. Tudo com a finalidade de contemplar a dimensão “uso da Força”. A respostas desses colaboradores estão consolidadas no Quadro 7.

Função do colaborador:	Procedimentos adotados contra atos hostis que exigiam o uso da força letal
Aux do G3	Praticamente não ocorreram situações que exigiram o uso da força letal, durante a missão. Apenas no início e, mesmo assim, a ação dissuasória da tropa foi suficiente para evitar problemas maiores.
S Cmt Esqd	A atuação era baseada rigidamente nas regras de engajamento preconizada pela ONU.
Cmt Esqd	Ocupação de pontos de comando, e desembarque e vasculhamento de becos, se fosse o caso.
Cmt Esqd	Todos os procedimentos foram balizados pelas Regras de Engajamento, exaustivamente treinados durante o preparo e também no emprego. Caso a força fosse necessária seria empregada de forma gradativa.

Cmt do BRABAT	Sempre procuramos evitar a surpresa, com base na inteligência e na manobra preventiva. Nesse sentido, nossos pelotões mecanizados atuavam com técnicas operacionais e táticas que nos garantissem uma boa vantagem relativa. Para caracterizar os procedimentos operacionais aplicados, citamos a seguir alguma dessas medidas: preparação dos Urutus, para a máxima proteção da tropa embarcada, embora os fuzileiros atuassem em posições de tiro, expostos através das escotilhas; busca permanente do apoio mútuo, entre meios mecanizados ou destes com tropa a pé; movimento disperso, sem permitir o engajamento simultâneo dos meios; ocupação prévia de acidentes capitais (pontos dominantes, por exemplo), por observadores e/ou caçadores; e outras medidas.
S Cmt Esqd	Deveriam responder de forma pontual e delimitada a tal agressão da F Adv, seguindo o "Guide Lines" da ONU, numa crescente e proporcional resposta à ação hostil.
G 3 do BRABAT	A velocidade para atuar era principal característica era o fato de aliar a existência de frações de fuzileiros com proteção blindada e poder de fogo, o que garantia grande flexibilidade de emprego.
S Cmt BRABAT	Foram obedecidas as regras de engajamento da ONU, que preconizam a proporcionalidade da reação. Cabe destacar que na fase inicial, com a tropa inexperiente houve algumas situações em que a reação saiu do controle do Cmt Fração. Era difícil pelas características da área, identificar de onde vinham os disparos. Com o tempo a tropa se adaptou e as reações eram mais efetivas.
Cmt Esqd	Conforme as regras de engajamento
Cmt Esqd	Conforme as regras de engajamento

QUADRO 7 - Respostas do grupo C com relação ao uso de força letal.

Fonte: O Autor

Observando as respostas desse grupo no Quadro 7, percebe-se a constante preocupação dos responsáveis pelo preparo e emprego do Esqd Fuz Mec F Paz, quanto ao rígido cumprimento das normas impostas pelas Regras de Engajamento (*Rules Of Engagement - ROE*) da MINUSTAH, que fixa os procedimentos a serem obedecidos pelas tropas, em diversas situações, e principalmente quanto ao uso da força letal.

As ROE estabelecem autoridade para o uso da força e explica políticas, princípios, responsabilidades e definições das ROE. Na prática são instruções para os comandantes operacionais, delinearem os parâmetros dentro dos quais a força pode ser empregada. As ROE foram baseadas na Resolução 1542 do Conselho de Segurança da ONU, de 30 de abril de 2004. Esse documento estabelece proibições, que correspondem a ordens, que impedem a execução de ações específicas, assim como estabelecem permissões. Autorizando o *Force Commander*, e os comandantes do BRABAT a empreender ações específicas julgadas necessárias para alcançar os objetivos da MINUSTAH (CIOPaz, 2006 b, p. 64).

A próxima pergunta a ser analisada, refere-se ao indicador "utilização da Mtr MAG", onde se questiona aos colaboradores do grupo A, o número de oportunidades, que suas respectivas frações fizeram o uso da Mtr MAG.

O emprego da Mtr MAG caracteriza o último recurso das frações do Esqd Fuz

Mec F Paz quanto ao uso da força, sendo utilizada somente contra ameaças de armas automáticas, de calibres 7,62 mm e 5,56 mm, das F Adv, que realizam disparos contra a tropa, em posições de comando, sobre prédios e lajes, conforme relatado por Santos (2007) e Pacheco (2007). Esse tipo de uso da força sempre foi uma preocupação constante do BRABAT, pois as operações sempre se desencadearam nas cidades haitianas, e em especial nas superpovoadas favelas do Haiti, como *Cité Soleil*, *Cité Militaire* e *Bel Air*, onde o risco de dano colateral, durante o emprego desse armamento, sempre existiu.

TABELA 11 - Emprego da Mtr MAG

X_i	f_i	F_i	f_{ri}	F_{ri}
→ 30	4	4	.130	.130
20 → 30	2	6	.060	.190
10 → 20	5	11	.160	.350
5 → 10	1	12	.030	.380
1 → 5	3	15	.100	.480
Nenhuma	16	31	.520	.1000
$\sum f_i =$	31		1	

Fonte: O Autor

Observando os resultados dos colaboradores, expostos em frequências na tabela 11, verifica-se que dentro da amostra do grupo A, 13% afirmaram que empregaram a Mtr MAG em mais de 30 (trinta) oportunidades, 16% responderam que o fizeram entre 10 (dez) e 20 (vinte) vezes, e 10% responderam que empregaram em até 5 (cinco) vezes, representando a parte considerável da amostra. Se reunirmos todos os resultados que fizeram uso desse tipo de força, em pelo menos uma oportunidade ao longo da missão, encontramos a F_{ri} de 48% da amostra.

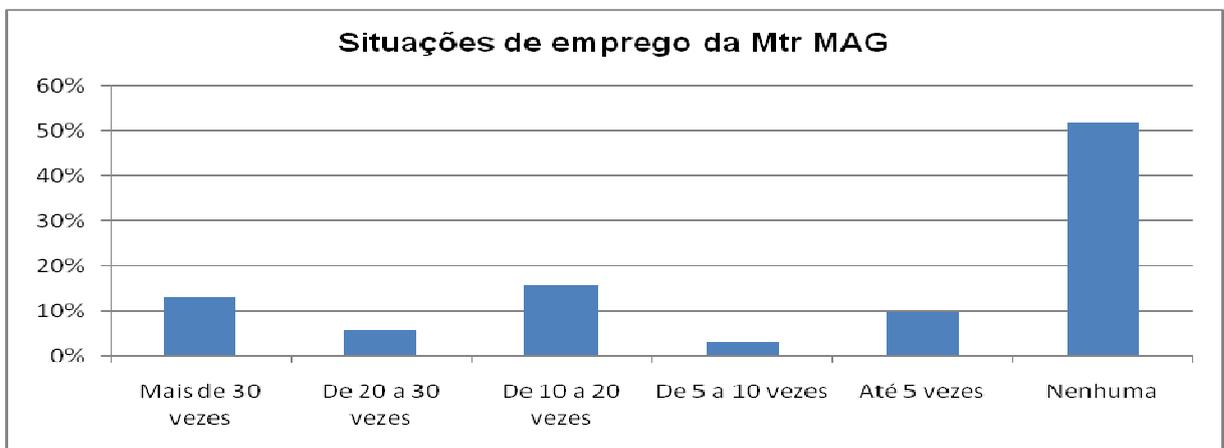


Gráfico 12 - Oportunidades em que as frações dos colaboradores fizeram uso da força letal, especificamente, com a Mtr MAG.

Fonte: O Autor

As respostas dos colaboradores do grupo A, encontram-se ilustradas no gráfico 12, onde percebe-se que mais da metade dos participantes desse estudo, não fez uso desse tipo de força, ao longo de seu contingente.

O valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 0,3194, que confrontando com χ^2 crítico, para 5 g.l., é inferior a 11,070, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

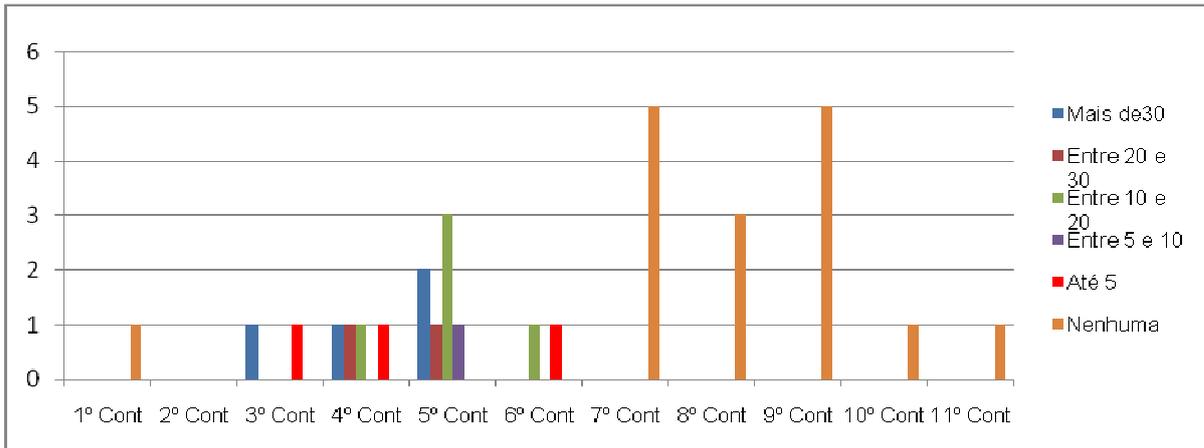


Gráfico 13 - Oportunidades em que as frações dos colaboradores fizeram uso da força letal, especificamente, com a Mtr MAG, separado por contingente.

Fonte: O Autor

Ao analisar esses mesmos dados, separadamente, por contingente, de acordo com o gráfico 13, fica claro que esse tipo de emprego da força, foi predominantemente utilizado até o 6º contingente, não se fazendo mais necessário, a partir do 7º contingente, indo ao encontro das conclusões obtidas com a questão analisada anteriormente, onde o nível de segurança alcançou uma situação desejável, condizente com uma missão de paz, a partir do 7º contingente.

Com a finalidade de complementar as informações relativas ao uso da Mtr MAG na missão de Paz no Haiti, foi questionado ao grupo C da amostra, a respeito dos procedimentos e as condições de utilização da Mtr MAG, durante as operações. As respostas dos participantes encontram-se relacionadas no Quadro 8.

Função do colaborador	Procedimentos e as condições de utilização da Mtr MAG
Aux do G3	Não houve necessidade de utilizá-la durante a missão. Seu emprego era centralizado e só podia ser empregada mediante ordem do Cmt Esqd ou, até mesmo, do Centro de Operações Terrestres (COT). Isso porque a situação encontrada pelo contingente era de normalidade. Já não se admitia mais o uso de armamento letal em larga escala, apenas de maneira pontual.
S Cmt Esqd	A utilização da Mtr MAG foi restrita, durante as Op coordenadas pelo Btl ou pelo Esqd, e seu emprego era basicamente contra construções ou instalações utilizadas pela F Adv, com o cuidado de evitar ao máximo o dano colateral.

Cmt Esqd	Foram utilizadas somente quando havia necessidade de maior volume de fogo. Por ocasião de uma operação de retomada do comissariado na PNH em <i>Terre Rouge</i> , o Esqd reforçou o Btl do Nepal, Nessa ocasião, fomos alvejados pelos ex-militares do alto de uma cota em área rural. Nessa ocasião, percebemos que o reparo da MAG não estava adequado ao emprego, demandando mudanças.
Cmt Esqd	Eram utilizadas apenas para a dissuasão, pois o ambiente encontrava-se seguro e estável para tal utilização.
Cmt do BRABAT	Nosso contingente tinha regras muito restritivas para aplicação da força, pelo fogo. Todo treinamento, diretrizes e ordens, indicavam que o início do fogo deveria ser um instrumento de última instância. No caso das Mtr MAG e dos caçadores, as regras eram mais restritivas ainda e somente ocorriam depois de esgotados os meios de menor letalidade. De qualquer forma, os comandantes dos diferentes níveis, na cena da ação tinham total liberdade para engajar resistências inimigas, pelo fogo dessas armas automáticas, respeitadas as regras de engajamento. Basicamente, os fogos das MAG eram aplicados para: apoiar, a partir dos Urutus, a manobra dos fuzileiros desembarcados, em fase de desembarque; ações diversionárias e de caráter psicológico; fogo contra atiradores abrigados; e em outros casos em que o fogo automático era necessário.
S Cmt Esqd	Deveriam ser empregadas sob ordem direta do Cmt do Carro, e em situações extremas onde a resposta do armamento individual se mostrasse ineficaz e/ou insuficiente.
G 3 do BRABAT	Essas armas davam a potência de fogo, proporcionando a força e a rapidez para atuar aliando a existência de frações de fuzileiros com proteção blindada e poder de fogo, o que garantia grande flexibilidade de emprego no entanto era necessário controlar o seu uso, com o objetivo de evitar uma grande incidência de disparos e possíveis danos colaterais.
S Cmt BRABAT	Sempre obedecendo as regras de engajamento da ONU, que preconizam a proporcionalidade da reação. Cabe destacar que na fase inicial, com a tropa inexperiente, houve algumas situações em que a reação saía do controle do Cmt de fração. Era difícil pelas características da área e do terreno, identificar de onde vinham os disparos. Com o tempo a tropa se adaptou e as reações eram mais efetivas. Quem mais disparava era a Mtr MAG. Uma vulnerabilidade do atirador que foi diminuída com a blindagem da torre, aumentando a segurança do atirador.
Cmt Esqd	Eram empregadas como base de fogos ou reforço às ações do conjunto. No entanto, não foram empregadas efetivamente durante a missão.
Cmt Esqd	Não chegamos a realizar disparos embarcados

QUADRO 8 - Resposta da Amostra C com relação ao uso da Mtr MAG.

Fonte: O Autor

De acordo com as respostas do grupo C da amostra, percebe-se uma constante preocupação quanto ao correto emprego desse meio de apoio de fogo, empregado de maneira muito cautelosa nas operações no Haiti, buscando sempre reduzir ao máximo os riscos de danos colaterais, protegendo a tropa e a população haitiana, cumprindo-se o previsto nas ROE.

Finalizando a presente sessão, abordando o indicador “feridos por disparos das F Adv” a próxima questão perguntou aos participantes do estudo, se houve, durante os respectivos contingentes, militares brasileiros feridos por disparos de arma de fogo das F Adv.

Cmt Frç	Contg	Feridos	Descrição do fato
1	6°	5	Em patrulhamento
3	5°	2	Em operações de cerco, apoiando ações de uma Cia Inf que realizava um vasculhamento. A VBTP estava parada e foi alvo de diversos elementos da F Adv em um terreno completamente desfavorável aos militares que estavam mobiliando os Urutus. Um dos feridos foi um dos atiradores da MAG.
6	5°	2	Em uma ação de reconhecimento de uma Cia Inf, onde dois CG do Esqd Fuz Mec prestavam apoio a ação.
7	5°	2	Durante uma missão de reconhecimento de um futuro Ponto Forte.
9	5°	3	Dois militares do Esqd Fuz Mec F Paz e um fuzileiro naval, durante confrontos em patrulhamentos e reconhecimentos em área de risco.
10	3°	2	Feridos por estilhaços de projéteis da F Adv.
12	5°	2	Durante o reconhecimento de uma escola em <i>Cité Soleil</i> recebeu um tiro de fuzil no abdômen, e outro levou um tiro de raspão no braço.
27	5°	2	Foram feridos em uma situação de resgate de tropa que estava sob fogos intensos da força adversa.
28	6°	8	Vítimas de estilhaços durante a defesa de Ponto Forte (um militar teve estilhaços na face outro nos braços em virtude de um disparo ter atingido seu colete e o seu carregador de Pst). Guarnições da VBTP: em sua maioria decorrente de disparos que atingiram a torre do atirador da Mtr MAG.
30	5°	2	Em uma situação de Rec em um futuro PF, mal sucedido.

QUADRO 9 - Resumo dos militares brasileiros feridos no Haiti

Fonte: O Autor

No quadro 9, é possível constatar que situações de militares brasileiros feridos em confrontos ocorreram no 3°, 5° e 6° contingentes, porém, sem óbitos, o que demonstra o risco a que a tropa brasileira esteve exposta, justificando o uso da força letal, segundo orientações das Nações Unidas, diante de situações críticas de enfrentamento contra as F Adv.

Diante de todos os resultados analisados, percebe-se a complexidade que envolve o preparo de uma tropa para missões de paz, onde o limite entre o uso proporcional de força e o abuso da força é uma linha tênue, que depende da ação de comando do líder militar, em momentos específicos, do treinamento e do adestramento exaustivamente, regulado pelas respectivas regras de engajamento, onde todos os atores, desde o comandante de Btl, até os soldados que patrulham as ruas portando seus armamentos, precisam ter o mesmo conhecimento sobre a importância política da missão a ser cumprida. Um disparo mal direcionado, poderia ter manchado o bom trabalho realizado pela tropas brasileiras em solo haitiano.

4.3 AS ADAPTAÇÕES REALIZADAS NAS VBTP URUTU DO ESQD FUZ MEC F PAZ NO HAITI.

Nesta sessão serão abordados os resultados obtidos com a revisão de literatura no que se refere à dimensão “adaptações nas VBTP”, para compará-las com os depoimentos apresentados nos questionários aplicados, com a finalidade de registrar a percepção dos comandantes de fração que integraram o Esqd Fuz Mec F Paz, com relação às modificações realizadas nas VBTP Urutu, em operação no Haiti. Esta análise permitirá observar a utilidade dessas adaptações e verificar a sua aplicabilidade para as demais VBTP utilizadas pelo Exército Brasileiro.

4.3.1 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura da dimensão adaptações das VBTP

Através da revisão de literatura realizada, foi possível abordar as adaptações realizadas nas VBTP Urutu do Esqd Fuz Mec F Paz, com o objetivo de melhorar a operacionalidade dessas Vtr no ambiente operacional do Haiti.

Inicialmente, as VBTP Urutu, chegaram ao Haiti com as características originais, tendo uma torre e um suporte para a Mtr .50, porém esse tipo de armamento era incompatível com o contexto da MINUSTAH, visto que o calibre da Mtr .50 é empregado para abater alvos como aviões, Vtr e posições fortificadas sendo totalmente inadequadas para o ambiente urbano de uma missão de paz, além de não ser proporcional à força utilizada pelas gangues, que atuavam com armamentos de calibres mais leves realizando ações contra a tropa. Assim Pacheco (2007) aponta que desde o 1º Contingente a Mtr Browning M2 .50 (Mtr. 50) foi substituída pela Mtr 7,62 M971 MAG, conforme o propósito da MINUSTAH.

De acordo com Pacheco (2007), a primeira modificação projetada para a VBTP foi a chapa de aço para proteção do atirador da MAG, fruto dos ensinamentos colhidos pela atuação do 1º e 2º contingentes, que sentiram a necessidade dessa proteção, ao verificaram em operações a vulnerabilidade a qual estava exposto o militar na função de atirador da Mtr, a exemplo dos ferimentos sofridos por militares que mobiliavam a torre da Mtr e as escotilhas, em operações no bairro de *Bel Air*. Ainda no Brasil, antes do embarque do 3º Contingente, os militares que iriam substituir o Esqd Fuz Mec do 2º contingente, projetaram um protótipo, que foi

reproduzido no Haiti. Em seguida, já no Haiti, com a participação do AGSP, as demais proteções blindadas para o atirador da MAG foram reproduzidas pela empresa Centigon Blindagens do Brasil LTDA (BASTOS, 2007).

Outra adaptação que merece destaque foi a colocação de sacos de areia, no entorno das escotilhas dos carros, buscando reduzir a probabilidade de ricochetes dos disparos oriundos das F Adv, que embora ocasionassem um sobrepeso nas Vtr, se mostraram imprescindíveis visto que inúmeras vezes, os sacos de areia nos Urutus do Esqd fuz Mec F Paz foram perfurados por disparos das F Adv (PACHECO, 2007).

Com a finalidade de transpor obstáculos, apresentados pelas F Adv, para obstruir as vias, o AGSP em parceria com o CTEEx, desenvolveram o dispositivo denominado lâmina limpa trilhos, adaptados em duas VBTP, proteções balísticas de vidro e aço no compartimento do motorista e para os atiradores de Mtr MAG, além da adaptação completa de uma VBTP equipada com aparelhos de primeiros socorros como ambulância (EXÉRCITO, 2008).

A proteção balística do atirador da MAG e do motorista, em forma de cabine (PEIXOTO, 2009), proporcionou maior segurança e operacionalidade ao Esqd Fuz Mec F Paz . De acordo com Santos (2007, p. 56) a maior parte dos ferimentos sofridos pelos militares brasileiros era oriunda de estilhaços de projéteis dirigidos contra a torre das VBTP, vindo a atingir os soldados nos braços e na face.

Em meados de 2007, foi projetado um berço blindado, para ser instalado ao redor das escotilhas, com a finalidade de substituir os sacos de areia improvisados ao redor da VBTP (BASTOS, 2007).

4.3.2 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados para a dimensão adaptações das VBTP

As perguntas relacionadas à dimensão “adaptações nas VBTP” que se encontram elencadas no Quadro 4, do item 3.1, descritas nos apêndices A e C, são as que se seguem:

- a. Descreva as oportunidades em que verificou a aplicabilidade da adaptação da VBTP denominada “lâmina limpa trilhos”:
- b. Descreva as oportunidades em que verificou a aplicabilidade da adição de blindagem da VBTP denominada proteção balística do atirador da MAG:

c. Descreva as oportunidades em que verificou a aplicabilidade da adaptação da VBTP denominada proteção balística do motorista da Vtr:

d. Descreva as oportunidades em que verificou a aplicabilidade da adaptação da VBTP caracterizada pela colocação de sacos de areia ao redor das escotilhas:

e. Somente para o grupo C: Apresente suas percepções a respeito das adaptações realizadas nas VBTP Urutu do BRABAT:

A primeira pergunta a ser analisada, questiona aos comandantes das pequenas frações sobre a aplicabilidade prática da adaptação “lâmina limpa trilhos” utilizada pelo Esqd Fuz Mec F Paz a partir do 4º contingente, projetado para remoção de obstáculos. Esse questionamento, que teve como característica respostas abertas, resultou nas considerações dos participantes expostas no Quadro 10.

Cmt Fração	Contg	Aplicabilidade da "Lâmina limpa trilhos":
1	6º	Remover veículos e carcaças das vias de acesso.
2	4º	Durante a apuração dos votos, houve fechamento das vias com barricadas.
3	5º	Para tapar fossos cavados pela força adversa ou abrir caminho em meio aos obstáculos lançados por eles.
4	8º	Limpeza de Obstáculos nas Vias Urbanas
5	4º	Desobstrução de vias, principalmente após as eleições.
6	5º	Geralmente os milicianos obstruíam as vias de acesso as favelas de maior complexidade com ônibus ou outros veículos de pequeno porte, sendo assim de extrema valia a lâmina
7	5º	Barricadas e entulhos nas vias de acesso Excelente adaptação, desempenhando muito bem a finalidade.
9	5º	Durante patrulhamento em uma rua que dava acesso a um ponto forte, a rua estava interditada por barricadas de pneus queimando. A VBTP foi usada para abrir caminho para as outras VBTP.
10	3º	Em deslocamentos por ruas obstruídas por lixo, bem como na limpeza de barreiras de carcaças de veículos, pedras e demais materiais que tentavam impedir o movimento das VBTP.
11	7º	Desobstrução de vias interrompidas por entulhos ou pedras.
12	5º	Diversas vezes foi utilizada em patrulhamentos e operações, para tapar valas abertas pela F Adv para evitar a passagem da tropa. Empregada como Vtr testa, a fim de limpar obstáculos como pneus queimando, carcaça de carros, montes de pedra, que pudessem parar o movimento.
15	10º	Durante manifestações no período das eleições presidenciais, para desobstruir vias.
17	8º	Ocasão de protestos contra a inflação e pedindo comida e emprego. Utilizou-se para desfazer barricadas e pneus queimados.
19	8º	Logo no início do período de permanência do 8º contingente, ainda havia muito lixo nas ruas, principalmente nas de <i>Bel Air</i> . O limpa trilhos foi de fundamental importância nesse momento, pois embaixo da camada de lixo havia muitos buracos que facilmente tirariam de ação os blindados.

21	4º	Abertura de barricadas de pedras, principalmente durante manifestações ou operações do Btl.
23	9º	Nos patrulhamentos que estive presente, nenhuma. Mas e um ótimo equipamento.
27	5º	Cobrir fossos cavados pela F Adv. Abrir passagens em locais que a F Adv colocava grandes pedras e veículos para impedir a passagem do Urutu.
28	6º	Por diversas oportunidades na desobstrução de vias
29	7º	Somente para limpar barricada de pneus.
30	5º	Empurrar grandes pedras deixadas na rua como obstáculos Empurrar carcaças de carros, pneus queimando e outros objetos deixados na rua como obstáculos. Tampar fossos anticarro que estavam sendo preparados contra a tropa.

QUADRO 10 - A adaptação da "Lamina Limpa Trilhos"

Fonte: O Autor

Percebe-se que de acordo com os depoimentos daqueles que presenciaram o emprego da lâmina limpa trilhos, removedora de obstáculos, que as considerações encontradas na literatura (EXÉRCITO, 2008) estão de acordo com o apresentado pelo grupo A, deste estudo, onde ficou evidenciado a eficiência desse equipamento específico, instalado em 02 (duas) VBTP do Esqd Fuz Mec F Paz (Peixoto, 2009), e utilizado para a remoção de diversos tipos de obstáculos, proporcionando a mobilidade necessária a qualquer tipo de tropa blindada em operações, a luz dos depoimentos do Quadro 10.

A segunda questão pergunta ao grupo A, a respeito da necessidade da adição de blindagem denominada proteção balística para o atirador (PBA) da MAG, apresentadas na literatura como concebida para o 3º contingente (PACHECO, 2007) e necessária para as operações no Haiti (SANTOS, 2007), que foram aperfeiçoadas pelo AGSP (BASTOS, 2007).

Da mesma forma que a análise anterior, esta questão foi aberta, com o objetivo de reunir as experiências da amostra do grupo A, tendo as respectivas respostas consolidadas no Quadro 11.

Cmt Fração	Contg	Aplicabilidade da proteção balística do atirador da MAG
1	6º	O Atirador da MAG tinha maior confiança em manter-se observando a origem dos disparos vindos das forças adversas.
2	4º	Em todos os confrontos com as F Adv
3	5º	Os atiradores da MAG eram constantemente alvos de disparos da F Adv. A blindagem além de proteger o militar, também aumentava seu desempenho pelo fato de se sentir mais seguro dentro dela.
4	8º	O único aspecto negativo é a pouca visibilidade do elemento que fica na escotilha a retaguarda da torre. Como ponto forte, temos maior proteção e a melhor visibilidade do Fuz na Mtr MAG
5	4º	O atirador da MAG sempre ficava vulnerável

6	5º	Meu contingente só recebeu essa blindagem no final da missão, mas se houvesse desde o início do contingente, pelo menos um militar não haveria se ferido por fogo da F Adv.
9	5º	Durantes patrulhamentos em varias ocasiões houve disparos na blindagem de proteção.
10	3º	Em diversas oportunidades, essa proteção impediu que o militar na torre da Mtr MAG fosse alvejado pelas F Adv.
12	5º	Utilizávamos uma proteção menor, não aquela que protege as costas do atirador,, improvisávamos com sacos de areia, mais a proteção que tinha ajudava um pouco, só observei uma vez que realmente um disparo atingiu a proteção, talvez se não houvesse poderia ter atingido um militar.
13	11º	Como no meu contingente não atiramos de MAG, nem sofremos tiros, não foi possível concluir sobre as vantagens e desvantagens desta proteção.
14	9º	A blindagem é importante mesmo que para conter pedras lançadas contra a tropa. Serviu como proteção por diversas vezes.
15	10º	Nenhuma, porém a blindagem trás segurança ao atirador. A blindagem "improvisada" acabou ocasionando diversos danos aos mecanismos de giro da torreta do atirador.
16	4º	Proteção durante confrontos com as F Adv
17	8º	Casos de pedrada ou outros objetos
18	9º	Durante a realização de patrulhamento para a proteção contra pedradas.
19	8º	No contingente foi observado apenas nas tentativas de lançamento de objetos contra o blindado. Pelo motivo de o atirador estar numa posição central e mais alta no carro, facilmente se tornava alvo.
23	9º	Como não houve incidentes, não foi observado, mas é um meio de proteção para o atirador, pois o mesmo estava numa posição mais vulnerável.
25	7º	Em todos os deslocamentos, embora não houvesse disparos contra a guarnição, mas sempre é uma segurança a mais para a tropa. Houve um momento que alguns transeuntes jogaram pedras nas Vtr, onde a proteção balística protegeu o atirador da MAG.
27	5º	Quando sob fogos da F Adv ou sob pedradas.
28	6º	Por várias oportunidades os disparos atingiram a torre
30	5º	Proteção contra disparos da F Adv Proteção contra arremessos de pedras Prejudicavam a visibilidade dos militares nas escotilhas A altura desta proteção danificava alguns fios da rede elétrica
31	3º	A posição mais visada pelas F Adv da VBTP era a do atirador da MAG.

QUADRO 11 - A adaptação da blindagem adicional para o atirador da MAG

Fonte: O Autor

De acordo com as exposições do Quadro 11, percebe-se que aqueles militares que vivenciaram a necessidade dessa adaptação, particularmente os que estiveram entre o 3º e o 6º contingente, ressaltaram a importância da proteção balística do atirador da MAG, seja somente a chapa de aço improvisada no 3º contingente, ou mesmo a cápsula balística instalada a partir do 5º contingente, como fundamental para a segurança do atirador da MAG, em situações de confronto com as F Adv. Porém, observando os relatos dos colaboradores que estiveram no Haiti até o 11º contingente, percebe-se que esse equipamento também foi útil, mesmo após os períodos de relativa estabilidade na segurança do Haiti, protegendo a tropa

contra arremessos de objetos, em meio a diversas manifestações, comuns naquele país, onde a tropa sempre se torna vítima de pequenos atos hostis, que também são capazes de provocar baixas, mesmo sem possuírem um possível efeito letal. A única observação negativa foi a que este equipamento dificultava o campo de observação dos militares das demais escotilhas, o que exigia uma atenção redobrada por parte do comandante da fração.

O próximo item a ser analisado, solicitou ao grupo A que descrevessem as oportunidades em que verificaram a aplicabilidade da proteção balística do motorista. Essa proteção inicialmente só se fazia presente na VBTP Urutu ambulância, sendo estendida às demais VBTP somente a partir do final do 5º contingente. Constituindo uma importante proteção à integridade do motorista, que até então ficava exposto, necessitando conduzir a Vtr com a cabeça para fora da escotilha, em virtude da pouca visibilidade disponível por meio do seu compartimento, inadequado para um ambiente urbano e de trânsito caótico como o do Haiti. As respostas dos colaboradores encontram-se consolidadas no Quadro 12.

Cmt Frç	Contg	Aplicabilidade proteção balística do motorista
1	6º	O motorista tinha maior confiança em manter-se observando a origem dos disparos vindos das forças adversas.
3	5º	Os motoristas eram integrantes da tropa que, pela sua função, não podiam responder o fogo. Além disso, do seu desempenho, dependia a condução da tropa embarcada. Ao colocar a blindagem para os motoristas, aumentou não só a sua segurança como também a da tropa que este conduzia. Houve uma determinada ocasião em que o motorista foi alvo de um disparo no centro de sua blindagem na direção do seu rosto. Houve outra oportunidade em que o motorista, sem blindagem, decidiu por dirigir escotilhado o que quase causou um grave acidente ao cair com o blindado dentro de uma vala de esgoto.
4	8º	Em todas as patrulhas. Como aspecto positivo, destaco a proteção e a melhor visibilidade do Motorista.
5	4º	Muito importante, devido à impossibilidade do motorista em dirigir escotilhado nas ruas muito estreitas.
9	5º	Durante os patrulhamentos em áreas de risco.
10	3º	Aumentou a segurança de toda a guarnição da VBTP, uma vez que o motorista estava sempre protegido.
11	7º	A proteção balística para o motorista foi de extrema utilidade pois possibilitou a condução da VBTP pelas ruas estreitas de forma segura e prática para o motorista..
12	5º	No 5º contingente só a ambulância possuía esta proteção.
14	9º	Os motoristas sempre utilizavam a proteção.
15	10º	Essa blindagem demonstrou-se fundamental para dar segurança ao motorista, inclusive contra ao arremesso de pedras.
17	8º	Casos de pedrada ou arremessos de outros objetos
18	9º	Durante a realização de patrulhamento quando a Vtr foi atingida por pedradas.

19	8º	Durante as manifestações ou tentativas de lançamento de objetos contra o blindado, o motorista sempre era alvo principal.
25	7º	Protegeu o motorista contra as ações da população, deixando-o concentrado na direção da VBTP, e não se esquivando de objetos ou até disparos da F Adv.
27	5º	Quando sob fogos da F Adv ou sob pedradas.
28	6º	Em uma oportunidade, um disparo trincou o vidro.
30	5º	Uma vez, um motorista da Urutu ambulância recebeu um disparo exatamente no vidro blindado. Após a instalação nos demais Urutus, a segurança e a confiança dos motoristas aumentou sensivelmente.

QUADRO 12 - A adaptação da proteção balística do motorista da VBTP

Fonte: O Autor

De acordo com as observações do Quadro 12, nota-se claramente a boa aplicabilidade da proteção balística do motorista, onde alguns colaboradores registraram o fato de esta proteção ter sido alvejada por disparos da F Adv. Mais que a proteção do motorista, esta adaptação trouxe maior segurança para toda a guarnição da Vtr, visto que o motorista não estando com a “cabeça para fora” anulou-se o risco do mesmo ser alvejado, e a guarnição ter que substituí-lo por um motorista improvisado e não capacitado, durante uma situação de crise. Além disso, o antigo sistema de visão da escotilha do motorista, não era o mais adequado para um ambiente urbano e conturbado como o trânsito do Haiti, pois foi projetado para o combate convencional, em terrenos abertos. Os vidros blindados dessa adaptação proporcionaram maior segurança também durante os deslocamentos em vias urbanas.

A próxima questão a ser analisada, refere-se às oportunidades em que foi verificada a aplicabilidade da colocação dos sacos de areia no entorno das escotilhas das VBTP Urutu. Essa prática improvisada foi apontada na literatura como uma solução que se fez muito eficaz, protegendo a tropa contra ricochetes dos disparos das F Adv (PACHECO, 2007).

Os resultados obtidos com as entrevistas do grupo A, encontram-se consolidados no Quadro 13.

Cmt Frç	Contg	Aplicabilidade da colocação de sacos de areia ao redor das escotilhas:
1	6º	Aumentou a proteção aos integrantes da vtr
2	4º	Em todos os tiroteios.
3	5º	Por diversas vezes os sacos de areia foram alvos de disparos protegendo a tropa.
4	8º	Em todas as patrulhas, evitaram o ricochete de disparos da F Adv, porém deve ser colocada sem impedir o fechamento das escotilhas.
6	5º	Excelente utilidade. Fui protegido de uma rajada graças a um saco de areia.
7	5º	Praticamente em todo o contingente foi amplamente usado, na verdade era uma proteção indispensável.

9	5º	Durante os confrontos alguns projéteis acertavam os sacos e protegiam os militares.
10	3º	Protegiam a tropa contra ricochetes
12	5º	Algumas vezes observamos tiros atingindo efetivamente essa proteção, além disso, diminuía muito a exposição da guarnição da Vtr.
13	11º	Como no meu contingente não chegamos a atirar, nem sofremos tiros, não foi possível concluir sobre as vantagens e desvantagens desta proteção. Porém, com certeza, além de proteger, proporciona ao atirador um melhor posicionamento para o tiro.
14	9º	Não observado. Em minha opinião, os sacos dificultam o fechamento das escotilhas do Urutu.
15	10º	Essa colocação melhora a proteção da guarnição contra disparos, ricochetes e arremesso de objetos, melhorando a segurança da guarnição.
16	4º	Em confrontos com as F Adv
17	8º	Protegem em casos de pedradas e arremessos de outros objetos.
18	9º	Uma barreira a mais para as pedradas durante o patrulhamento.
19	8º	Tecnicamente não houve aplicabilidade, contudo, servia de fator psicológico, pois elevava a sensação de segurança durante os patrulhamentos.
21	4º	Protegiam a tropa contra ricochetes
25	7º	Todo o material empregado na proteção dos ocupantes da VBTP foi bem vinda, e a colocação dos sacos veio a proteger a esquadra e até melhorar o apoio para a realização de disparos da guarnição. Assim em todos os deslocamentos de patrulhamento foi possível aprovar os sacos de areia na VBTP.
27	5º	Quando sob fogos da F Adv.
28	6º	Em algumas oportunidades disparos atingiram os sacos e não produziram estilhaços
30	5º	Proteção contra disparos da F Adv Proteção contra ricochetes Acréscimo de peso na Vtr danificando o seu sistema de suspensão.
31	3º	Foi uma medida emergencial.

QUADRO 13 - Colocação de sacos de areia na VBTP Urutu

Fonte: O Autor

Do exposto, percebe-se que a presença desta medida paliativa, improvisada pelos militares do Esqd Fuz Mec F Paz, colaborou para o reduzido número de baixas em operações , protegendo os integrantes das guarnições mecanizadas, contra disparos e ricochetes de projéteis oriundos das armas das F Adv. Indo ao encontro do apresentado pelo CCOPAB (2010) onde relatou que em uma operação do 3º contingente, 12 sacos de areias das Vtr do Esqd Fuz Mec F Paz, foram perfurados por disparos das F Adv. Entretanto, o peso adicional causou certo dano às Vtr, conforme o apresentado no Quadro 13.

A última questão a respeito das adaptações realizadas nas VBTP Urutu foi direcionada ao grupo C, deste estudo, e questionou a esses colaboradores sobre as suas percepções a respeito das adaptações realizadas nas VBTP, no decorrer da atuação do BRABAT, presentes no quadro 14.

Função do colaborador:	Adaptações realizadas nas VBTP Urutu
Aux do G3	Aparentemente, foram úteis em contingentes anteriores. Mas não foram necessárias durante o segundo semestre de 2007.
S Cmt Esqd	As adaptações realizadas buscavam sempre atender às necessidades de emprego da VBTP com maior segurança à sua guarnição. No meu entendimento, elas atenderam ao que se propunham, entretanto algumas deveriam ter sido melhores estudadas, para o seu aproveitamento futuro, como por exemplo a proteção do motorista da VBTP, a torre para o atirador da MAG, e a adição de blindagem, pois todas essas passaram a exigir mais da Vtr, em função do aumento do peso da Vtr.
Cmt Esqd	Durante o 2º contingente destaquei os seguintes problemas: - vulnerabilidade do motorista; - falta de uma lâmina para retirar entulhos que causavam avarias nos pneus; - reparo da MAG dimensionado para a Mtr .50; Acredito que as adaptações realizadas no Urutu tornaram a viatura mais operacional para o ambiente operacional do Haiti.
Cmt Esqd	A adaptação foi muito apropriada tendo em vista as características do ambiente de conflito urbano. Apesar da mudança na estrutura e acréscimo no peso a VBTP comportou-se muito bem. A modificação das características da Vtr aumentou a proteção blindada para o motorista e atirador da MAG que realmente ficavam expostos diante da F Adv.
Cmt do BRABAT	Em nosso período de emprego não orientamos algumas das adaptações citadas, mas fomos usuários desses aperfeiçoamentos, que julgamos terem sido suficientes e adequados. Destaco que uma das medidas mais efetivas e que decorreu de iniciativa do 5º Contingente, foi a adaptação das torres dos motoristas, que passaram a ter proteção blindada.
S Cmt Esqd	Foram excelentes adaptações que aumentaram excepcionalmente a mobilidade e a segurança das guarnições.
G 3 do BRABAT	Foram adaptações muito boas e necessárias.
S Cmt BRABAT	Foram de grande importância para a segurança da guarnição, que ao desembarcar para desobstruir a passagem ficavam vulneráveis aos fogos de F Adv. A blindagem deu segurança ao motorista e atirador da MAG. O motorista era muito vulnerável e provocava um desgaste muito grande nessa turma que não tinha substitutos.
Cmt Esqd	As adaptações nas VBTP ampliaram o poder relativo de combate do Esqd do Fuz Mec, uma vez que agregaram robustez e eficiência para o emprego dos blindados em operações urbanas.
Cmt Esqd	Alteração substancial no peso da Vtr sem suporte técnico. Alterações 100% necessárias.

QUADRO 14 - Respostas do grupo C sobre as adaptações nas VBTP Urutu

Fonte: O Autor

Ao observar as experiências dos colaboradores do grupo C, com relação às adaptações realizadas nas VBTP Urutu em operações no Haiti, apresentadas no Quadro 14, fica claro o ganho de operacionalidade alcançado pelo Esqd Fuz Mec F Paz, potencializando suas capacidades em prol da missão do BRABAT, poupando vidas, proporcionando condições para que a tropa operasse em maior segurança e com meios capazes de enfrentar os desafios da missão de paz no Haiti. Observações semelhantes às apresentadas pelo grupo A, também ficou evidenciado nas considerações do grupo C, no que se refere à questão do peso adicional gerado

por essas adaptações, levando as VBTP Urutu a um esforço, além de suas capacidades. Porém, entre prós e contras, percebe-se que as adaptações representaram um ganho em operacionalidade, se mostrando como uma solução muito eficiente, visto que não foi registrado nenhum óbito de soldados brasileiros, embarcados nos Urutus, durante os confrontos com as F Adv.

4.4 AS OPERAÇÕES DO ESQD FUZ MEC F PAZ NO HAITI.

Nesta sessão serão abordados os resultados obtidos com a revisão de literatura no que se refere à dimensão “emprego em operações” do Esqd Fuz Mec F Paz, para compará-las com os depoimentos apresentados nos questionários aplicados, com a finalidade de levantar as características e a forma de emprego do Esqd Fuz Mec F Paz em operações no Haiti. Esta análise descreverá como se deu o emprego dessa tropa em solo haitiano.

4.4.1 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura sobre a dimensão emprego do Esqd Fuz Mec em operações.

Através da revisão de literatura sobre o emprego do Esqd Fuz Mec F Paz, em operações no Haiti, será possível descrever as características desse emprego, durante os onze primeiros contingentes do BRABAT, para uma análise coerente dos resultados obtidos no presente estudo.

O Esqd Fuz Mec F Paz sempre foi a tropa dotada com Vtr blindada do BRABAT. Para o escalão superior, essa fração sempre deveria constituir a força de ação rápida do BRABAT. Dentre as diversas missões, deveria realizar patrulhamentos em áreas de risco, ocupação de pontos fortes, ações de reconhecimento, desarmamentos de tropas engajadas, ocupação de posições de bloqueio, vigilância da zona de ação, monitoramento de manifestações, desobstrução de vias e apoio as ações da PNH. O Esqd Fuz Mec F Paz foi inicialmente empregado durante o 2º contingente para levantar informações a respeito a área de operações, buscando conhecer as lideranças locais, identificação das necessidades da população, locais de homizio das F Adv e o monitoramento de suas atividades (SANTOS, 2007 p. 54).

Segundo Cunha (2008, p. 85), por ocasião da atuação do 7º contingente, *Cité Soleil* era a área de operações do Esqd Fuz Mec F Paz, que compartilhava essa área de responsabilidade com mais duas subunidades, sendo que esse bairro, em Porto Príncipe, correspondia a 25% do território de responsabilidade do BRABAT.

Conforme Peixoto (2009, p. 59), o Esqd Fuz Mec F Paz foi empregado no 9º contingente como força de reação, força de ação rápida, como reserva do BRABAT, ou para reforçar ou substituir as demais subunidades do Btl, realizando patrulhamentos diurnos em toda área de operações do BRABAT, nos bairros de *Bel Air*, *Cité Soleil* e *Cité Militaire*. Fazia parte da rotina da tropa operações de cerco e vasculhamento, operação de postos de bloqueio (*check points*) e operações de controle de distúrbios. O pelotão era constituído por GO, nova denominação para os antigos GC, onde cada pelotão era dotado de 5 (cinco) GO que se revezavam no cumprimento das missões.

As ações ousadas da F Adv, por vezes empregavam efetivos relativamente pequenos, em torno de 15 (quinze) elementos da F Adv contra um pelotão do Esqd Fuz Mec F Paz, que se valendo do conhecimento do terreno e da descaracterização em meio a população, multiplicavam a sua capacidade de hostilizar as tropas, representavam uma ameaça considerável às frações do Esqd Fuz Mec F Paz. A identificação do exato local de onde partiam os disparos das F Adv, em meio ao amontoado de casarios dos bairros haitianos, era algo muito difícil de ser alcançado, o que potencializava ainda mais as ações desses bandos armados, que cientes da cautela da tropa em não disparar em meio a população, aproveitavam-se para disparar contra as tropas da ONU. Porém o emprego da massa, como o descrito por Santos (2007, p. 58) permitia uma intervenção oportuna, orientada de acordo com as informações disponibilizadas pelas tropas no terreno. O rápido reforço de elementos da tropa mecanizada, no valor de dois ou mais pelotões, formando força tarefas, com elementos fuzileiros a pé, realizando o cerco, obtinha sucesso contra ações mais ousadas das F Adv, que dificilmente mantinham-se aferradas ao terreno.

Segundo Santos (2007 b, p. 05), a primeira grande demonstração de força na MINUSTAH, conforme palavras o então *Force Commander*, o Gen Heleno, foi a Operação *Liberté*, realizada ao amanhecer do dia 14 de dezembro de 2004, com os batalhões Brasileiro, Jordaniano e do Sri Lanka, com a finalidade de retomar dois antigos postos da Polícia Nacional Haitiana (PNH), localizados em *Cité Soleil*, com a finalidade de realizar uma demonstração de força e estabelecer condições mínimas

de segurança, a fim de permitir a atuação da PNH, da polícia da ONU (UNPOL) e das agências humanitárias que compunham a MINUSTAH, no bairro de *Cité Soleil*. Nessa operação, Santos (2007 b) assinalou que foi planejado realizar um vasculhamento, em uma faixa do terreno de aproximadamente 2,0 Km de frente por 1,5 Km de profundidade, em 04 (quatro) horas, procedendo-se um vasculhamento seletivo, ou seja, somente entrava-se nas residências em que se havia levantado, anteriormente pelo serviço de inteligência, como possível local de homizão de material ou pessoal das F Adv. Porém, em função do avanço do JORBAT, que participava da operação na porção oeste do BRABAT, esse tempo foi reduzido à metade, onde a primeira etapa do vasculhamento durou 02 (duas) horas.

Durante essa operação, coube ao Esqd Fuz Mec F Paz as missões de cobrir a reunião dos meios do BRABAT, liderar o deslocamento para dentro da área de investimento, distribuir as equipes de atiradores, denominados caçadores, que ocuparam posições elevadas sobre lajes, cobrir a entrada dos elementos das Cia Fuz, responsáveis pelo vasculhamento, e a proteção de elementos de engenharia, que tinham por missão apoiar a mobilidade, realizando o tamponamento dos fossos cavados pelas F Adv, após o estabelecimento da segurança pelo Esqd Fuz Mec F Paz. Houve situações que exigiram o desembarque da tropa mecanizada, em momentos de investimentos em determinados locais em que as tropas de infantaria não puderam se fazer presente, em virtude da forte ação das F Adv e ausência de proteção blindada. Panes nas VBTP exigiram o trabalho da turma de manutenção durante a operação *Liberté*. No final da missão, o Esqd Fuz Mec F Paz, realizou a segurança do PC do BRABAT, estabeleceu dois *check points*, e realizou patrulhamentos na área até o fim do dia (SANTOS, 2007 b, p. 08).

Do exposto, percebe-se que a bibliografia sobre emprego do Esqd Fuz Mec F Paz em operações não é vasta, sendo uma das metas do presente estudo, aumentar a gama de informação sobre o assunto, fruto da análise dos dados coletados com os grupos da amostra.

4.4.2 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados sobre a dimensão emprego do Esqd Fuz Mec em operações.

Por meio da aplicação dos questionários, as perguntas relacionadas à dimensão “emprego do Esqd Fuz Mec F Paz, em operações no Haiti”, que se

encontram elencadas no Quadro 4, do item 3.1, e descritas nos apêndice A e C, são as que se seguem:

a. Para o grupo A:

1) Cite o número aproximado de Operações nível SU que o seu Pel Fuz Mec participou (Seja no âmbito do Esqd Fuz Mec ou como Força Tarefas, dentro de outras Cia ou outras nações):

2) Cite o número aproximado de Operações nível U que o seu Pel Fuz Mec participou (Seja no âmbito do BRABAT ou outras Cia ou outras nações):

b. Para o grupo C:

1) Relacione as principais missões realizadas pelo Esqd Fuz Mec F Paz durante o vosso contingente:

2) Nas Operações nível SU e U, quais eram, predominantemente, as missões atribuídas aos Pel Fuz Mec F Paz?

Na primeira questão, direcionada ao grupo A, com relação ao indicador “número de operações nível SU” que os seus respectivos Pel Fuz Mec participaram, no decorrer da missão, foram encontrados os resultados apresentados na Tabela 12.

TABELA 12 - Operações nível SU

Resultados	
Média	12,29032258
Erro padrão	1,187926311
Mediana	10
Modo	10
Desvio padrão	6,614093782
Variância da amostra	43,74623656
Curtose	-0,593700859
Assimetria	0,865885591
Intervalo	21
Mínimo	4
Máximo	25
Soma	381
Contagem	31
Maior(1)	25
Menor(1)	4
Nível de confiança (95,0%)	2,426069178

Fonte: O Autor

Percebe-se que foram encontrados resultados, entre os 31 participantes do grupo A da amostra, que variaram entre os valores de 4 (quatro) a 25 (vinte cinco) operações nível SU, ao longo dos respectivos contingentes, apresentando uma

média de mais de 12 (doze) operações nível SU, com uma mediana de 10. Essas informações demonstram que de acordo com a média de operações nível SU, em um período de 6 (seis) meses, o que corresponde ao tempo de cada contingente, existe a possibilidade de uma média de duas operações nível SU por mês

O segundo questionamento ao grupo A, foi quanto ao número de operações nível U que os seus respectivos Pel Fuz Mec participaram, no decorrer da missão. Foram encontrados os resultados apresentados na Tabela 13.

TABELA 13 - Operações nível U

Resultados	
Média	6,032258
Erro padrão	0,612564
Mediana	5
Modo	10
Desvio padrão	3,41061
Variância da amostra	11,63226
Curtose	0,121398
Assimetria	0,633397
Intervalo	14
Mínimo	1
Máximo	15
Soma	187
Contagem	31
Maior(1)	15
Menor(1)	1
Nível de confiança (95,0%)	1,251022

Fonte: O Autor

De acordo com a tabela 13, as respostas dos 31 colaboradores do grupo A apresentaram uma média de aproximadamente 6 (seis) operações nível U (Btl) entre os 11 (onze) primeiros contingentes do BRABAT, com resultados de respostas que variaram entre 15 (quinze) e 1 (uma) operação nível U. Percebe-se, portanto, uma expectativa de 01 (uma) operação nível U a cada mês em operações no Haiti.

Cabe lembrar que esses números referem-se à quantidade de operações que cada colaborador participou, com seu respectivo pelotão, o que não corresponde ao número total de operações que cada BRABAT realizou, uma vez que durante os períodos de folga e dispensa da tropa, também ocorriam operações das mais diversas. Esses números estão relacionados a complexas operações dos mais variados tipos, incluindo operações direcionadas contra as F Adv, CIMIC, segurança de eleições e outras missões que envolveram valores de tropa a níveis de SU e U.

A próxima questão desta sessão foi direcionada aos integrantes do grupo C

da amostra, onde foi solicitado a esses militares para que relacionassem as principais missões realizadas pelo Esqd Fuz Mec F Paz, durante os respectivos contingentes.

Função do colaborador:	Descrição
Aux do G3	Patrulhas (a pé e mecanizadas), escolta de comboios e autoridades, cerco e vasculhamento, busca e apreensão, controle de distúrbios e <i>Check points</i> (PBCVU).
S Cmt Esqd	<ul style="list-style-type: none"> - Patrulhamento mecanizado e a pé - Ocupação de Pontos Fortes - Estabelecimento de <i>Check Point</i> - Op de cerco e vasculhamento - Reunião com lideranças locais - ACISO
Cmt Esqd	<ul style="list-style-type: none"> - Operação <i>Liberté</i> - Reintegração de posse da residência presidencial - segurança de manifestações - operação natal e ano novo - operação carnaval - retomada do comissariado da PNH de <i>Terre Rouge</i>
Cmt Esqd	Operação Atalaia Boston, Operação Mandacaru, Operações Sucuri, Operação Asa Branca, Segurança e Escolta de comboios, Segurança da Penitenciária Nacional, Reconhecimentos aéreos, ajuda humanitária, diversas atividades operacionais (<i>check points</i> , <i>static points</i> , patrulhamento), segurança de centros de votação, segurança do centro de tabulação de votos, reforço ao Btl Nepalês durante as eleições para o Senado haitiano no departamento de <i>Artibonite</i> .
Cmt do BRABAT	<p>O Esqd sempre foi empregado sob a coordenação do comando BRABAT, não atuando isoladamente. Em sua participação, enquadrado pelo Btl, o 4º Esqd C Mec cumpriu as seguintes missões:</p> <p>Em seu subsetor de responsabilidade, sob a iniciativa e responsabilidade direta do seu Comandante: segurança de pontos sensíveis; patrulhas de reconhecimento; patrulhas de combate; proteção de comboios logísticos; e ações com caráter civil e social.</p> <p>Sob a coordenação direta do Comando BRABAT: operações de combate em áreas dominadas, participando do cerco e da incursão; apoio a operações psicológicas; apoio a atividades de assuntos civis; ações em conjunto com outras SU do BRABAT e com elementos de Forças de Operações Especiais.</p> <p>O 4º Esqd Fuz Mec foi permanentemente reforçado por um Pel Fuz Mec do Exército do Chile e, eventualmente, por elementos especializados do BRABAT.</p>
S Cmt Esqd	Escoltas de comboios, Patrulhas, Op de cerco e vasculhamento, ocupação de ponto forte, segurança de autoridades, etc.
S Cmt BRABAT	Foram as mesmas desenvolvidas pelos Fuz Inf: patrulhas, defesa de ponto forte, investimento em localidade, segurança de autoridade.
Cmt Esqd	Patrulhamento mecanizado e a pé; ações de cerco, vasculhamento e investimento; compondo forças tarefas com elementos das Cia de infantaria; operando <i>check points</i> ; realizando escoltas de comboio; ocupação de Pontos Fortes; e empregado como Força de Reação.
Cmt Esqd	O Esqd, além de ser a reserva do BRABAT era responsável pelo patrulhamento mecanizado de toda a AOR do BRABAT. Cercos, Controle de distúrbios, patrulhamento ostensivo, <i>Check Points</i>

QUADRO 15 - Principais missões realizadas pelo Esqd Fuz Mec F Paz

Fonte: O Autor

A próxima e última pergunta dessa sessão, questiona novamente o grupo C, a respeito das missões que predominantemente eram atribuídas aos Pel Fuz Mec F

Paz em operações nível SU e U, durante os respectivos contingentes do BRABAT. As respostas dos colaboradores encontram-se concentradas no Quadro 16, onde constam resumidamente as considerações desses colaboradores.

Função do colaborador:	Descrição
Aux do G3	Patrulhas (a pé e mecanizadas), escolta de comboios e autoridades, cerca e vasculhamento, busca e apreensão, controle de distúrbios e <i>Check Points</i> (PBCVU).
S Cmt Esqd	Missões de segurança, cerco, investimento e vasculhamento, apoio de fogo, ACISO, Op diversionária, com a finalidade de iludir a F Adv, e ACISO.
Cmt Esqd	<i>Check point</i> , vasculhamentos, investimentos, bloqueio de vias de acesso.
Cmt Esqd	Patrulhas, <i>check point</i> , <i>static point</i> , desobstrução de via de circulação, cerco, vasculhamento e interdição de área, identificação de pessoas e controle de movimentos, operações de controle de distúrbios, demonstração de força e segurança de instalações, bloqueio de vias de acesso para carro e pessoal e demonstração de força.
Cmt do BRABAT	Segurança de pontos sensíveis, patrulhas de reconhecimento, patrulhas de combate, proteção de comboios logísticos e ações com caráter civil e social. Operações de combate em áreas dominadas participando do cerco e da incursão. Apoio às operações psicológicas, as atividades de assuntos civis, ações em conjunto com outras SU do BRABAT e com elementos de Forças de Operações Especiais.
S Cmt Esqd	Escortas de comboios, Patrulhas, operações de cerco e vasculhamento, ocupação de ponto forte, segurança de autoridades, etc.
G 3 do BRABAT	Preciso pesquisar para responder exatamente a essas três perguntas. Peço desculpas por responder muito itens sem a profundidade necessária, procurei responder logo para não atrasar sua pesquisa. Estou aqui na Vila, me procure para podermos aprofundar o assunto.
S Cmt BRABAT	Foram as mesmas desenvolvidas pelos Fuz de infantaria a exemplo de: patrulhas, defesa de ponto forte, investimento em localidade, segurança de autoridade. Força de contra ataque, defesa de ponto forte, combate em localidade, patrulhamento diurno e noturno.
Cmt Esqd	Patrulhamento mecanizado e a pé; ações de cerco, vasculhamento e investimento; compondo força tarefas com elementos das Cia de infantaria; operando <i>check points</i> ; realizando escoltas de comboio; ocupação de Pontos Fortes; e empregado como força de reação.
Cmt Esqd	Força de cerco, força de choque, força de vasculhamento. Reserva da Unidade

QUADRO 16 - Principais missões atribuídas aos Pel Fuz Mec F Paz

Fonte: O Autor

De forma geral, as missões apontadas nos quadros 15 e 16, estão de acordo com o apresentado na literatura, conforme Peixoto (2009), Santos (2007) e Cunha (2008), onde percebe pelos apontamentos do grupo C que o Esqd Fuz Mec F Paz operava como reserva do BRABAT, constituindo uma força de ação rápida, cumprindo missões de patrulhamentos em áreas de risco, atuando combinado com elementos das Cia Fuz, mesmo em operações de grande envergadura, fazendo pleno uso de suas características de proteção blindada, mobilidade, flexibilidade e ação de choque, em prol das missões do BRABAT. Assim pode-se inferir que uma tropa blindada ou mecanizada valor SU, está adequada para uma missão de paz

com características semelhantes à MINUSTAH. O Esqd Fuz Mec F Paz constituiu a força de choque do BRABAT, sendo empregado em momentos importantes da missão. Durante os períodos mais intensos das ações das F Adv, o emprego dos meios blindados se fez necessário, para as operações de combate às gangues armadas da capital, para garantir a presença da tropa em áreas de risco, realizando patrulhamento mecanizado e proporcionando um ambiente seguro e estável, mesmo nos bairros de maior risco, como *Cité Militaire*, *Bel Air* e *Cité Soleil*. Todavia, os meios blindados se mostraram fundamentais, mesmo durante os períodos em que não mais ocorreram ataques dos bandos armados da capital haitiana contra as tropas brasileiras, sendo utilizados como fator de dissuasão em situações controle de distúrbios civis e patrulhamento ostensivo, mantendo o ambiente seguro alcançado ao longo dos 11 primeiros contingentes do BRABAT.

4.5 OS PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS PADRÃO (POP) DO ESQD FUZ MEC F PAZ NO HAITI.

Nesta sessão serão abordados os resultados obtidos com a revisão de literatura no que se refere à dimensão “Procedimentos operacionais padrão” do Esqd Fuz Mec F Paz, a fim de subsidiar a análise dos depoimentos apresentados nos questionários aplicados, com a finalidade de complementar mais essa lacuna, a que este estudo se propõe.

4.5.1 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura sobre a dimensão procedimento operacionais padrão.

Os procedimentos operacionais padrão (POP) são ações pré-estabelecidas que orientam a forma de executar determinada missão ou ação, com a finalidade de otimizar e aperfeiçoar o desempenho da tropa. Através da revisão de literatura, sobre os procedimentos operacionais padrão adotados pelo Esqd Fuz Mec F Paz, será possível reunir os conhecimentos já disponíveis na literatura, e acrescentar, se for o caso, com os resultados obtidos entre os grupos.

Quanto ao emprego dos Pel Fuz Mec do Esqd Fuz Mec F Paz, Santos (2007, p. 54) afirmou que cada Pel recebia um setor de patrulhamento, de acordo com o

planejamento do oficial de operações do Esqd. Dentro dos Pel, os Cmt Pel dividiam as respectivas zonas de ação entre os GC, realizando os rodízios entre as frações. Cada fração cumpria suas missões de acordo com o pacote previsto do Btl, buscando sempre coletar informações que pudessem alimentar a rede de inteligência do BRABAT. De acordo com a disponibilidade, os Pel cumpriam suas missões, acompanhados de um intérprete da SU. Se possível, os deslocamentos embarcado e desembarcado eram protegidos por elementos ocupando posições elevadas sobre lajes, ou por tropa em Pontos Fortes. Nesta ocasião durante os patrulhamentos mecanizados, já abordado no item 4.1.1, no 2º contingente, realizava-se o rodízio entre os militares que mobiliavam as escotilhas das VBTP, a cada meia hora, para descanso da tropa. O que exigia um número maior de militares em cada VBTP. Em operações de cerco e vasculhamento nível SU, empregava-se um a dois Pel no cerco, um no vasculhamento e outro na reserva móvel.

Peixoto (2009, p. 56) apresentou uma nova constituição para os GC mecanizados, adotados a partir do 9º contingente, denominado grupo operacional (GO). Que na prática não alterou o valor da fração mecanizada, empregada desde os primeiros contingentes, porém estabeleceu uma constituição fixa para cada GO, que anteriormente era feita de maneira aleatória, dentro de uma escala, conforme o planejamento dos Pel, paea os GC.

TABELA 14 - Dotação de munição não letal de cada GO

Composição do Kit de Munições e armamentos não letais dos GO	(Un)
Munição Cal. 12 com projéteis de borracha	30
Munição Cal. 37/38 com 12 bolas de borracha	6
Munição Cal. 37/38 com 03 bola de borracha	6
Munição Cal. 37/38 Lacrimogêneo	6
Granada Lacrimogênea	4
Granada de Efeito Moral - Luz e Som	12
Granada de Efeito Moral	8
Aerosol com Gás de Pimenta (Capsicina)	2

Fonte: PEIXOTO (2009, p. 59)

Ainda com relação às observações de Peixoto (2009), cabe ressaltar o procedimento adotado de utilizar uma caixa com o armamento e a munição não letal do GO, entre as escotilhas, na parte externa a Vtr, para o fácil manuseio e acesso

dos militares. Com relação ao patrulhamento mecanizado, empregavam o efetivo mínimo de dois GO, em uma VBTP cada, prestando apoio mútuo em segurança. Nas ocasiões que exigiam o desembarque da tropa, destacou que somente o atirador da MAG e o motorista das VBTP permaneciam embarcados, apoiando o deslocamento dos demais integrantes da fração. Na tabela 14 encontra-se a dotação de munição não letal utilizado em cada GO, durante o 9º contingente.

Do exposto, percebe-se que a literatura disponível sobre os procedimentos operacionais padrão adotados pelo Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti não é muito rica, tornando relevante os resultados obtidos com o presente estudo.

4.5.2 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados para a dimensão de procedimentos operacionais

Por meio da aplicação dos questionários, os itens relacionadas à dimensão “procedimentos operacionais padrão do Esqd Fuz Mec F Paz, em operações no Haiti”, que se encontram elencadas no Quadro 4, do item 3.1, e descritos no apêndice A, são os que se seguem:

- a. Descreva os procedimentos operacionais padrões realizados pelo Esqd Fuz Mec F Paz durante as missões diversas no dia a dia do Haiti:
- b. Descreva os procedimentos operacionais padrões realizados por sua fração (GC, GO ou Pel) durante as missões diversas no dia a dia do Haiti:

No primeiro item buscou-se reunir, junto aos participantes do estudo, o conjunto de ensinamentos e lições aprendidas, evidenciados nos respectivos contingentes, quanto ao emprego do Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti, fundamentados pela experiência adquirida ao longo do cumprimento diário de missões. Os procedimentos adotados em determinado contingente poderão ou não ser aproveitados por outros contingentes que virão, ou mesmo em outras ações das Forças Armadas, tanto no Brasil como no exterior.

Pelo fato da assertiva em questão ter sido de caráter aberto, alguns elementos da amostra declararam que não mais se recordavam, exatamente sobre os POP, sendo que somente uma parte da amostra contribuiu com esses ensinamentos, sendo estes elencados no Quadro 17.

Contg	Cmt Frç	POP realizados pelo Esqd Fuz Mec F Paz
-------	---------	--

3º	10	Reunião diária do Cmt Esqd com os Cmt Pel, para ajustes e distribuição de missões.
4º	16	Verificação do motorista sobre as condições das Vtr, antes da saída e após o retorno de uma missão. Procedimentos de segurança com o armamento tanto na saída quanto na chegada nas bases. Verificação constante de todo material de dotação.
	2	Armamento carregado somente em áreas vermelhas Em ocasiões que a população desaparecia rapidamente, esvaziando a rua, o armamento era carregado imediatamente, em função da iminente ação da F Adv. Durante operações noturnas o farol de busca era utilizado para busca de alvos. Condução de uma caixa com munição extra, dentro da Vtr.
5º	6	Distribuição prévia dos grupos que mobiliariam os Pontos Fortes. Distribuições de missões específicas, entre as frações e respectivos integrantes, para execução de <i>check point</i> , patrulhas, operações de cerco em conjunto com as Cia(s) Inf; escolta de transporte de alimentos e estabelecimento da segurança para execução de trabalhos dos elementos de engenharia.
	9	Em operações de Cerco e vasculhamento, o Esqd era empregado para realizar o Cerco, bloqueando os acessos da área investida.
	27	Em qualquer situação em que se tomava conhecimento que alguma fração estava sofrendo alguma ação da F Adv, o Pel que estivesse nas imediações já tinha autorização para auxiliar nas ações, para prestar o apoio necessário.
	30	O armamento era guardado na sala de armamento do Esqd, enquanto os carregadores e Mun ficavam de posse de cada militar. A cada três dias, em operações, ocorria o descanso do Pel. A cada três dias, as VBTP Urutus do Pel eram cedidas, junto com os motoristas, ao Gpt Op FN; Cada dia o Pel apoiava uma das Cia Inf do BRABAT.
	3	Após o consumo de munição, era informada pelo rádio a situação, constando do consumo de munição, e o Furriel do Esqd já aguardava a tropa que estava na rua, para realizar o reabastecimento de munição.
6º	1	Patrulhas mecanizadas a 02 VBTP. Um militar em cada escotilha. Um soldado a mais no interior da VBTP, em condições de operar o material de combate a incêndio, oriundo de possíveis coquetéis <i>molotov</i> . Em qualquer situação sempre esteve presente ou o Cmt Pel, ou o Adj.
7º	11	O Esqd Fuz Mec F Paz constituía a Reserva do BRABAT. Os Pel se revezavam diariamente no cumprimento das missões da SU que se constituíam em dois dias de ocupação de Ponto Forte e quatro dias realizando patrulhas. Os procedimentos de segurança com o armamento eram padronizados nível Btl, sendo que as armas eram alimentadas no portão de saída da Base, onde também eram feitos os procedimentos de segurança por ocasião do retorno. Procedimento esse, realizado com o cano do armamento dentro de um tubo de caixa de areia. O armamento era guardado em local específico, a sala de armamento, enquanto os carregadores permaneciam com os militares, sendo estes de sua inteira responsabilidade. Era proibido adentrar nos alojamentos portando qualquer tipo de armamento.
8º	19	Realização de contato rádio com o Centro de comunicações (C Com) do Esqd e com o Centro de Operações Terrestres (COT) do BRABAT, por ocasião das saídas das frações. Passagem obrigatória do <i>chip</i> individual do Cmt fração e da Vtr, por ocasião da saída e retorno da Base.
	4	Execução de procedimentos de segurança com o armamento, ao entrar e sair das bases. Utilização de um chip para o controle de saída do pessoal. Realização de reuniões para ordens e ajustes (<i>briefings</i>) antes e após as missões. Checagem das condições de manutenção das VBTP a cada chegada à Base. Passagem e conferência dos Kit Saúde, Kit Não Letal e Kit GLO, bem como das instalações, por ocasião da ocupação dos Pontos Fortes.

		Preenchimento, logo após a chegada à Base do Relatório da missão.
	17	Execução dos procedimentos de segurança com o armamento, antes e depois das patrulhas.
9º	18	Existência de um quadro de trabalho, com a distribuição diária das missões dos Pel. Realização de duas reuniões diárias com a tropa, denominadas formaturas às 08:00 h e às 13:30h.
	22	Pré-estabelecimento das atribuições de cada integrante, por parte do Cmt de fração para mobiliar um <i>check point</i> , com a distribuição das ações de segurança inicial, desembarque de material, tomada do dispositivo e execução.

QUADRO 17 - POP do Esqd Fuz Mec F Paz

Fonte: O Autor

De acordo com o Quadro 17, podem ser destacados os procedimentos nível Esqd quanto ao emprego do armamento, que de acordo com as exposições dos colaboradores, era comum a todas as tropas do BRABAT, com destaque para os procedimentos de segurança de saída e chegada de missões, permanência da munição de dotação individual com o respectivo militar, utilização do armamento carregado somente após a ordem do Cmt de fração, em áreas de risco ou diante de ameaça iminente, e o remuniamento imediato de acordo com o informado após os incidentes. O fato de a munição permanecer com os militares o tempo todo demonstra uma permanente atenção quanto ao controle desse material, mas também demonstra o alto grau de confiança depositado nos subordinados, durante a missão.

Quanto aos procedimentos diários, destaca-se o uso de *chips* dos Cmt fração e das Vtr, utilizados para controlar e rastrear as frações que estão operando fora das bases. A prévia distribuição de missões para cada ação, entre os integrantes da fração, otimizava a execução dos patrulhamentos, *check points*, ocupação de Pontos Fortes e a existência de uma rotina de emprego (quadro de trabalho) dos Pel, facilitava o gerenciamento de pessoal, dos Pel.

Outros procedimentos merecem destaque, a exemplo do emprego de mais um fuzileiro, dentro da VBTP, em condições de substituir algum militar que fosse necessário, mas principalmente, estando em condições de assistir a algum militar alvejado por ação de um coquetel *molotov*, utilizando mantas e extintores de incêndio. A condução de uma reserva de munição, letal e não letal, além da dotação individual, se mostrou como um procedimento interessante de ser adotado.

Passando para a segunda pergunta, que tem por finalidade complementar a anterior, analisando as respostas ao indicador POP das pequenas frações, no nível Pel e GC, obteve-se como resposta observações muito semelhantes às presentes no Quadro 17. Portanto as declarações dos colaboradores que acrescentam um novo aspecto foram relacionadas no Quadro 18.

Contg	Cmt Frç	Descrição dos POP das pequenas frações
5°	7	Mudanças de procedimentos ocorriam constantemente, sempre em busca de acompanhar a evolução da missão a ser cumprida, com destaque para: - Os GC foram divididos em dois, para possibilitar o descanso da tropa a fim de atender a demanda das operações. - Operou-se sempre com um homem em cada escotilha, mais o atirador da MAG. - O efetivo mínimo empregado nas patrulhas eram dois grupos. - A caixa de munição não letal ficava no centro das escotilhas, para que qualquer militar pudesse usar. - Atenção constante nos pontos elevados e becos. - Em cima da viatura cada militar tinha um setor de tiro, e a MAG ficava voltada para o ponto mais crítico.
5°	9	Ao ser alvejado por disparos da F Adv, só responder após identificar a ameaça, informando ao escalão superior imediatamente após o ocorrido. Ao se deparar com barricadas, desbordar, se possível e informar ao escalão superior.
5°	27	Conferência diária da munição, material e pessoal. Arrumação constante dos sacos de areia da VBTP. Reação coordenada em caso de disparos da F Adv.
5°	30	Escala de missões era feita pelo Adj Pel e o Cmt Pel realizava o planejamento da execução dessas missões. Em todas as missões sempre estava presente o Cmt Pel ou o Adj Pel, acompanhado com um dos demais Cmt GC. Durante os arejamentos as missões continuavam as mesmas, na falta de um Cmt GC, o Cabo (Cb) mais antigo daquele grupo comandava o GC, inclusive assumindo Pontos Fortes, patrulhamentos e todas as missões do Cmt GC. Em situações como a de um tiroteio em meio às ruas da periferia, onde o Pel era alvejado de diversos pontos, adotava-se o procedimento de retornar ao local e esclarecer a situação, buscando identificar as ameaças e se preciso passando diversas vezes com as VBTP, até neutralizar a ameaça. Nessas ocasiões, por observação, percebeu-se que a Vtr que mais recebia disparos era a última da coluna, talvez pelo fato do elemento adverso evitar o risco de ser alvejado pelas demais guarnições, que ainda passariam pela sua posição. Este comportamento levou o Pel a realizar um revezamento entre as VBTP que cerravam a coluna durante os tiroteios. Para o embarque ou desembarque de tropa, com a finalidade de entrar em uma instalação, para o reconhecimento de futuro Ponto Forte, entrada em uma instalação em área de risco ou mesmo proporcionar o posicionamento de caçadores, desdobrava-se as VBTP de maneira a aproveitar ao máximo a proteção blindada, formando um formato de "U" ou um "T" com as Vtr, de maneira que os fuzileiros que desembarcassem ou embarcassem, entrassem nos carros totalmente abrigados pela blindagem e cobertos pela base de fogos das guarnições das VBTP.
7°	11	O Cmt do Pel, ao receber a matriz de eventos para a jornada seguinte, escalava os GC/GO para as respectivas patrulhas, reunindo-se com Adj Pel e os Cmt GC para realizar um <i>briefing</i> das missões, abordando aspectos como o objetivo das patrulhas, logística (munição, combustível, armamento não letal a serem conduzidos, materiais especiais, escala dos motoristas e Vtr), e medidas de segurança. Ao final das missões o Cmt Pel centralizava os relatórios para a entrega no Centro de Operações do Esqd.

8º	17	Divisão de setores de tiro e observação <i>Briefing</i> antes da saída da base. Distribuição fixa das missões como: - Um SD portava Cal 12. - Um SD portava Câmera Fotográfica. - Um SD portava Binóculo. - Um SD portava Luneta.
8º	19	Chegada à sala de armamento com, no mínimo, 10 minutos de antecedência para a missão. Definição do militar que portaria e utilizaria o armamento não letal, se fosse o caso. Utilização de mantas molhadas no carro para eventual uso no caso de ataques com coquetel <i>molotov</i> .
9º	18	Antes da partida para missões de patrulhamento, reunia-se o GO para passar uma ordem à patrulha, com todos os detalhes da missão, a respeito da execução, material a ser conduzido, quem seriam os responsáveis e reajuste de procedimentos diversos.

QUADRO 18 - POP das pequenas frações nível Pel e GC

Fonte: O Autor

Observou-se que alguns dos POP mencionados pelos colaboradores do presente estudo estão de acordo com o que já é disponível na literatura. O colaborador Nr 7 afirmou que utilizavam uma fração mecanizada, de valor inferior a um GC, com um elemento em cada escotilha, onde esses elementos dividia os setores de tiro entre toda a guarnição, sendo que a porção maior desses setores ficava com o atirador da MAG. Ressaltou, ainda, a prática de se utilizar a caixa de armamento e munição não letal entre as escotilhas, para fácil emprego da fração. Todas essas considerações estão bem próximas às abordadas por Peixoto (2009).

De acordo com os depoimentos dos colaboradores Nr 7 e 19 quanto à constante atenção das frações mecanizadas às ameaças advindas de becos e lajes altas, existentes no ambiente operacional do Haiti, caracteriza um procedimento de constante atenção, em todos os setores de observação, a fim de antecipar-se ao atos hostis das F Adv, particularmente quanto ao lançamento de coquetéis *molotov*, para o qual é destacado o uso de mantas umedecidas, dentro das VBTP, a fim de socorrer algum militar vítima desse tipo de agressão. Tais considerações estão de acordo com o já apresentado por Santos (2007).

Os colaboradores 11, 17 e 19 destacaram aspectos como definição do elemento que utilizaria prioritariamente o armamento não letal, e outros materiais específicos para o cumprimento das missões diversas. Conforme foi exposto por Peixoto (2009). Atualmente, em operações internas, o Exército Brasileiro adota como procedimento de uso de armamento não letal o fato de nenhum militar portar simultaneamente os dois tipos de armamento, letal e não letal, em função do poder dissuasório do armamento empregado poder ser confundido pelo elemento agressor

(COTER, 2009).

Além dos POP correspondentes aos encontrados na literatura, merecem destaque as considerações expostas pelos colaboradores 11 e 30, os quais apresentaram ensinamentos pertinentes quanto ao planejamento das missões, e lições aprendidas em situações críticas, respectivamente. Servindo como uma experiência de pequena fração a ser compartilhada.

As declarações dos colaboradores expostas no Quadro 18 acrescentam às informações abordadas no item anterior, experiências interessantes e passíveis de utilização em outros tipos de missões, além das operações de paz.

4.6 OS REFLEXOS DO EMPREGO DO ESQD FUZ MEC F PAZ PARA O ADESTRAMENTO EM OPERAÇÕES DE GLO.

Nesta sessão, serão abordados os resultados obtidos com a revisão de literatura no que se refere à dimensão “adestramento em operações de GLO”, a qual apresenta como indicadores as “mudanças na instrução militar” e o “emprego de blindados em operações de GLO”, fruto da atuação do Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti.

4.6.1 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura sobre a dimensão adestramento em operações de GLO

A atuação das Forças Armadas em operações em GLO encontra sua base legal de preparo e emprego no artigo 142 da Constituição Federal de 1988, regulamentadas pela lei complementar nº 97 de 9 de junho de 1999 (BRASIL, 2010, p. 1-1), a qual formaliza o emprego das Forças Armadas para defesa da pátria, a garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem.

De acordo com o propósito do presente estudo, torna-se desnecessário maior aprofundamento quanto aos aspectos jurídicos que cercam as operações de GLO. Assim, nessa sessão, serão focadas as influências da atuação do Esqd Fuz Mec F Paz para o adestramento da tropa mecanizada em operações internas, como as operações de GLO.

Os meios blindados sempre serão amplamente utilizados nas operações de

GLO, devido as suas características de ação de choque, fruto de sua proteção blindada e poder de fogo, o que confere grande poder de dissuasão à tropa que os emprega. Para esse tipo de missão, os blindados poderão realizar demonstrações de força, servir como meio de transporte para tropas que realizam investimento, mobilizar postos de bloqueio de vias urbanas e servir como suporte para a difusão de campanhas psicológicas (BRASIL, 2010, p. 6-8).

Para CUNHA (2008, p. 85), os primeiros seis contingentes ao pacificarem a área de responsabilidade do BRABAT foram empregados como Força de Pacificação (F Pac), conforme prevê a doutrina de GLO, caracterizado pela fase operativa. A F Pac é definida pelo “conjunto de forças alocadas a um comando que recebe a missão de operar em uma área de operações” (BRASIL, 2010, P. 2-4). As ações operativas correspondem ao conjunto de ações repressivas que tem por finalidade combater as ações das F Adv, com o grau de força que a situação exigir.

De acordo com Peixoto (2009, p. 57), as peculiaridades de emprego das tropas da ONU no Haiti aproximam-se das características das operações de GLO, realizadas pelas Forças Armadas, em situações episódicas, no Brasil. A combinação da VBTP Urutu, com seus Fuz representam um impacto dissuasório vantajoso às tropas que operam em ambiente urbano, permitindo atuar com ação de choque, mobilidade e flexibilidade perante grandes manifestações, explorando a força das Vtr para romper obstáculos e desorganizar turbas. A experiência dos meios do Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti, vêm “propiciando oportunidades para o aprimoramento e para o estudo do emprego de blindados em ambiente operacional urbano” (PEIXOTO, 2009, p. 64).

De acordo com Cunha (2008, p. 86), durante o 7º contingente, nos bairros em que a PNH realizava patrulhamentos ostensivos, as operações do BRABAT se aproximavam muito das operações de GLO realizadas pelo Exército no Brasil, visto que a presença policial garantia o respaldo legal para as operações do BRABAT.

Recentemente, a partir do final de 2010, as Forças Armadas foram empregadas na cidade do Rio de Janeiro, nas comunidades do Complexo do Alemão, em um F Pac (MARQUES, 2012), caracterizando o emprego episódico e em local específico (BRASIL, 2010) de acordo com as diretrizes ministeriais da Presidência da República, desencadeando a operação Arcanjo. Nessa ocasião, foram empregadas, inicialmente, tropas oriundas da cidade do Rio de Janeiro, contando com a participação de meios blindados do CFN, em suas Vtr Bld M 113 e

CLANF, e do 15º Regimento de Cavalaria Mecanizado, com suas VBTP Urutu e VBR Cascavel, reunindo um efetivo militar, onde, aproximadamente 60%, já havia sido experimentado na MINUSTAH (ANJOS, 2011), em um dos 11 (onze) primeiros contingentes do BRABAT.

Como se trata de um tema recente e peculiar, poucas são as fontes que relacionam o emprego dos meios blindados em operações de GLO com a missão de paz no Haiti. Porém, de acordo com o apresentado até então, acredita-se que os ensinamentos produzidos pelo Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti, possam contribuir para a evolução da doutrina de GLO, particularmente quanto ao emprego dos meios blindados, fundamentado por experimentações doutrinárias do adestramento da tropa mecanizada.

4.6.2 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados para a dimensão adestramento em operações de GLO

Por meio da aplicação dos questionários, os itens relacionados à dimensão “adestramento em operações de GLO”, que se encontram elencados no Quadro 5, do item 3.1, e descritos no apêndice B, são os que se seguem:

- a. No ponto de vista do Oficial de Operações da U de Cavalaria, a experiência do Haiti trouxe melhorias na Instrução Militar? Quais?
- b. Houve contribuições para o emprego dos meios, particularmente os blindados, em Operações de GLO? Quais?

A primeira questão está ligada ao indicador “mudança na instrução militar” e tem por finalidade captar a opinião de militares que desempenham a função de oficial de operações (S3) das Unidades (U) de Cavalaria, com relação aos ensinamentos colhidos com a missão de paz no Haiti. Estes colaboradores servem em U que enviaram efetivos para comporem os Esqd Fuz Mec F Paz. Uma vez que são os responsáveis pelo planejamento e execução da instrução militar, nos corpos de tropa mecanizados e blindados, compõem o grupo B da presente amostra, podendo apresentar um ponto de vista imparcial quanto aos possíveis reflexos do emprego do Esqd Fuz Mec F Paz para a instrução militar. Os resultados da presente questão estão expostos na Tabela 15.

TABELA 15 - Reposta da amostra B sobre as contribuições na instrução militar

<i>Xi</i>	<i>Fi</i>	<i>Fi</i>	<i>Fri</i>	<i>Fri</i>
-----------	-----------	-----------	------------	------------

Em parte	0	0	0.000	0.000
Não	0	0	0.000	0.000
Sim	10	10	1.000	1.000
$\sum f_i =$	10		1	

Fonte: O Autor

Os dados da tabela 15 mostram que a totalidade dos integrantes do grupo B da amostra, concordou que as experiências da MINUSTAH acrescentaram algum tipo de contribuição para a instrução da tropa mecanizada.

O valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 0,1173, que confrontando com χ^2 crítico, para 2 g.l., é inferior a 5,991, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

Complementando essa informação, ainda no mesmo item, foi questionado a respeito de quais contribuições seriam essas, que originou o Quadro 19.

Nr ordem	Opinião dos S3 da U Cav Mec e Bld
1	As experiências pessoais foram compartilhadas em instruções no período básico (GLO) qualificação (instrução do GC e exploradores) e adestramento (Combate em Localidade).
2	O amadurecimento profissional da tropa, otimização da instrução militar da CTTEP, aquisição de materiais mais adequados, qualificação dos quadros, dentre outras.
3	Melhoria na qualidade do adestramento e melhores condições de emprego em Op GLO
4	Preparação e emprego de tropa em Op de GLO.
5	A experiência no Haiti trouxe melhorias significativas para a instrução militar, especialmente nas atividades relacionadas à GLO. Permite a adaptação dos objetivos previstos nos Programa Padrão de instrução às diversas situações enfrentadas pela tropa no emprego real, possibilitando uma melhor preparação para cumprir esse tipo de missão.
6	As instruções de GLO foram bastante influenciadas pelas experiências trazidas por estes profissionais. Elas foram utilizadas, notadamente, no Programa de Adestramento Básico de GLO para os recrutas e serviram de base para as operações contra delitos transfronteiriços, conhecidos como "Operação Fronteira Sul". Os ensinamentos foram repassados quanto às técnicas de abordagem, revista de pessoal e veículos, condução de presos e progressão no terreno, particularmente na execução da Pista de Combate em Localidade.
7	Enriquecimento das instruções de PBCVU, patrulhamento mecanizado, Ponto Forte, Armamento munição e tiro.
8	Execução de módulos de tiro, manuseio do armamento, técnicas especiais, a exemplo de operações de busca e apreensão, entre outras.
9	Instrução se tornou mais prática e mais específica.
10	Permitiu a aquisição de material de emprego militar que pode ser aproveitado para a instrução da U. Melhoria na capacitação técnica dos quadros, e de cabos e soldados experientes na MINUSTAH. Melhoria na qualidade da instrução de GLO, com ênfase no uso dos meios mecanizados.

QUADRO 19 - Contribuições do Esqd Fuz Mec F Paz para a instrução militar

Fonte: O Autor

De acordo com as opiniões do Quadro 19, nota-se que os colaboradores de

Nr 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 10 fizeram algum tipo de referência com relação à contribuições para a instrução de GLO. Com relação à melhoria na qualidade, praticidade e enriquecimento da instrução, é visto que tais ganhos foram apontados pelos colaboradores de Nr 2, 3, 7, 9 e 10. Quanto ao aspecto aquisição de material para instrução, esse foi apontado pelos colaboradores de Nr 2 e 10.

Assim, percebe-se que houve reflexos positivos, tanto para as Unidades que enviaram efetivos para a MINUSTAH, quanto para aquelas que possuem militares com essa experiência. Pois há indícios que o legado do Esqd Fuz Mec F Paz foi positivo para melhoria na instrução das U, e para a capacitação técnica dos quadros, que possuidores dessas experiências, são capazes de adaptar os procedimentos assimilados no Haiti na instrução militar padrão.

O segundo questionamento solicita a mesma parte da amostra, se houve benefícios quanto ao emprego de meios blindados, em operações de GLO, contemplando o referido indicador, conforme o Quadro 5, do item 3.1. Os resultados constam da Tabela 16 a seguir.

TABELA 16 – Resposta sobre a evolução do emprego de Bld em Op GLO

<i>X_i</i>	<i>F_i</i>	<i>F_i</i>	<i>F_{ri}</i>	<i>F_{ri}</i>
Em parte	2	2	0.200	0.200
Não	0	2	0.000	0.200
Sim	8	10	0.800	1.000
$\sum f_i =$	10		1	

Fonte: O Autor

De acordo com os dados da Tabela 16, percebe-se que 80% afirmaram que a MINUSTAH trouxe evoluções para o emprego dos meios blindados em operações de GLO. Os 20 % restantes consideraram que houve um evolução parcial.

O valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 0,5647, que confrontando com χ^2 crítico, para 2 g.l., é inferior a 5,991, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

Complementando a presente questão, os integrantes do grupo B foram questionados a respeito de quais contribuições foram realmente evidenciadas, chegando-se às respostas consolidadas no Quadro 20.

Nr ordem	Considerações dos Oficiais de Operações (S3) de U de Cavalaria
1	Maior aproveitamento das possibilidades de dissuasão e exposição do atirador da Mtr.
2	Melhorias na mentalidade de manutenção dos blindados, aprimoramento da técnica e da tática de emprego de blindados nas Op GLO.

3	Utilização dos meios Bld com maior eficiência. Como o aproveitamento em bloqueio de vias de forma mais adequada. Utilização em patrulhamentos em vias urbanas e combinado com a tropa a pé, potencializando o poder de dissuasão, e no controle de distúrbios.
4	Os maiores benefícios foram para as tropas mecanizadas e de fuzileiros. Para a tropa de Carros de Combate (CC), tendo em vista suas peculiaridades do material sobre lagarta, não foi observado contribuições para a tropa CC.
5	O emprego real fez com que importantes adaptações pudessem ser feitas na instrução e no emprego de blindados em GLO, porém não foram observadas modificações efetivas para a doutrina de GLO.
6	Passou-se a empregar blindados para auxiliar na montagem e operação dos diversos Postos de Bloqueio e Controle de Estradas (PBCE), especialmente como forma de aumento da capacidade dissuasória da tropa.
7	Execução de patrulhas mecanizadas e realização de tiro embarcado.
8	Observou-se que o blindado é um grande fator persuasivo, para as instruções de operações de controle de distúrbios civis, tornando-se um meio indispensável.
9	Os blindados passaram a compor os PBCE e patrulhas mecanizadas. Ganhou-se em proteção blindada proporcionando mais segurança e maior poder de dissuasão.
10	Maior aproveitamento das Vtr Bld, explorando a dissuasão em PBCE e patrulhamentos ostensivos, por ocasião das operações de GLO.

QUADRO 20 - Contribuições no emprego dos meios Bld em Operações de GLO

Fonte: O Autor

Conforme as respostas dos colaboradores, presente no Quadro 20, percebe-se que foram destacados como melhorias no emprego dos meios blindados em operações de GLO, aspectos como a maior exploração do poder dissuasório das Vtr Bld e a maior utilização desses meios em PBCE. Entre os que apontaram um maior aproveitamento do poder dissuasório dos meios Bld estão os colaboradores 1, 2, 3, 8, 9 e 10. Já entre os que elencaram o maior aproveitamento na execução de PBCE encontram-se os colaboradores 2, 3, 6, 9 e 10.

Diante do exposto, é possível inferir que existem indícios de que os conhecimentos adquiridos por ocasião da atuação do Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti, quanto ao aspecto emprego dos meios Bld, produziu reflexos positivos para otimizar o uso desses meios pela tropa mecanizada, fruto da transmissão das experiência profissionais dos militares experimentados no Haiti.

4.7 OS REFLEXOS DO EMPREGO DO ESQD FUZ MEC F PAZ PARA A MODERNIZAÇÃO DAS VIATURAS BLINDADAS DA FORÇA TERRESTRE.

Nesta sessão serão abordados os resultados obtidos com a revisão de literatura no que se refere à dimensão, “modernização das Vtr Bld”, a qual apresenta como indicadores a “utilização das adaptações nas VBTP das U mecanizadas”, a

“continuidade na evolução das adaptações da VBTP Urutu” e os “reflexos nas futuras VBTP”, fruto da atuação do Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti.

O propósito dessa sessão é verificar se as adaptações realizadas nas VBTP utilizadas pelo Esqd Fuz Mec F Paz estão também sendo aproveitadas nas U mecanizadas, visto que são dotadas da mesma Vtr e demais materiais semelhantes. Bem como analisar a aplicabilidade dessas adaptações nas demais VBTP Urutu em operações no Exército, e suas influências para futuros projetos de novas VBTP.

A revisão de literatura sobre esta sessão está intimamente ligada ao já exposto no item 4.3.1, onde foi discutida a dimensão do Quadro 4 “adaptações da VBTP Urutu”. Naquela sessão, abordou-se as modificações físicas das VBTP, desenvolvidas com a finalidade de aperfeiçoar a segurança da tropa brasileira e aumentar as possibilidades de emprego das frações mecanizadas em operações no Haiti. Portanto os dados relevantes da revisão bibliográfica daquela sessão se aplicam a essa, para fins de comparação com os resultados obtidos a seguir.

4.7.1 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com as entrevistas aplicadas para a dimensão modernização das Vtr Bld

Através da aplicação de questionário e entrevistas, com o propósito de contemplar os itens relacionadas à dimensão “modernização das Vtr Bld”, que se encontram elencadas no Quadro 5, do item 3.1, e descritos no apêndice B, F e G são os que se seguem:

- a. As VBPT Urutu das U operacionais sofreram algum tipo de adaptação aos mesmo moldes das realizadas nas VBTP Urutu no Haiti?
- b. Quais foram as adaptações implementadas na VBTP Urutu pelo AGSP?
- c. Essas adaptações poderão ser implementadas nas VBTP Urutu que mobíliam as tropas mecanizadas do Exército Brasileiro?

A primeira pergunta foi direcionada ao grupo B, com finalidade de verificar se alguma das adaptações feitas nas VBTP Urutu em operações no Haiti foram realizadas nas Vtr da U de Cavalaria do Exército. Os resultados da presente questão encontram-se na Tabela 17.

Tabela 17 - Adaptações nas VBTP Urutu das U operacionais

<i>Xi</i>	<i>Fi</i>	<i>Fi</i>	<i>fri</i>	<i>Fri</i>
-----------	-----------	-----------	------------	------------

Não se aplica	1	1	0.100	0.100
Não	8	9	0.800	0.900
Sim	1	10	0.100	1.000
$\sum f_i =$	10		1	

Fonte: O Autor

De acordo com a Tabela 17, percebe-se que 80% dos colaboradores responderam que nenhuma adaptação foi executada com as VBTP das respectivas U, sendo que 10% respondeu positivamente a assertiva, e outros 10% apontou que tais adaptações não se aplicam as Vtr da U. A observação do participante Nr 3 referente a esse aspecto, destacou que foram utilizados somente a colocação de sacos de areia, para proteção dos Fuz, somente em operações.

O valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 0,2635, que confrontando com χ^2 crítico, para 2 g.l., é inferior a 5,991, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

Do exposto, pode se concluir que as adaptações implementadas nas VBTP empregadas pelo Esqd Fuz Mec F Paz não foram aplicadas nos demais Urutus que mobíliam as tropas mecanizadas do Exército Brasileiro.

A próxima pergunta, pertinente ao indicador “continuidade das adaptações da VBTP Urutu, realizadas pelo AGSP”, alcançou resultados por meio de uma entrevista com o Major do Quadro de Engenheiros Militares (QEM) Guilherme da Cunha Barbosa, pertencente ao AGSP, desde 1998, constante no apêndice F, do presente trabalho.

De acordo com o exposto no apêndice F, pode-se compreender quais foram os propósitos de cada adaptação feita nas VBTP Urutus empregadas no Haiti.

A proteção do atirador da MAG, denominada por este colaborador como proteção balística do atirador, conforme padronização do AGSP, originou-se por iniciativa do Comando de Operações Terrestres (COTER) em atender a demanda apresentada pelo Esqd Fuz Mec F Paz, por meio dos relatórios do BRABAT e conversas diretas com os militares em visitas de inspeção no Haiti. A adaptação atual foi desenvolvida pela empresa Centigon, conforme já foi apresentado por Bastos (2007), em parceria com o CTEEx e o AGSP e se valeu de aconselhamentos de militares que integraram o Esqd Fuz Mec F Paz. O peso adicional causado pela PBA na torreta do Urutu exige constante manutenção.

A proteção blindada do motorista (PBM) foi concebida inicialmente para

garantir o isolamento e o sistema de ventilação adequado para um Urutu transformado em ambulância Bld, sendo produzido pela Centigon. Após a constatação da necessidade da mesma proteção Bld nas demais VBTP Urutu, as PBM foram reproduzidas pela Centigon e levadas ao Haiti para a instalação.

A adaptação da lâmina limpa trilhos foi concebida com a finalidade de proporcionar um meio para o BRABAT garantir a mobilidade perante as constantes obstruções de vias realizadas pelas F Adv. Tal adaptação também foi adquirida junto à empresa Centigon, e constituía-se de um projeto pronto, sem intervenções do COTER ou do AGSP.

Outras adaptações ainda foram desenvolvidas, a exemplo da proteção balística da tropa (PBT), constituída por chapas blindadas ao redor das escotilhas, que substituíam os sacos de areia, que danificavam as Vtr em função do peso excessivo sobre a VBTP.

Ainda com relação à contribuição prestada pelo Maj Guilherme, o mesmo declarou que não vê necessidade que essas adaptações se façam presentes em futuros blindados desenvolvidos ou adquiridos pelo Exército Brasileiro, simplesmente pelo fato que essas adaptações buscaram minimizar a exposição da tropa perante o fogo das F Adv em confrontos no Haiti, sendo que os blindados modernos não apresentam tal vulnerabilidade, pois são concebidos com proteção blindada para toda a guarnição, dotados de recursos tecnológicos, o que permite operar sem expor-se às ameaças externas.

Diante do exposto, percebe-se que o próximo questionamento a ser analisado, relacionado ao indicador “reflexos para as futuras VBTP”, já encontrou considerações pertinentes na entrevista analisada anteriormente. Porém, com a finalidade de reunir outras opiniões importantes a cerca dessa questão, enviou-se uma segunda entrevista, presente do apêndice G deste estudo, a militares do CIBld instrutores do Estágio Tático Mecanizado.

Após a análise das entrevistas desses militares, foi possível consolidar as observações mais relevantes no Quadro 21.

Instrutor	Aspectos relevantes coletados
1	As adaptações realizadas no Haiti foram concebidas para um ambiente operacional específico, não existindo a necessidade em fazê-las nas demais VBTP do Exército Brasileiro, visto que outras adaptações poderão ser concebidas de acordo com as características exigidas. Portanto, cada plataforma recebe acessórios de acordo com a missão a ser cumprida. Se em uma área de conflito existir F Adv que utilizam armas anticarro, possivelmente uma solução que poderia ser adotada seria a adição de uma blindagem do tipo "gaiola".

2	O CIBld acompanha as experiências do Esqd Fuz Mec F Paz, de acordo com a evolução dos acontecimentos, publicações de artigo e pela transmissão de experiências de militares deste Centro, que participaram da MINUSTAH.
	Dentre as sugestões apresentadas pelo CIBld, para a nova família de Bld sobre rodas é quanto ao espaço adequado disponível nas escotilhas, a fim de dirimir os óbices apresentados pela VBTP Urutu.
3	Com relação às características da nova família de blindados sobre rodas do Exército Brasileiro, o CIBld colabora com estudos e sugestões, que são fundamentadas em experiências como o Haiti e de outros Exércitos desenvolvidos tecnologicamente.

QUADRO 21 - Resultado da entrevista com instrutores do CIBld

Fonte: O Autor

As considerações presentes no Quadro 21 expõem pontos de vista interessantes e esclarecedores, com destaque para o apresentado pelo instrutor do CIBld Nr 1, ao argumentar sobre ser desnecessário investir na modificação das VBTP Urutu, que mobilizam as tropas mecanizadas do Exército, com as mesmas adaptações encontradas no Esqd Fuz Mec F Paz, em virtude de que cada acessório é implementado em plataformas blindadas de acordo com as necessidades de cada missão.

Finalizando a presente sessão, pode-se inferir que as experiências advindas do emprego dos meios blindados nos 11 primeiros contingentes de atuação do Esqd Fuz Mec F Paz forjou o desenvolvimento de equipamentos voltados à segurança da fração mecanizada, potencializando as capacidades dessa tropa por meio do PBM, PBA e da Lâmina limpa trilhos, contribuindo também para o próprio Exército Brasileiro, ao obrigar-se a buscar soluções criativas em curtos espaços de tempo. Quanto à aplicabilidade das adaptações e acessórios em tela, verificou-se que não foram implementadas nas demais VBTP Urutu em operações no país. O que se mostrou coerente, após a análise das observações obtidas com as entrevistas complementares dos apêndices F e G, visto que tais adaptações, como a própria palavra “adaptações” representa, servem como soluções para determinados cenários, não representando opcionais necessários a todos os tipos de operações militares. O meio de emprego militar deve ser o mais modular e flexível possível. A implementação dos mesmos acessórios nas demais VBTP em operações nos corpos de tropa representariam um ônus desnecessário, pois não há como prever o que será exigido nas próximas missões.

4.8 DOCTRINA DE EMPREGO DE BLINDADOS EM OPERAÇÕES DE PAZ.

Nesta sessão, serão abordados os resultados obtidos com a revisão de literatura no que se refere à dimensão, “doutrina de emprego de blindados em operações de paz”, a qual apresenta como indicadores o “programa de adestramento das frações mecanizadas”, “instruções e técnicas especiais de combate urbano” e o “adestramento da fração mecanizada”, e os resultados obtidos na presente pesquisa quanto às possíveis contribuições do Esqd Fuz Mec F Paz para fomentar uma doutrina de emprego de blindados em operações de paz.

4.8.1 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura sobre a dimensão doutrina de emprego de Bld em operações de paz

As experiências recentes demonstram que a ONU preconiza o emprego de um Btl de infantaria a quatro peças de manobras (companhias), que devem estar aptas a operar descentralizadas, sendo que uma delas deve ser dotada de VBTP (BRASIL, 2007 b). O BRABAT até o 11º contingente adotou constituição semelhante, onde o elemento de manobra dotado de VBTP foi o Esqd Fuz Mec F Paz.

De acordo com Peixoto (2009, p. 64), a participação de tropas regulares da arma de Cavalaria do Exército Brasileiro no Haiti, viabiliza um laboratório de experimentação dos meios e do pessoal, propiciando oportunidades para o aprimoramento e para o estudo do emprego de blindados em ambiente operacional urbano.

Atualmente os militares brasileiros que compõem qualquer missão de paz sob a égide da ONU, são preparados pelo CCOPAB, antigo CIOPaz. Este Centro orienta o preparo e o emprego da tropa por meio de módulos de instrução, que vem sendo aperfeiçoados constantemente. De acordo com os cadernos de instruções disponíveis, observa-se que os pacotes de instrução são comuns, tanto para os militares que compõem as SU de infantaria como para aqueles compõem o Esqd Fuz Mec, somente diferenciando-se quanto à especificidade de cada tropa (CIOPaz, 2006). O conteúdo desse material se mostra adequado, visto o bom desempenho apresentado pelas tropas brasileiras no Haiti (Braga, 2010).

Alguns aspectos relacionados ao emprego de blindados em operações de paz já foram discutidos nos itens 4.1 sobre patrulhas mecanizadas e o item 4.2 que tratou sobre o uso da força. Onde as considerações de Santos (2007) e Peixoto (2009) proporcionaram bons exemplos sobre o emprego dos meios Bld em

operações de paz, conforme prescreve o Manual de Operações de Paz (2007 b).

No Haiti, as tropas mecanizadas brasileiras vêm demonstrando a importância do judicioso emprego de blindados em uma missão de paz, demonstrando bons exemplos de emprego proporcional da força, constituindo-se em preciosas lições aprendidas em solo haitiano, que poderão subsidiar o aprimoramento dos POP das pequenas frações blindadas e mecanizadas do Exército Brasileiro (SANTOS, 2007, p. 58)

Acredita-se que as experiências do Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti possam contribuir para ampliar o conhecimento sobre as operações de paz, permitindo o surgimento de uma doutrina de emprego de blindados, própria e experimentada, do Exército Brasileiro.

4.8.2 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados sobre a dimensão doutrina de emprego de Bld em operações de paz

Por meio da aplicação dos questionários, aos itens relacionados à dimensão “emprego de Bld em operações de paz”, que se encontram elencadas no Quadro 5, do item 3.1, e descritos no apêndice B e C, contemplando os indicadores “Adoção de POP no adestramento das frações mecanizadas”, “Instrução de técnicas de combate em área urbana” e o “Adestramento da fração mecanizada” foram os que se seguem:

- a. Os procedimentos operacionais padrões realizados pelas frações, no Haiti, foram aproveitados de alguma forma na OM? De que forma?
- b. A experiência do Haiti trouxe ensinamentos para a OM quanto à instrução de técnicas de combate em área urbana? De que forma?
- c. A experiência do Haiti trouxe ensinamentos para a OM quanto ao adestramento da fração mecanizada? De que forma?
- d. Do ponto de vista de um Comandante ou membro do Estado Maior do BRABAT, os procedimentos realizados no emprego dos meios blindados no Haiti vêm colaborando para o aperfeiçoamento e o preparo da Força Terrestre em Operações de Garantia da Lei e da Ordem? (Somente para o grupo C).

Inicialmente, com o primeiro questionamento, solicitou-se aos colaboradores do grupo B da presente amostra, que abordassem a adoção de algum tipo de POP adotado, fruto da experiência dos oficiais e sargentos que integraram o Esqd Fuz

Mec F Paz, que fosse relevante e pudesse ser aproveitado pelas demais tropas mecanizadas. As respostas dos colaboradores estão expostas na Tabela 18.

TABELA 18 - Adoção de POP utilizados no Haiti para U de Cavalaria

<i>Xi</i>	<i>Fi</i>	<i>Fi</i>	<i>fri</i>	<i>Fri</i>
Em parte	0	0	0.000	0.000
Não	2	2	0.200	0.200
Sim	8	10	0.800	1.000
Σ fi=	10		1	

Fonte: O Autor

De acordo com os dados da Tabela 18, percebe-se que 20% dos colaboradores declararam que não foi aproveitado nenhum POP, utilizado pelas tropas do Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti. Já 80% desses participantes responderam que foram adotados alguns procedimentos, conforme o Quadro 22.

Nr ordem	Descrição do POP
3	Adequação dos meios da U em operações de GLO, com redução do efetivo de pessoal, permitindo o aumento da gama de missões, mantendo o mesmo efetivo dos Pel, bem como um melhor aproveitamento dos meios mecanizados, conforme o executado no Haiti.
4	Os ensinamentos foram empregados nas operações de GLO nível Bda e DE em que a U foi parte envolvida, principalmente, nos PBCVU.
5	Os procedimentos foram incorporados a diversas atividades do Esqd, especialmente à Instrução de GLO, sendo até mesmo alguns procedimentos relacionados ao serviço, como a realização de procedimentos de segurança com o armamento, com o cano do armamento apontado para dentro de uma caixa de areia, tanto da guarda do quartel quanto por ocasião da apanha e devolução do armamento na reserva.
6	Sensível incremento da instrução e desempenho durante as atividades de GLO.
7	Utilizados pelos militares nas operações Arcanjos 2 e 5, Jogos Mundiais Militares e no treinamento para a Copa das Confederações.
8	Procedimentos de segurança com o armamento.
9	No aprimoramento dos PBCE, Apronto Operacionais, Escolta de material e de comboio, além de patrulhas mecanizadas e Ações cívicas e sociais.
10	Introdução de mais detalhes nas instruções de combate a localidade, entrada tática, operações de busca e apreensão, desde o período básico. Utilização de Pel provisório de Fuz Mec para operações de GLO, com o mesmo efetivo e material empregado no Haiti, inclusive substituindo-se a Mtr.50 pela Mtr MAG. Procedimentos de segurança com o manejo do armamento em caixas com areia.

QUADRO 22 - Aplicabilidade dos POP do Esqd Fuz Mec F Paz nas U de Cavalaria

Fonte: O Autor

Destaca-se no Quadro 22, o POP utilizado relativo aos procedimentos de segurança com o armamento, citados pelos colaboradores Nr 5, 8 e 10. Quanto ao emprego de pelotões em operações de GLO, observou semelhanças entre o Pel Fuz Mec no Haiti e os meios e pessoal utilizados nas U de Cavalaria, conforme declarações dos colaboradores Nr 3, 4 e 10. Destaque ainda para o emprego real exposto pelo colaborador Nr 7.

De acordo com a Tabela 18, o valor obtido no teste Qui-quadrado em questão

foi de 0,1495, que confrontando com χ^2 crítico, para 2 g.l., é inferior a 5,991, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

Os dados apresentados demonstram que os POP utilizados pelo Esqd Fuz Mec F Paz podem ser ainda mais difundidos e adaptados para as necessidades da tropa mecanizada e blindada. A tabela 18 mostrou que a maioria dos entrevistados afirmou que a respectiva U aproveitou o conhecimento sobre os POP desenvolvidos pelas frações no Haiti, porém ao observar o quadro 22, percebem-se poucos exemplos desse aproveitamento. O que indica que os procedimentos desenvolvidos por meio da vivência diária do Esqd Fuz Mec F Paz é pouco difundido. Fato este, constatado pela pouca literatura disponível sobre o assunto.

A segunda questão, que atinge o indicador “instrução de técnicas de combate em área urbana”, questionou ao grupo B da amostra, se as experiências dos militares, que integraram a MINUSTAH, influenciaram positivamente quanto a esse indicador. Os resultados obtidos encontram-se na Tabela 19.

TABELA 19 - Enriquecimento das instruções de combate em área urbana

<i>Xi</i>	<i>fi</i>	<i>Fi</i>	<i>Fri</i>	<i>Fri</i>
Em parte	0	0	0.000	0.000
Não	3	3	0.300	0.300
Sim	7	10	0.700	1.000
$\sum fi =$	10		1	

Fonte: O Autor

Conforme exposto na Tabela 19, 30% dos integrantes do grupo B responderam que não houve contribuições para a instrução de combate em área urbana, sendo que os demais 70 % responderam positivamente, apresentando as contribuições pertinentes no Quadro 23.

O valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 0,3587, que confrontando com χ^2 crítico, para 2 g.l., é inferior a 5,991, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

Nr ordem	Ensinos colhidos para a instrução de combate em área urbana nas U de Cavalaria participantes do estudo.
1	Os ensinamentos aprendidos foram repassados na prática das instruções de GLO de forma a ampliar o conhecimento do efetivo profissional.
3	Particularmente na forma de emprego Fuz Bld, foram utilizada por ocasião dos deslocamentos, as VBTP mais próximas uma das outras, em situações que a F oponente

	não utiliza armamento anticarro, permitindo um melhor controle das frações, bem como a maior possibilidade de engajamento do elemento agressor. Desenvolvimento da mentalidade de praticar o tipo embarcado
6	A transmissão desse conhecimento foi realizada de maneira informal, através de conversas com militares experientes na MINUSTAH. Não chegou ao conhecimento da U qualquer nota de instrução sobre o assunto. A transmissão de algum conhecimento sobre o tema se deu pela iniciativa dos que participaram da missão, em compartilharem suas experiências com os demais colegas, por ocasião das instruções de quadros.
7	Aprimoramento das técnicas de progressão em áreas edificadas adaptadas aos exercícios de tiro diferentes dos existentes na IGTAEX (Instrução Geral de Tiro das Armas do Exército).
8	Enriquecimento das instruções de tiro, operações de busca e apreensão, técnicas de progressão entre outras.
9	Instruções como Tiro de Ação reflexa, Patrulhamento Mecanizado, Operações de Busca e Apreensão, PBCE, Ponto de Segurança Estático e Tiro em movimento tiveram um incremento qualitativo na U. A experiência em missão real proporcionou um ambiente operacional bastante favorável à motivação da tropa.
10	A existência de um número considerável de militares, principalmente Sgt, experientes com a missão do Haiti, permitiu uma melhora nas instruções vocacionadas para as operações de GLO. Havia propriedade de conhecimentos nas contribuições em instrução, particularmente quanto às técnicas de progressão em área de risco, e à segurança em todas as direções, com setores de tiros distribuídos entre os GC e as esquadras.

QUADRO 23 - Reflexos para instrução de combate em área urbana

Fonte: O Autor

De acordo com as ideias apresentadas no Quadro 23, percebe-se a influência dos conhecimentos transmitidos, mesmo que informalmente, contribuíram para enriquecer as instruções referentes às técnicas de combate em área urbana. Com destaque para o aperfeiçoamento em instruções de tiro, mencionado pelos colaboradores Nr 3, 7, 8 e 9. Enriquecimentos nas instruções de GLO, que também englobam as instruções de combate em área edificada, novamente são eleitas, de acordo com os colaboradores Nr 1, 8, 9 e 10.

A questão seguinte perguntou aos integrantes do grupo B, se a MINUSTAH trouxe ensinamentos para o emprego da tropa mecanizada, solicitando ainda que relacionassem os ensinamentos transmitidos nas U, quanto ao adestramento da fração mecanizada, fruto da experiência do Esqd Fuz Mec F Paz. Os resultados obtidos encontram-se na Tabela 20 e discriminados no Quadro 24.

TABELA 20 - Respostas do grupo B quanto as contribuições no adestramento da tropa mecanizado das U de Cavalaria

<i>Xi</i>	<i>Fi</i>	<i>Fi</i>	<i>Fri</i>	<i>Fri</i>
Sim	4	4	0.400	0.400
Em parte	2	6	0.200	0.600
Não	4	10	0.400	1.000

$\sum f_i =$

10

1

Fonte: O Autor

Nota-se que as respostas dessa parte da amostra, demonstraram conforme as respectivas *fri*, que 40% responderam que não perceberam qualquer tipo de contribuição dos ensinamentos do emprego do Esqd Fuz Mec F Paz para o adestramento da tropa mecanizada em suas U. Já 20% desses colaboradores apresentaram que essas contribuições foram parciais, visto que ocorreram de maneira informal, por transmissão de experiências pessoais daqueles que estiveram no Haiti. Os outros 40% restantes afirmaram que a atuação dos Esqd F Mec F Paz influenciaram na evolução do adestramento da tropa mecanizada, da U, sendo os aspectos mais relevantes, destacados no Quadro 24.

Nr ordem	Ensinamentos colhidos do Esqd Fuz Mec F Paz
3	O emprego do Pára-FAL viabilizou um melhor emprego do armamento nas Vtr Mec. Emprego de Bld em áreas edificadas, tendo o mesmo cuidado com os pontos elevados, da mesma maneira que é feito no Haiti, utilizando um soldado em cada escotilha.
7	Melhoria no planejamento dos exercícios, adotando-se situações semelhantes às ocorridas no Haiti, principalmente os incidentes ocorridos com as F Adv.
8	Foi verificada por ocasião das Operações de pacificação do Complexo do Alemão, a importância do correto uso do meio Bld, como plataforma de combate e fator dissuasório, potencializando as ações da tropa.
10	O simples fato da presença de militares experientes na missão de paz no Haiti contribuiu para o melhor uso das Vtr Bld, em exercícios no terreno, em que se praticasse o combate em localidade, ou mesmo em operações de GLO.

QUADRO 24 - Influência da missão no Haiti para o adestramento da Tropa Mec

Fonte: O Autor

De acordo com os dados da Tabela 20 o valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 0,2635, que confrontando com χ^2 crítico, para 2 g.l., é inferior a 5,991, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

As observações dos colaboradores presentes no Quadro 24 merecem destaque, principalmente o apresentado pelo colaborador Nr 3, ao mencionar o uso do armamento Pára-FAL como sendo mais adequado ao ambiente urbano e a utilização em VBTP, além do mesmo procedimento adotado pelas frações Mec do

Haiti utilizando-se um soldado em cada escotilha, dividindo os setores de tiro em todas as direções, inclusive nas posições mais elevadas. O colaborador Nr 8 apresentou uma aplicabilidade real em operações internas, durante a atuação do Exército nas operações Arcanjo, da F Pac, representando uma importante contribuição da experiência em solo haitiano, aplicado em operações de GLO, onde se fez o uso de meios Bld, de acordo com o exposto por Anjos (2011) no item 2.3.3.

A próxima pergunta a ser analisada, encerrando as observações pertinentes à dimensão doutrina de emprego de Bld em operações de paz, foi destinada aos colaboradores do grupo C, tendo por objetivo reunir os pontos de vista desse universo a respeito da possível contribuição do emprego dos meios blindados no Haiti para o aperfeiçoamento e o preparo da Força Terrestre em Operações de GLO. As observações desses colaboradores mais pertinentes encontram-se no Quadro 25.

Função do colaborador:	Considerações mais pertinentes de cada colaborador
Aux do G3	Sim, com certeza. Porém é importante salientar que em qualquer situação onde os meios das F Adv sejam capazes de realizar ações mais agressivas contra a tropa, como o uso de armas anticarro, capazes de neutralizar Bld, em cenários em que Vtr como a VBTP Urutu não se tornem eficazes, poder-se-á fazer o uso de Vtr sobre lagartas dotadas de canhões.
S Cmt Esqd	O emprego de Bld no Haiti é um excelente laboratório para a Força Terrestre.
Cmt Esqd	As semelhanças entre os dois tipos de missões, Haiti e GLO, tornam os ensinamentos colhidos em solo haitiano, muito relevantes para o correto uso desse meio, em operações internas.
G 3 do BRABAT	Não se visualiza o emprego de um Btl de F Paz em uma missão como a do Haiti sem a utilização dos meios Bld. O modo de emprego do Esqd Fuz Mec dentro do Btl se mostrou muito adequado ao longo de toda a missão. O que sugere também ser aplicado para as operações de GLO.
S Cmt BRABAT	Creio que sim. Porém todo o cuidado deve ser dado quanto ao uso proporcional da força, e atenção aos possíveis danos colaterais, levando-se em consideração que as operações de GLO requerem especial atenção, pois a tropa opera em meio à população brasileira.
Cmt Esqd	Acredito que sim, pois o emprego de tropa em área urbana com o viés humanitário de pacificação apresenta similaridades com o emprego em GLO. Como por exemplo, o patrulhamento embarcado ou desembarcado, de dia e à noite, em operações de vasculhamento em áreas urbanas e edificadas, que ocorrem também em operações de GLO.

Cmt Esqd	Sim, naturalmente os meios disponíveis e utilizados no Haiti, poderão também ser empregados em operações internas. As Forças Armadas passaram a ficar em evidência, após os bons resultados alcançados no Haiti. A opinião pública constantemente vem questionando o governo brasileiro por investir recursos em resolver problemas do Haiti que ocorrem exatamente da mesma forma no Brasil. Se os Urutus são empregados para prover a segurança no Haiti, naturalmente também serão utilizados em situações em que se fizer necessário ações repressivas, de caráter episódico, a exemplo da F Pac na cidade do Rio de Janeiro.
----------	---

QUADRO 25 - Respostas do grupo C para a influência do emprego dos meios Bld no Haiti e seus reflexos para as operações de GLO

Fonte: O Autor

As considerações elencadas no Quadro 25 são relevantes, com destaque para os aspectos relativos a semelhanças entre as missões de GLO no Brasil e do BRABAT no Haiti, com relação ao ambiente operacional urbano e a finalidade constitucional das Forças Armadas na garantia dos poderes constitucionais e da lei e da ordem.

Diante dos resultados apresentados, percebe-se que apenas uma pequena parte dos ensinamentos possivelmente produzidos pelo Esqd Fuz Mec F Paz, chegam ao conhecimento da tropa mecanizada, mesmo que de maneira informal. Talvez pela falta de hábito dos Cmt das pequenas frações em documentar as boas práticas, desenvolvidas no dia a dia das operações. Fato que poderia contribuir consideravelmente para a elaboração de um conjunto de dados que facilitariam a preparação dos futuros contingentes, contribuindo para a fundamentação de uma doutrina de emprego dos meios blindados.

O desenvolvimento de uma doutrina mais completa sobre o emprego dos meios blindados, em operações de paz, ainda é uma proposta a ser trabalhada. É fato que a missão de paz no Haiti foi e está sendo muito bem cumprida, porém verifica-se que os conhecimentos táticos permanecem mais nas lembranças dos militares que vivenciaram a missão no Haiti do que em notas de instrução e manuais, podendo cair no esquecimento, ou mesmo perdendo-se a oportunidade de discuti-las, testá-las e validá-las.

4.9 REFLEXOS NO APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL DOS ANTIGOS INTEGRANTES DO ESQD FUZ MEC F PAZ

Nesta sessão serão abordados os resultados obtidos com a revisão de literatura no que se refere à dimensão, “aperfeiçoamento profissional”, a qual apresenta como indicadores a “capacidade de liderança”, e o “conhecimento profissional”, bem como apresentar os resultados obtidos no presente estudo

4.9.1 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com a revisão de literatura sobre a dimensão aperfeiçoamento profissional

Segundo Peixoto (2009, p. 64) as características de atuação descentralizada das pequenas frações do Esqd Fuz Mec F Paz exigiram de seus Cmt, grande responsabilidade sobre seus subordinados, mantendo permanente atenção sobre os atos por estes praticados, clareza e firmeza na transmissão das ordens e preocupação com o bem estar e a integridade física de sua fração. Valores que devem ser trabalhados durante a preparação que antecede a missão, facilitando o processo de seleção do pessoal, para que os Cmt escolhidos sejam os mais capacitados.

Para Santos (2007, p. 58), a MINUSTAH se apresenta com uma oportunidade para o adestramento de nossas frações blindadas, servindo principalmente como uma escola de comando das pequenas frações, onde tenentes e sargentos podem exercitar a prática da liderança e do conhecimento sobre o emprego de sua fração, em consonância com os propósitos do BRABAT.

Quando se faz referência à liderança, no contexto da presente análise, busca-se identificar nos Cmt dos diversos níveis, a figura do líder, que representa o elemento do grupo que influencia o comportamento dos liderados, independente de suas vontades, porém compreendendo as necessidades, emoções e motivações desse grupo (BRASIL, 2001, p. 2-2). O que representa claramente a interação necessária entre os Cmt de fração e seus subordinados, para o bom desempenho das tropas do BRABAT no Haiti.

Segundo Peixoto (2009, p. 62) os Cmt em todos o níveis do Esqd Fuz Mec F Paz exerciam um importante papel na condução, no comando e no controle das respectivas frações, propiciando um quadro favorável à prática da liderança e ação de comando perante os respectivos subordinados.

Conforme Lessa (2007), a MINUSTAH vem proporcionando ao Exército Brasileiro uma oportunidade de projeção no cenário internacional, angariando o

respeito e o reconhecimento dos demais participantes da ONU, pela capacidade de conduzir operações de paz. De acordo com Lessa, tal destaque é consequência da competência dos militares, experientes pela troca de conhecimentos durante a rotina de operações com outros exércitos, o contínuo e crescente efetivo capacitado em operações de paz, em virtude dos rodízios semestrais de preparação e execução e substituição dos contingentes e os ganhos na qualificação profissional dos oficiais e sargentos que tem a oportunidade de exercitar a decisão, a ação de comando e a liderança na condução de seus subordinados nas diversas missões em solo haitiano. Constituindo-se assim, de um fator que tem influência direta na motivação profissional e na busca pelo autoaperfeiçoamento.

Além da projeção das Forças Armadas brasileiras no cenário internacional, merece destaque como benefícios da MINUSTAH, a experiência individual dos militares brasileiros em participar de uma missão desse porte (PEIXOTO, 2009, p. 64).

Nos mais diversos níveis, desde o político-estratégico até o tático, as lições têm sido valiosas. Os que têm a ventura de participar dessa escola de vida desenvolvem seu potencial de liderança e o conhecimento individual de seus limites, ficando em condições de usá-los em todas as situações futuras (PEREIRA, 2007).

Perante as assertivas apresentadas, percebe-se que os oficiais e sargentos que exerceram o comando de tropa, durante a experiência militar brasileira no Haiti foram contemplados com a oportunidade de exercitarem diariamente a liderança junto a seus subordinados e, ao mesmo tempo, trabalhar o autoaperfeiçoamento, fruto das experiências vivenciadas e dos conhecimentos adquiridos com o trabalho conjunto com militares de nações amigas.

4.9.2 Apresentação e discussão dos resultados obtidos com os questionários aplicados sobre a dimensão de aperfeiçoamento profissional

Através da aplicação de questionários, com relação aos itens relacionadas à dimensão “aperfeiçoamento profissional”, que se encontram elencadas no Quadro 5, do item 3.1, e descritos no apêndice B, contemplando os indicadores “capacidade de liderança e “conhecimento profissional”, estabeleceu-se as seguintes perguntas, que se fazem presentes nos apêndice B e C:

- a. Para o grupo B da amostra:

1) Os militares que participaram da missão de paz no Haiti, exercendo funções de comando, são positivamente diferenciados quanto exercício da liderança?

2) Os militares que participaram da missão de paz no Haiti, exercendo funções de comando, apresentam um conhecimento técnico profissional à cima da média?

b. Para o grupo C da amostra:

1) Do ponto de vista de um Comandante ou membro do Estado Maior do BRABAT com relação ao exercício da liderança por parte dos comandantes de frações no Haiti, é possível afirmar que as experiências vivenciadas por esses militares contribuíram para o engrandecimento profissional?

2) Com relação ao conhecimento tático dos Oficiais e Praças em funções de comando, pode se afirmar que a missão de paz no Haiti proporcionou uma oportunidade de aperfeiçoamento profissional?

Iniciando a análise da primeira questão, referente ao questionário aplicado aos S3 de U de Cavalaria, que tem por finalidade apreciar o possível destaque positivo com relação à liderança militar entre os militares que exerceram funções de comando, no Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti, foram encontrados os resultados apresentados na Tabela 21.

TABELA 21 - Apreciação do grupo B quanto ao destaque do exercício da liderança dos antigos Cmt de frações do Esqd Fuz Mec F Paz

<i>X_i</i>	<i>F_i</i>	<i>F_i</i>	<i>f_{ri}</i>	<i>F_{ri}</i>
Sim	9	9	0.900	0.900
Em parte	1	1	0.100	1.000
Não	0	10	0.000	1.000
$\sum f_i =$	10		1	

Fonte: O Autor

De acordo com a Tabela 21, percebe-se que na opinião de 90% dos participantes, os militares que exerceram o comando de tropa pelo Esqd Fuz Mec F Paz demonstraram uma capacidade de liderança diferenciada em relação aos pares, integrantes da U, demonstrando estar de acordo com as declarações de Pereira (2007) e Lessa (2007).

Para essa questão o valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 0,1353, que confrontando com χ^2 crítico, para 2 g.l., é inferior a 5,991, para $p \leq 0,05$,

revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

Passando para a segunda questão, para o grupo B, procurou-se, no referido item, levantar se as experiências dos antigos Cmt das frações do Esqd Fuz Mec F Paz os tornaram militares mais bem capacitados e possuidores de um destacado cabedal de conhecimento profissional. Observam-se os resultados na Tabela 22.

TABELA 22 - Apreciação do grupo B quanto ao destaque do conhecimento profissional dos antigos Cmt de frações do Esqd Fuz Mec F Paz

<i>X_i</i>	<i>F_i</i>	<i>F_i</i>	<i>f_{ri}</i>	<i>F_{ri}</i>
Sim	7	7	0.700	0.700
Em parte	2	9	0.200	0.900
Não	1	10	0.100	1.000
$\sum f_i =$	10		1	

Fonte: O Autor

Repare que 70% dos participantes afirmaram que os antigos Cmt de fração do Esqd Fuz Mec F Paz apresentaram um nível de conhecimento profissional diferenciado dos demais de seu universo, sendo que 20% declararam que essa diferença é parcial, e 10% afirmou que não há diferença entre o conhecimento profissional dos militares que estiveram no Haiti, para os demais integrantes da U.

Para os dados obtidos na Tabela 22, o valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 0,7165, que confrontando com χ^2 crítico, para 2 g.l., é inferior a 5,991, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

A próxima questão a ser analisada, foi direcionada ao grupo C, que procurou complementar o aspecto capacidade de liderança, questionou-se, a esses militares se o ambiente operacional do Haiti proporcionou condições propícias ao exercício da liderança. Os resultados obtidos encontram-se expostos na Tabela 23.

TABELA 23 - Ponto de vista do grupo C quanto a possibilidade do exercício da liderança pelos Cmt frações do BRABAT no Haiti

<i>X_i</i>	<i>F_i</i>	<i>F_i</i>	<i>F_{ri}</i>	<i>F_{ri}</i>
Sim com certeza	10	10	1.000	1.000
Em parte	0	10	0.000	1.000
Não se pode afirmar	0	10	0.000	1.000
$\sum f_i =$	10		1	

Fonte: O Autor

Observando os resultados expostos na Tabela 23, fica clara a unanimidade dos participantes em afirmar que, com relação ao exercício da liderança, por parte

dos Cmt de frações do BRABAT no Haiti, as experiências pessoais vivenciadas por esses militares, contribuíram para o respectivo engrandecimento profissional.

De acordo com os dados da Tabela 23, o valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 0,0356, que confrontando com χ^2 crítico, para 2 g.l., é inferior a 5,991, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

A próxima pergunta para o grupo C teve por finalidade observar o ponto de vista sobre as possibilidades de aperfeiçoamento profissional, quanto ao conhecimento tático do emprego das Frç. Os resultados encontram-se discriminados na Tabela 24.

TABELA 24 - Resposta do grupo C sobre a capacitação profissional dos Cmt das pequenas Frç no Haiti

<i>X_i</i>	<i>f_i</i>	<i>F_i</i>	<i>f_{ri}</i>	<i>F_{ri}</i>
Sim com certeza	10	10	1.000	1.000
Em parte	0	10	0.000	1.000
Não se pode afirmar	0	10	0.000	1.000
$\sum f_i =$	10		1	

Fonte: O Autor

Repare que novamente esta pergunta obteve unanimidade das respostas, onde os integrantes do grupo C, afirmaram com certeza que o conhecimento tático de emprego das frações, pode ser assimilado pelos Oficiais e Praças, que em funções de comando de tropa no Haiti, tiveram a oportunidade de aperfeiçoarem-se profissionalmente. Estando de acordo com o encontrado na literatura em Santos (2007), Pereira (2007) e Peixoto (2009)

Do exposto percebe-se que existem, do ponto de vista tanto do grupo B, como do grupo C, indícios de que realmente as experiências da missão de paz no Haiti, transformaram os Cmt de frações que lá estiveram em profissionais mais capacitados. Podendo aplicar e adaptar o conhecimento profissional, construído ao longo da preparação e atuação dos respectivos contingentes, por toda a carreira.

4.10 ANÁLISES DAS HIPÓTESES ELENCADAS

Após toda a análise concluída, foram apontados alguns ensinamentos ao

longo de todo o capítulo 4, referenciando o histórico da participação do Esqd Fuz Mec F Paz com os ensinamentos colhidos durante os 11 primeiros contingentes da missão de estabilização da paz no Haiti, realizada pela ONU e liderada pelo Brasil.

A análise estatística comparando todos os resultados obtidos, da mesma forma que foi feita com cada informação dos subitens já presentes nesta discussão, se torna importante para determinar se as hipóteses elencadas no subitem 1.3 se constituem como verdadeiras, permitindo a conclusão e o encerramento do presente trabalho.

Para permitir a análise estatística, considerando o caráter qualitativo da pesquisa, foram transformados os resultados obtidos e já apresentados em valores numéricos. Dessa forma, foi elaborada a Tabela 24, a qual apresenta para cada dimensão da variável independente, o emprego dos Esqd Fuz Mec F Paz, presentes no Quadro 4, comprovando-se trouxeram ou não, implicações para cada dimensão referente à variável dependente, contribuições para a tropa mecanizada.

TABELA 25 - Relação entre as dimensões da Variável Independente e consequências sobre a Variável Dependente

Dimensão da Variável independente	Trouxe mudança de forma qualitativa?		Para Dimensão da Variável dependente
	Sim	Não	
Patrulhas Mecanizadas	X		Adestramento em Op GLO
		X	Modernização das Vtr Bld
	X		Doutrina de emprego de Bld em Op Paz
	X		Aperfeiçoamento profissional
Emprego da Força	X		Adestramento em Op GLO
		X	Modernização das Vtr Bld
	X		Doutrina de emprego de Bld em Op Paz
	X		Aperfeiçoamento profissional
Adaptações da VBTP		X	Adestramento em Op GLO
		X	Modernização das Vtr Bld
	X		Doutrina de emprego de Bld em Op Paz
	X		Aperfeiçoamento profissional
Emprego em Operações	X		Adestramento em Op GLO
		X	Modernização das Vtr Bld
	X		Doutrina de emprego de Bld em Op Paz
	X		Aperfeiçoamento profissional
Procedimentos Operacional Padrão (POP)	X		Adestramento em Op GLO
		X	Modernização das Vtr Bld
	X		Doutrina de emprego de Bld em Op Paz
		X	Aperfeiçoamento profissional

Fonte : O Autor

A Tabela 25 consolida os resultados obtidos na presente discussão,

presentes em cada subitem do Capítulo 4. Da análise desses resultados, passou-se à tabulação da real implicação ou não de cada dimensão da variável independente sobre a variável dependente, formulando-se a Tabela 26.

TABELA 26 - Correlação entre as implicações das dimensões da Variável Independente sobre a Variável Dependente

Dimensão	Trouxe implicações?	
	Sim	Não
Patrulhas Mecanizadas	3	1
Emprego da Força	3	1
Adaptações da VBTP	2	2
Emprego em Operações	3	1
Procedimentos Operacional Padrão	3	1
Σ das frequências obtidas	14	6

Fonte: O Autor

De acordo com a definição das hipóteses elencadas no item 1.3, caso os resultados entre a frequência obtida e a frequência esperada sejam discrepantes, conforme o teste Qui-quadrado, seria confirmado que:

H_0 – A atuação do Esqd Fuz Mec F Paz, nos onze (11) primeiros contingentes no Haiti não trouxe resultados significativos para o aperfeiçoamento profissional de seus antigos integrantes, e tão pouco para a evolução do emprego da tropa mecanizada, particularmente em operações internas.

Caso os resultados entre a frequência obtida e a frequência esperada não sejam discrepantes, conforme o teste Qui-quadrado, fica confirmado que:

H_1 – A atuação do Esqd Fuz Mec F Paz, nos onze (11) primeiros contingentes no Haiti trouxe resultados significativos para o aperfeiçoamento profissional de seus antigos integrantes e para a evolução do emprego da tropa mecanizada, particularmente em operações internas.

Conforme os dados apresentados na Tabela 26, o valor obtido no teste Qui-quadrado em questão foi de 0,2635, que confrontando com χ^2 crítico, para 1 g.l., é inferior a 3,841, para $p \leq 0,05$, revelando que não houve diferença significativa entre os resultados esperados e obtidos.

Diante da presente análise, é possível afirmar que a participação do Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti, nos 11 primeiros contingentes do BRABAT, trouxeram implicações para o emprego, a instrução e o adestramentos da tropa mecanizada,

além de contribuir para a capacitação profissional dos militares que participaram da missão de paz no Haiti. Refletindo também no emprego dos meios mecanizados das Forças Armadas, em operações internas.

5. CONCLUSÃO

Para o desenvolvimento do presente estudo foi estabelecido um problema a ser solucionado, objetivos gerais, objetivos específicos e hipóteses, os quais direcionaram todo o processo de estudo realizado.

O problema, “Em que medida os ensinamentos colhidos pelos militares que estiveram em função de comando do Esqd Fuz Mec F Paz puderam contribuir para o aprimoramento do emprego dos meios mecanizados do Exército Brasileiro?” Que ao final do estudo, foi solucionado, permitindo apontar que tais implicações, as quais foram alcançadas em termos de conhecimento por meio da consolidação dos fatos, soluções, inovações e acontecimentos em que os Esqd Fuz Mec F Paz, dos 11 primeiros contingentes da missão de paz no Haiti, estiveram envolvidos, abordando os aspectos de emprego operacionais de suas frações, e a relação com os conhecimentos táticos produzidos e experiências que contribuíram para a evolução do Exército Brasileiro, quanto ao emprego dos meios blindados em operações de paz, operações de GLO e no aperfeiçoamento profissional dos militares que o integraram.

Os objetivos presentes no subitem 1.2, tanto o geral quanto os específicos, foram atingidos. Foi possível analisar os ensinamentos e experiências vivenciadas pelos militares que integram ou participaram das ações de emprego, até o 11º Contingente, que integraram os Esqd Fuz Mec F Paz, a fim de reunir o rol de ensinamentos colhidos, que contribuíram para a evolução do emprego da tropa mecanizada. Como consequência do registro das experiências dos militares que exerceram funções de comando das pequenas frações, do exame do perfil desses militares, de acordo com as apreciações de Oficiais de Operações (S3) das Unidades de Cavalaria do Exército Brasileiro, quanto às características desse universo e suas possíveis contribuições para da tropa mecanizada. Somado a demonstração das percepções quanto ao emprego do Esqd Fuz Mec F Paz por parte dos antigos Cmt do BRABAT, Oficiais de Operações e auxiliares (G3) do BRABAT e Cmt e S Cmt de Esqd. Ainda foi possível verificar que a atuação do Esqd Fuz Mec F Paz contribuiu para a recente utilização de meios mecanizados e blindados em Operações Internas, em conjunto com OSP, relacionando os possíveis procedimentos do emprego, que possam ser aproveitados em GLO, Combate Urbano e Operações de Paz. Por fim, pode-se propor um Caderno de Instrução

sobre o “Esqd Fuz Mec F Paz – SU Bld do Btl Inf F Paz”.

Com relação às hipóteses, pode ser visto no subitem 4.10, foram descartadas as hipóteses nulas, o que permitiu afirmar que, de fato, que atuação do Esqd Fuz Mec F Paz, nos onze (11) primeiros contingentes no Haiti trouxe implicações para o aperfeiçoamento profissional de seus antigos integrantes e para a evolução do emprego da tropa mecanizada, particularmente em operações internas.

Como pontos relevantes à linha de pesquisa adotada, constam as características dos patrulhamentos mecanizados realizados no Haiti, o tipo de “Força” empregada durante a missão, a aplicabilidade das adaptações feitas nas VBTP, as formas de emprego das frações e seus respectivos procedimentos operacionais, bem como os reflexos para o adestramento da tropa mecanizada e o aperfeiçoamento profissional de seus integrantes. Podendo servir de subsídio para os futuros contingentes brasileiros na MINUSTAH, futuras outras missões de paz, ou mesmo, sendo aproveitado para fundamentar o emprego dos meios mecanizados em operações internas, a exemplo das operações de GLO.

A metodologia de trabalho escolhida se mostrou suficiente para a consecução dos objetivos propostos, exigindo adequada complementação ao longo do processo de comparação da literatura com a discussão dos resultados, atendida por meio de entrevistas à profissionais especializados, que contribuíram para o enriquecimento do presente estudo. A execução de uma profunda revisão de literatura, focada em manuais de campanha que tratam sobre o tema, em artigos relevantes publicados por militares, brasileiros e estrangeiros, que desempenharam funções importantes ao longo da MINUSTAH, como antigos *Force Commander*, comandantes e oficiais de operações do BRABAT, e comandantes do Esqd Fuz Mec F Paz, bem como estudiosos renomados das relações internacionais, permitiu que se atingisse um bom nível de conteúdo, para que fossem estabelecidos os propósitos da presente pesquisa, fomentando a busca pelo conhecimento sobre o Esqd Fuz Mec F Paz. O único óbice vivenciado diz respeito a não participação de algumas organizações militares na resposta de questionário, cuja perda de prazo impossibilitou a possível consideração à pesquisa. Porém, tal óbice, não prejudicou o trabalho estatístico, pois o número de colaboradores do universo selecionado foi suficiente para a obtenção de dados fidedignos e confiáveis.

A bibliografia selecionada correspondeu às expectativas, servindo de estímulo para a busca das lacunas encontradas sobre o tema, que foram transformadas nos

objetivos específicos do presente estudo. Embora a bibliografia sobre a atuação brasileira no Haiti seja muito vasta, pouco se encontra sobre o emprego da tropa. Porém, as fontes que foram utilizadas, apresentaram excepcional nível de conteúdo, permitindo a fundamentação desta pesquisa.

Percebe-se nas observações encontradas, que a participação do Esqd Fuz Mec F Paz foi e continua sendo um excepcional laboratório para a arma de Cavalaria do Exército Brasileiro, permitindo a experimentação de formas de emprego de tropas, mecanizadas ou não, contribuindo para um crescente e contínuo processo de adestramento, onde semestralmente um efetivo considerável de militares é preparado, enquanto outro está em operações, e um terceiro já está desmobilizando, compartilhando o conhecimento, nas diversas organizações militares, permitindo que bons ensinamentos interfiram positivamente na evolução da tropa mecanizada, conforme será apresentado a seguir.

5.1 CARACTERÍSTICAS DO EMPREGO DO ESQD FUZ MEC F PAZ

Por ocasião do início da pesquisa, sentiu-se a necessidade de abordar as principais experiências dessa SU, ao longo dos 11 primeiros contingentes, com a finalidade de traçar uma evolução da tropa mecanizada em solo haitiano. Particularmente, no que se refere ao nível tático, buscando levantar como as pequenas frações, Pelotões e Grupos de Combate conduziram suas ações contribuindo para o sucesso do BRABAT na liderança da MINUSTAH, e na projeção do Brasil, como nação importante no cenário internacional, capaz de apresentar soluções efetivas em operações de paz.

O primeiro aspecto a ser apresentado, está relacionado ao patrulhamento mecanizado, missão mais executada pelas tropas mecanizadas no Haiti. De acordo com os dados obtidos, essa missão deve ser destinada para percorrer um determinado setor que permita a fração cumprir os objetivos desse patrulhamento em um período de aproximadamente 02 (duas) horas. Com relação às distâncias percorridas nesse tipo de missão, verificou-se que em alguns momentos, as VBTP podem ser exigidas a percorrer mais de 700 Km semanais. Levando-se em conta que normalmente essas mesmas Vtr em operação no Brasil, são esporadicamente utilizadas em exercícios de campanha e operações, as quais já exigem periódica

atenção em manutenção, fica clara a necessidade de proporcionar todo o suporte, em pessoal e material, para que se mantenha a disponibilidade operacional das VBTP, frente ao rigoroso esforço despendido em missões dessa natureza.

Com relação à quantidade de VBTP empregadas durante o patrulhamento mecanizado, os resultados obtidos mostraram que em situações de forte atuação das F Adv, sugere-se que sejam empregadas no mínimo duas (02) VBTP, em função da possibilidade de uma guarnição, de uma Vtr, prover a segurança da outra, permitindo o apoio mútuo entre as frações, perante qualquer ato hostil das F Adv, conforme ficou evidenciado por ocasião do emprego do BRABAT até o 7º contingente. Em situações de relativa estabilidade, onde as ações das F Adv sejam inexpressivas, sugere-se que seja utilizada uma (01) VBTP, para garantir a segurança alcançada e explorar a dissuasão do meio Bld. Com relação ao efetivo da tropa empregada em cada missão de patrulha, os resultados acompanham o exposto anteriormente, empregando-se o efetivo de um GC ou GO Mec por VBTP, composto pelo Cmt do GC, o atirador da Mtr, o motorista e mais 03 (três) fuzileiros. Em situações mais críticas, sugere-se o embarque de mais um militar, com a finalidade de substituir algum militar ferido, ou mesmo servir de elemento de combate a incêndio, diante a possibilidade do lançamento de coquetéis *molotov* sobre a fração.

Por ocasião da execução dessa missão é importante que as frações estejam preparadas para enfrentar as mais diversas situações, conforme as elencadas no apêndice E, tendo sempre o correto entendimento das regras de engajamento e dos objetivos a serem atingidos durante cada missão da patrulha.

A segunda característica a ser apresentada está relacionada ao uso da força, necessária para a atuação de qualquer tropa em operações e que exige um forte preparo do Cmt, em todos os níveis, para a correta aplicação da força, mantendo a proporcionalidade, para a solução de situações de crise.

Tendo em vista que toda força empregada por uma tropa em missão de paz é norteadada pela respectiva regra de engajamento, a qual orienta que esse emprego obedeça a uma escalada de força, coerente com cada situação, os resultados do presente estudo mostraram que quase a totalidade dos Cmt de frações, participantes da pesquisa fez o uso da dissuasão para soluções de crise, não havendo a necessidade de ser empregado nem mesmo a força não letal.

De acordo com os resultados obtidos, o uso da força não letal foi o mais

evidenciado, entre os participantes do presente estudo, durante a missão de paz no Haiti. Os militares devem dominar o uso do material não letal, para a aplicação ponderada, visando neutralizar a ameaça temporariamente, evitando-se um possível dano colateral.

Com relação ao uso da força letal, os resultados encontrados mostraram que a tropa do Esqd Fuz Mec F Paz empregou esse tipo de recurso, predominantemente, até o 6º contingente inclusive, coincidindo com o período de ações mais intensas e ousadas da F Adv, contra as tropas da ONU no Haiti. A força letal precisou ser empregada em diversas situações, que exigiram a defesa da vida dos próprios soldados brasileiros, ou mesmo, para proteção da população haitiana, empregada como resposta aos disparos de arma de fogo, realizados pelas F Adv. Ainda relativo ao emprego da força letal, ressalta-se o uso ponderado da Mtr MAG, que de acordo com os resultados obtidos, foi empregada até o 6º contingente, inclusive, ao encontro do já apresentado, porém em menos oportunidades, coerente com a letalidade desse tipo de armamento.

O terceiro aspecto a ser analisado na conclusão está relacionado às adaptações implementadas nas VBTP Urutu em operações no Haiti. Com relação à adaptação da lâmina limpa trilhos, ficou evidente que este recurso, instalado em duas VBTP durante o 4º contingente, permitiu uma maior mobilidade para as tropas do BRABAT, visto que era capaz de remover obstáculos como barricadas, feitas pelas F Adv com carcaças de veículos, blocos de concreto, pneus e demais materiais, por vezes em chamas, multiplicando a capacidade operacional do Esqd Fuz Mec F Paz.

Outra adaptação foi PBA, destinada a proteger o atirador da Mtr, fruto da demanda apresentada pelos militares do 2º contingente, e inicialmente desenvolvida pelos integrantes do 3º contingente, que em um primeiro momento constituiu-se de uma blindagem de proteção frontal, passando, a partir do 5º contingente, à instalação das atuais PBA, desenvolvidas por intervenção do COTER. Tal adaptação se mostrou de vital importância nos primeiros contingentes, e continua sendo útil, tendo em vista a inconstante situação de segurança no Haiti.

Com relação à PBM, percebeu-se que a primeira instalação desse acessório, destinado à proteção do motorista condutor da VBTP ambulância, que inicialmente tinha por finalidade manter a blindagem da Vtr com um sistema de ventilação adequado, permitiu verificar que a mesma melhoria poderia ser aplicada às demais

VBTP, pois proporcionava uma condução da Vtr mais segura em relação à escotilha original.

Quanto aos sacos de areia improvisados desde o primeiro contingente, ao redor das escotilhas das VBTP, percebeu-se que, de acordo com os resultados coletados, constituiu-se de uma solução que poupou muitas vidas de soldados brasileiros, contribuindo também para a redução da quantidade de feridos por estilhaços e disparos de arma de fogo. Porém causaram danos as Vtr, em função do permanente peso adicional e da abrasividade da areia sobre a VBTP. Como solução, foi desenvolvida a PBT, que pode substituir os sacos de areia sem causar os mesmos danos.

A quarta característica encontrada que merece destaque está relacionada ao emprego do Esqd Fuz Mec F Paz em operações complexas no Haiti, contemplando as operações de combate contra as F Adv, apoio às grandes ações da UNPOL, PNH, do governo haitiano e missões de maior porte do BRABAT. De acordo com os resultados obtidos, percebeu-se que o número médio de operações nível SU, correspondeu a uma média de duas a cada mês de missão. Para as missões nível U, a média mensal ficou em uma operação a cada mês.

As principais missões realizadas pelo Esqd Fuz Mec F Paz encontram-se relacionadas no Quadro 15 do subitem 4.4.2 e destacam o fato dessa SU ser predominantemente empregada como Reserva do BRABAT, com no mínimo um Pel, sendo que os demais, formavam forças tarefas com as Cia Inf, apoiando as ações dessa outras SU. Diariamente, as frações cumpriam os pacotes de instrução de acordo com o planejamento do Esqd e do Btl, cumprindo missões de patrulha, mecanizada e a pé, *check points*, ocupação de pontos fortes, e escoltas de autoridades e de comboios, conforme o Quadro 16, também do subitem 4.4.2. Ficou claro que as missões realizadas pelo Esqd Fuz Mec F Paz exigiam o emprego da dissuasão, inerente à tropa blindada.

O quinto aspecto encontrado está relacionado aos procedimentos operacionais padrão empregados pelos Esqd Fuz Mec F Paz. Dos resultados obtidos, de acordo com os depoimentos da amostra, pode se encontrar ensinamentos, alguns já presentes na literatura empregada neste estudo, e outros que foram elencados nos quadros 17 e 18, do subitem 4.5.2, que aborda procedimentos com segurança e utilização do armamento e postura da tropa de acordo com determinado comportamento da população; utilização de *chips* para

monitorar Vtr e Cmt de frações, durante as patrulhas, e procedimentos quanto ao uso de meios de força não letal.

Merecem destaque para as práticas realizadas ao longo da missão, aquelas que influenciaram em alguns conceitos que se tornaram consolidados. De acordo com os depoimentos dos colaboradores, durante o 1º e 2º contingentes, os Pel Fuz Mec operavam, inicialmente com todo o seu efetivo, utilizando um GC a 11 (onze) homens em cada VBTP. Com o crescente volume de missões, os integrantes do Esqd Fuz Mec F Paz perceberam que não havia tal necessidade. Não era possível, em função do equipamento individual, mais de uma militar ocupar uma mesma escotilha, sendo necessário um efetivo de 6 (seis) militares, para ocupar todas as posições na Vtr, visto que as tropas cumpriam suas missões expostos para fora das VBTP, até mesmo para permitir a visibilidade da tropa. Tal procedimento permitiu que com o mesmo efetivo, cada pelotão tivesse condições de formar outras guarnições, aumentando a sua capacidade operacional. Fruto disso, para cada GC empregado, somente uma esquadra, que corresponde a metade dessa fração, era suficiente para mobiliar um GC Mec, a comando de seu Cmt de GC, sendo que a outra esquadra poderia mobiliar a VBTP do Cmt de Pel ou do Adj de Pel, mantendo-se a integridade tática das frações.

Posteriormente, a partir do 9º contingente, batizou-se GC Mec de GO, conforme o apresentado por Peixoto (2009), com a diferença de que os GC Mec eram escalados para as missões, de acordo com o planejamento do Cmt Pel, e os GO já possuíam sua constituição definida desde a preparação. Como aspecto positivo do emprego do GO fica claro a permanente convivência da fração que permite uma forte interação entre o Cmt da fração e seus subordinados. Como aspecto negativo, este estudo percebe que os militares em função de Cmt de Pel e de Adj de Pel podem ter suas responsabilidades equiparadas às dos Sgt Cmt de GO, não permitindo a esses militares operarem com todos os seus soldados ao longo da missão, cerceando a prática da ação de comando e da liderança destes militares.

Ainda com relação à composição das frações, em função da quantidade de missões cumpridas no nível GC/GO, percebeu-se a necessidade da existência de militares com mais de uma qualificação, permitindo a multiplicação da capacidade operacional dos Pel Fuz Mec. Inferiu-se que dentro dos GC/GO torna-se interessante que alguns militares sejam também habilitados nas funções de

motorista de VBTP e atirador da MAG, além do já previstos para essas funções, permitindo que um GC, mobilie até duas VBTP em pessoal. Além de contribuir para o rodízio do pessoal empregado diariamente e suprir possíveis óbices em situações de dispensas e arejamentos.

5.2 CONTRIBUIÇÕES PARA A TROPA MECANIZADA

Com relação aos resultados obtidos do presente estudo, percebeu-se que boa parte do conhecimento encontrado, durante o processo de elaboração, se mostrou como aplicável à tropa mecanizada do Exército Brasileiro, podendo ser adaptado para o enriquecimento da qualificação e o adestramento da tropa, bem como sugerir o emprego dos meios blindados em operações internas, onde se inclui as operações de GLO.

O primeiro aspecto a ser analisado como contribuição advinda do emprego dos meios blindados, durante a MINUSTAH, está relacionado aos reflexos para as operações de GLO. De acordo com os participantes do estudo, representados pelo grupo B da amostra, formada por oficiais de operações de U da Cavalaria, pode-se afirmar que a experiência da tropa mecanizada no Haiti contribuiu para a melhoria na instrução militar para as operações de GLO. Os exemplos desse fato encontram-se nos quadros 19 e 20, do subitem 4.6.2, que destacam o melhor aproveitamento dissuasório das Vtr Bld, por ocasião do adestramento e emprego em GLO, apontando o aperfeiçoamento das instruções ministradas utilizando-se situações similares às ocorridas no Haiti e o enriquecimento das instruções de tiro.

A segunda constatação encontrada em relação às contribuições do Esqd Fuz Mec F Paz para a tropa mecanizada refere-se aos reflexos na modernização das Vtr Bld do Exército Brasileiro. Como já apresentado, as adaptações realizadas nas VBTP Urutu foram importantes para aumentar a capacidade operacional do BRABAT e contribuiu sobremaneira para a proteção e integridade física dos militares das frações mecanizadas.

Por ocasião do início do presente estudo, acreditava-se que essas mesmas adaptações poderiam ser colocadas em prática nas demais VBTP em operações do Exército Brasileiro, visto que a versão original da VBTP Urutu proporciona proteção blindada com todas as escotilhas fechadas, inclusive para o motorista, não

possuindo a proteção adicional para o atirador da Mtr. De acordo com os resultados encontrados, constatou-se que tais adaptações não necessitaram ser implementadas pelas U dotadas da VBTP Urutu.

Ao longo do processo de análise e discussão da presente pesquisa, pode-se concluir que a implementação das mesmas adaptações das Vtr do Esqd Fuz Mec F Paz nas demais VBTP disponíveis no Exército Brasileiro não é algo interessante. De acordo com o próprio significado da palavra “adaptação” que significa, entre outros conceitos, uma ação modificadora de acordo com fatores externos, percebe-se que tanto a PBA, a PBM, a PBT, a colocação dos sacos de areia em torno das escotilhas, e até mesmo a instalação da lâmina limpa trilhos removedora de obstáculos, foram modificações eficientes para o ambiente operacional do Haiti. O que não justifica o investimento de recursos nessas mesmas adaptações nas demais VBTP em operações no Brasil. Conforme os resultados obtidos, cada plataforma blindada deve receber os acessórios necessários para o cumprimento da missão específica em que será empregada.

As modificações executadas nas VBTP, no Haiti, foram soluções necessárias para enfrentar as ações das F Adv presentes, encontradas naquele país, as quais empregavam armamentos de leve calibre contra as tropas da ONU. Caso essa ameaça fosse maior, pelo emprego, por exemplo, de armamento anticarro, talvez fosse necessário o uso de meios Bld mais pesados, dotados de canhões, ou ainda a dotação nas VBTP de blindagens adicionais do tipo gaiola, capaz de proteger Vtr Bld mais leves contra ameaças anticarro. Os recursos destinados à recuperação da capacidade operacional dessas VBTP, se ainda for de interesse do Exército Brasileiro, sugere-se que devam ser direcionados para equipamentos empregados em qualquer tipo de missão.

O terceiro aspecto relevante é relacionado às contribuições para a doutrina de emprego de Bld em operações de GLO. De acordo com os resultados obtidos, pode-se afirmar que os procedimentos executados pelas frações mecanizadas no Haiti, contribuíram para o desenvolvimento do emprego dos meios Bld das U de Cavalaria em operações de GLO.

Conforme os depoimentos dos oficiais de operações participantes do estudo, presentes nos quadros 22, 23 e 24 do subitem 4.8.2, constatou-se aspectos relevantes, merecendo destaque o emprego da fração mecanizada aos mesmos moldes do GO utilizado pelo Esqd Fuz Mec F Paz. A existência de militares, oficiais

e sargentos, que participaram da missão de paz no Haiti, foram apontados como vetor de transmissão de experiências, aproveitando-se esses conhecimentos, para instruções específicas de combate em ambiente urbano e em operações de GLO.

O quarto e último destaque referente às contribuições do Esqd Fuz Mec F Paz faz referência ao aperfeiçoamento profissional e a capacidade de liderança dos militares que exerceram o comando de tropa no Haiti, como Cmt de Pel, Adj Pel e Cmt de GC/GO.

Com relação ao aperfeiçoamento profissional desses militares, os resultados apresentados pelos grupos B e C, demonstram que os militares que tem a oportunidade de integrar o Esqd Fuz Mec F Paz, desenvolvem um nível de conhecimento, ao longo da preparação e da execução da missão, que os torna positivamente diferenciados em relação a seus pares.

Quanto à capacidade de liderança de acordo com os resultados obtidos dos grupos B e C da amostra deste estudo, pode-se afirmar que os militares que tiveram a oportunidade de exercer o comando de tropa em solo haitiano, demonstram uma capacidade diferenciada de liderança, graças à peculiaridade da missão do Esqd Fuz Mec F Paz, onde as frações atuam, na maior parte das missões, descentralizadas, exigindo dos Cmt de fração a tomada de decisões em momentos críticos, necessitando interagir com os seus subordinados para que toda a fração cumpra cada missão, da melhor maneira possível, de acordo com as determinações do BRABAT.

Do exposto, fica claro que a participação do Esqd Fuz Mec F Paz confere atributos positivos aos militares que tem a oportunidade de comandar tropa em operações em missões de paz. A experiência internacional permite ao Cmt da pequena fração exercer a ação de comando de um grupo, por um período contínuo de um semestre, que já foi precedido de um tempo considerável de preparação, dispondo de todas as ferramentas e desafios, para o exercício da ação de comando e de liderança, tomando decisões importantes em momentos críticos e zelando pelo bem estar de seus subordinados. Além de ter a oportunidade de interagir com militares de nações amigas, trocando conhecimentos e experiências, enriquecendo o conhecimento profissional. Constituindo a experiência de uma missão de paz, em um fator motivador para a carreira do militar.

5.3 SÍNTESE DAS IMPLICAÇÕES LEVANTADAS, RECOMENDAÇÕES E SUGESTÕES

A ocorrência de implicações para a tropa mecanizada do Exército Brasileiro com relação às contribuições oriundas do emprego dos Esqd Fuz Mec F Paz no Haiti é um fato, conforme pode ser comprovado no subitem 4.10, com a rejeição das hipóteses nulas elencadas no item 1.3.

Sintetizando estas implicações levantadas foi possível elencar as seguintes necessidades:

a. Documentação das boas práticas realizadas pelos Esqd Fuz Mec F Paz que regressam da missão de paz no Haiti, e distribuição desses conhecimentos como notas de coordenação doutrinárias de operações de paz, para as Bda C Mec, Bda C Bld e Bda Inf Mec.

b. Elaboração de um caderno de instrução do Batalhão de Força de Paz, contendo o conhecimento que já foi testado e consolidado no Haiti, até o nível das pequenas frações, não perdendo a oportunidade em desenvolver uma doutrina de operações de paz, fundamentada na prática, conforme o apêndice “I”, o qual se propõe a ser útil.

Com relação aos objetivos específicos foi possível reunir informações publicadas com relação ao Esqd Fuz Mec F Paz e complementá-las com os dados obtidos com o presente estudo, percebendo as evoluções da MINUSTAH até 11º contingente brasileiro. Reuniram-se informações relevantes sobre as experiências dos militares integrantes do Esqd, e dos envolvidos com o planejamento e emprego dessa SU. Permitindo analisar como os conhecimentos desenvolvidos durante a MINUSTAH foram aplicados nos corpos de tropa.

Com a presente pesquisa científica, foi possível verificar que a temática das operações de paz, particularmente quanto ao emprego das pequenas frações é extremamente complexa, pois envolve interesses ligados à política de relações internacionais do BRASIL, o qual vem colhendo bons resultados, com a liderança militar da MINUSTAH, que diariamente é conduzida pelos soldados brasileiros nas ruas de Porto Príncipe, e deles dependem o sucesso diário do BRABAT, onde suas ações podem fortalecer ou enfraquecer a imagem brasileira no cenário internacional.

De acordo com a identificação de algumas lacunas no conhecimento, para as quais se sugere a execução de novos estudos específicos sobre:

- a. Comparação entre as características e formas de emprego das SU Bld dos Btl de paz com as de outros exércitos em operações no mundo;
- b. Estudos sobre características e formas de emprego dos meios blindados empregados por ocasião das F Pac na cidade do Rio de Janeiro, durante as operações Arcanjo;
- c. Aplicabilidade dos ensinamentos colhidos pelos Esqd Fuz Mec F Paz nas futuras Bda Inf Mec recém criadas no Exército Brasileiro;
- d. Aplicabilidade dos ensinamentos colhidos pelos Esqd Fuz Mec F Paz nas possíveis hipóteses de emprego de operações de paz;
- e. Estudos sobre o emprego do Esqd Fuz Mec F Paz após o terremoto de 12 de janeiro de 2010;
- f. Estudos sobre o mesmo assunto, porém relacionados a outros aspectos da participação do Esqd Fuz Mec F Paz;

Sugere-se ainda, a possibilidade de se realizar as seguintes recomendações:

- a. Estimulo aos Cmt de pequenas frações para exporem suas experiências por meio de artigos publicados no Centro de Doutrina do Exército;
- b. Que a constituição atual do GO permita ao Cmt Pel atuar com todas as frações de seu pelotão, permitindo o exercício da ação de comando plena de sua fração ao jovem oficial da arma de Cavalaria;
- c. Que os cabos e soldados selecionados para comporem os Pel Fuz Mec sejam possuidores de mais de uma qualificação, permitindo a flexibilidade das ações inerentes às características do Esqd Fuz Mec F Paz.

Por fim, espera-se que o presente estudo contribua como fonte de consulta, para a preparação e o emprego dos próximos contingentes das tropas mecanizadas, seja para a MINUSTAH ou para outras missões em que se fizer necessário o envio de tropas mecanizadas e blindadas. Estimulando aos Cmt, em todos os níveis, a compartilharem os conhecimentos apreendidos em operações de paz, que vem se mostrando como um excelente laboratório para motivar, adestrar e capacitar as tropas brasileiras, sem o mesmo ônus de uma conflito convencional.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Anselmo Rangel dos. **28 de novembro de 2010: O DIA “D” DAS OPERAÇÕES CONTRA O CRIME ORGANIZADO NO RIO DE JANEIRO.** Revista de assuntos Militares e estudo de problemas brasileiros – A Defesa Nacional. P. 64-79, Ano XCVI - Nº 818 – SET/OUT/NOV/DEZ de 2011

AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz e MORATORI, Mainá Domingues. **Algumas Considerações sobre o Envolvimento do Brasil no Processo de Paz do Haiti.** Congresso Internacional de História, 2011. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/18.pdf>>. Acesso em 20 de março de 2012.

BASTOS, Expedito Carlos Stephani. **Land Rover blindada no Haiti: Uma solução paliativa.** Universidade Federal de Juiz de Fora. 11 de Janeiro de 2007. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/LRBHSP.pdf>> Acessado em 10 de março de 2012.

_____. **Lições do Haiti empregadas nos EE-11 Urutu e Land Rover.** Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007 b. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/LHEE11LR.pdf>> Acessado em 13 de fevereiro de 2013.

BRAGA, Carlos Chagas Vianna. **Desafios Futuros para as Operações de Paz brasileiras.** Revista da Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, nº 15, 2010. Disponível em: <<https://www.egn.mar.mil.br/arquivos/revistaEgn/junho2010/Desafios%20Futuros%20para%20as%20Opera%C3%A7%C3%B5es%20de%20Paz%20Brasileiras%20-%20Carlos%20Chagas%20Vianna%20Braga.pdf>> Acesso em 19 de março de 2012.

BRASIL. Estado Maior de Defesa. Exército Brasileiro. Estado Maior do Exército. Manual de Campanha. **OPERAÇÕES DE GARANTIA DA LEI E DA ORDEM.** 2ª Edição: 2010.

_____. MD 35-G-01: **Glossário das Forças Armadas.** 4ª Ed. Brasília: 2007.

_____. MD 34-M-02: **Manual de Operações de Paz.** 2ª Ed. Brasília: 2007 b.

_____. Exército Brasileiro. Manual de Campanha. C 20-10: **Liderança Militar.** 2ª Ed. Brasília: 2011

CAVALCANTE, Fernando. **Revisitando o debate nacional: cinco anos da missão no Haiti**. Tese de Doutorado em Política Internacional e Resolução de Conflitos. Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mesthis/abed/anais/FernandoCavalcante_02.doc> Acesso em 21 de março de 2012.

CCOPAB – **Estágio Cmt SU/Pel sobre FT Mec aos integrantes de BRABAT 10/2**. Palestra ministrada pelo Cap Cav Rafael Barbosa Pereira, Rio de Janeiro 2010.

CIOPAZ. Estado Maior de Defesa. Exército Brasileiro. CML: **Manual de Preparo do 5º Contingente Brasileiro para a Missão de Paz no Haiti**. Rio de Janeiro: 2006.

_____. **Nota de Instrução para o Preparo do 6º Contingente Brasileiro para a Missão de Paz no Haiti**. Rio de Janeiro: 01 de Junho de 2006 b.

CORREA, Paulo Gustavo Pellegrino. **El Brasil en el liderazgo de la MINUSTAH: la creación de un nuevo paradigma en las operaciones de paz?** 2010, 21 f. “EL TEMA DEMOCRATICO COMO INSTRUMENTO DE LA POLÍTICA EXTERIOR. ¿QUIÉN CALIFICA A QUIEN?: ALGUNOS CASOS” – 2010 CONGRESS OF THE LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION – LASA, Toronto, Canada October 6-9, 2010.

COSTA, Rejane Pinto. **Avaliação das Percepções e Necessidades Multiculturais sentidas pelos Militares que participaram de Missões de Paz**. PADECEME Rio de Janeiro N° 18 2º quadrimestre 2008. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=padeceme%20rio%20de%20janeiro%20n%C2%B0%2018%202%C2%B0%20quadrimestre%202008&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CCEQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.eceme.ensino.eb.br%2Fmeiramattos%2Findex.php%2FRMM%2Farticle%2Fdownload%2F86%2F116&ei=t4qFUPG_FYno8QTep4HgBg&usg=AFQjCNHfXHHhw7U6IIHLHR1mJdZIOa_b6g> Acesso em 22 de Setembro de 2012.

COTER, Comando de Operações Terrestres, Diretriz de planejamento operacional militar. **Emprego do Exército em situação de normalidade institucional em âmbito interno**. Nr 04 de 21 de outubro de 2009

CUNHA, James Bolfoni. **A Experiência Operacional do 7º Contingente do Batalhão Brasileiro no Haiti: Mudança de Fase**. PADECEME Rio de Janeiro N° 19 3º quadrimestre 2008. Disponível em: <<http://www.eceme.ensino.eb.br/eceme/index.php/publicacoes/catview/77-publicacoes/93-colecao-meira-mattos/95-2008>> Acesso em 19 de março de 2012.

EXÉRCITO, Centro de Comunicação Social. **Participação do Arsenal de Guerra de São Paulo na MINUSTAH**. Noticiário do Exército. Ano LII Nº 10.535, 13 de dezembro de 2008.

FEDOZZI, Maria Cristina Goiana. **Operações de Paz**. Caderno de Estudos Estratégicos nº 04. Escola Superior de Guerra. Centro de Estudos Estratégicos. Rio de Janeiro, 2006.

FIGUEIREDO, Janaína. **Haiti: Brasil quer reduzir tropas em 15%**. Países da Unasul apóiam proposta, mas decisão depende de discussão na ONU. O GLOBO. Resenha do Ministério da defesa de 09 de setembro de 2011. Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/phocadownload/arquivos_resenha/2011-09-09/2.glo%20-%2009%20set%2011%20-%20completa.pdf> Acessado em 10 de março de 2013.

HERMAN, Eduardo Aldunate. **Operação de Paz no Haiti: assuntos pendentes**. Military Review. Novembro-Dezembro de 2011. Disponível em: <http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/repository/MilitaryReview_201112310001-MD_POR.xml> Acesso em 22 de setembro de 2012.

KAWAGUTI, Luis. **A República Negra**. História de um repórter sobre as tropas brasileiras no Haiti. São Paulo, Editora GLOBO S.A. 2006.

KEEN, General de Divisão do Exército dos EUA P. K. Ken, NETO, General de Brigada Floriano Peixoto Vieira, NOLAN, Charles W, KIMMERY, Jennifer L., ALTHOUSE, Joseph Althouse. **Os Relacionamentos São Importantes: Assistência Humanitária e Socorro em Desastre no Haiti**. Military Review. Julho-Agosto 2010. Disponível em: <http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/Archives/English/MilitaryReview_20100630_art004.pdf> Acesso em 20 de março de 2012.

KEEN, P.K. Ken, ELLEDGE, Matthew G., NOLAN, Charles W. e KIMMEY, Jennifer L. **Respostas a Desastres no Exterior: Observações da Força Tarefa Conjunta-Haiti**. Military Review. Março-Abril de 2011. Disponível em: <http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/Archives/Portuguese/MilitaryReview20110430_art012POR.pdf> Acesso em: 20 de setembro de 2012.

KERSUL, Celso. **Terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti – Lições aprendidas pelas Unidades**. Revista do Exército Brasileiro. ISSN 0101-7184. Vol 147, p. 62-71 – 2º Quadrimestre de 2011.

LESSA, Marco Aurélio Gaspar. **A participação dos contingentes do Exército Brasileiro na Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH)**. 2007, 115 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública)— Fundação

Getúlio Vagas, Escola Brasileira de Administração Pública, Rio de Janeiro 2007. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3453/ACF12A.pdf?sequence=1>> Acesso em 19 de março de 2012.

MARQUES, Anderson Ramos. **O Emprego da Companhia de Precursores Paraquedista nas Ações nos Complexos do Alemão e da Penha.** Military Review. Março-Abril 2012. Disponível em: <http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20120430_art010POR.pdf> Acesso em 22 de setembro de 2012.

MESQUITA, Alex Alexandre. **Blindados e a Doutrina Delta no combate Urbano. Uma combinação possível.** Revista Ação de Choque do Centro de Instrução de Blindados. Nº 008 p. 7-15, Santa Maria RS, 2009. Disponível em: <<http://www.cibld.ensino.eb.br/index.php/revistas/viewdownload/4-acao-de-choque/155-acao-de-choque>> Acesso em: 23 de setembro de 2012.

MIYAMOTO, Shiguenoli. **A política externa brasileira e as operações de paz.** Revista Brasileira de Estudos Políticos, da Universidade Federal de Minas Gerais, nº 98, julho/dezembro, 2008. Disponível em: <<http://www.pos.direito.ufmg.br/rbep/098361394.pdf>> Acesso em 21 de março de 2012.

NETO, Danilo Marcondes de Souza. **Operações de paz e cooperação regional: O Brasil e o Envolvimento Sul-americano na MINUSTAH.** Revista da Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, nº 15, 2010. Disponível em: <<https://www.egn.mar.mil.br/arquivos/revistaEgn/junho2010/Opera%C3%A7%C3%B5es%20de%20Paz%20e%20Coopera%C3%A7%C3%A3o%20Regional%20%20Danilo%20Marcondes%20de%20Souza%20Neto.pdf>> Acesso em 10 de março de 2013.

OLIVER, Irvin. Major do Exército dos EUA. **Forças Mecanizadas na Guerra Irregular.** Military Review. Edição em Português. Julho – Agosto de 2011.

ONU, United Nations. **Infantry Battalion Manual.** Vol I. Department of Peacekeeping Operations. Department of Field Support. August 2012

PACHECO, Fábio Cordeiro. **Blindagens de campanha e medidas de proteção: Experiência adquirida com a participação brasileira no Haiti.** Revista Ação de Choque do Centro de Instrução de Blindados. Nº 006, p 09-11 Santa Maria RS, 2007. Disponível em: <<http://www.cibld.ensino.eb.br/index.php/revistas/viewdownload/4-acao-de-choque/49-acao-de-choque>> Acesso em 22 de setembro de 2012.

PEACE OPERATIONS TRAINING INSTITUTE. United Nations Civil-Military

Coordination (UM-CIMIC). Cedrio de Coning, ACORD NUPI. Christopher Hotshek, Coronel (ret) US Army Civil Affairs, Williamsburg, USA 2012. Disponível em: <www.peaceopstraining.org> Acessado em 03 de março de 2013.

PEIXOTO, Ricardo Augusto do Amaral. **O emprego de tropa blindadas em Operações de Pacificação em Ambiente Urbano**: um novo enfoque tático para a doutrina da Garantia da Lei e da Ordem. Dissertação de Mestrado em Ciências Militares. Escola de Comando e Estado Maior. Rio de Janeiro, RJ, 2010.

_____. **Planejamento e Características do Emprego de Blindados na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah)**. Military Review. Julho-Agosto, 2009. Disponível em: <<http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/Archives/Portuguese/MilitaryReview20090831art009POR.pdf>> Acesso em 19 de março de 2012.

PEREIRA, Augusto Heleno Ribeiro. Gen Div Force Comander da MINUSTAH de 2004 a 2005. **Apreciações pessoais a respeito da MINUSTAH para o CIOPaz**. Encontradas nos arquivos do CCOPAB, 2005.

_____. O Componente Militar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti. **Revista Sangue Novo**. AMAN, Resende – RJ, 2007.

PINHEIRO, Ajax Porto. **A atuação do Batalhão Brasileiro após o Terremoto do Haiti**. Military Review. Janeiro-Fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://cgsc.contentdm.oclc.org/utills/getfile/collection/p124201coll1/id/1134/filename/1135.pdf>> Acesso em: 19 de Setembro de 2012.

RESENHA do Ministério da Defesa. O GLOBO. **Exército pode ficar 7 meses no Alemão, até a nova UPP**. Militares vão usar a experiência de Paz no Haiti para manter cerco e patrulhamento. De 30 de novembro de 2010. Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/phocadownload/arquivos_resenha/2010-11-30/1.%20glo%20-%2030%20nov%2010.pdf> Acessado em 10 de março de 2013.

SALES, Júlio Cesar de. **Depoimento sobre o Comando do BRABAT no 7º Contingente**. Rio de Janeiro, 12 de abril de 2013.

SANTOS, Carlos Alexandre Geovanini dos. **O Emprego do Esquadrão de Fuzileiros Mecanizado na Operação de Manutenção da Paz no Haiti**. Military Review. Março-Abril 2007. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/MRma07.pdf>> Acesso em 19 de março de 2012.

SANTOS, Alexandre Geovanini dos. **O emprego de blindados no Haiti “Operação**

Liberté". Revista ação de choque do Centro de Instrução de Blindados. Nº006 p 03-08, Santa Maria RS, ano 2007b. Disponível em: <<http://www.cibld.ensino.eb.br/index.php/revistas/viewdownload/4-acao-de-choque/49-acao-de-choque>> Acesso em 22 de setembro de 2012.

SEITENFUS, Ricardo. **De Suez ao Haiti: a participação brasileira nas Operações de Paz**. Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG/MRE), O Brasil e a ONU, Brasília, 2006, p. 39-58. Disponível em: <<http://www.seitenfus.com.br/>> Acesso em 20 de março de 2012.

TOMAS, Jerry R. e NELSON, Jacko K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3ª Edição, Porto Alegre. Editora ARIMED. 2002.

UNITED NATIONS, **Prepared for the Internet by the Information Technology Section/ Department of Public Information (DPI)**. Maintained by the Peace and Security Section of DPI in cooperation with the Department of Peacekeeping Operations © 2003. Disponível em: <<http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/past/unmih.htm>; <http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/past/unsmih.htm>; <http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/past/miponuh.htm>.> Acessado em 06 de abril de 2013.

VASCONCELOS, Fábio. **A tropa "gente boa" do Haiti**. Soldados levam para o alemão a experiência do país caribenho. Resenha do Ministério da Defesa. O GLOBO, do dia 30 de novembro de 2010. Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/phocadownload/arquivos_resenha/2010-11-30/1.%20glo%20-%2030%20nov%2010.pdf> Acessado em 10 de março de 2013.

VIANA, Suhayla Mohamed Khalil. **A MINUSTAH e a participação brasileira**. Revista Senso Comum, nº 1, Rio de Janeiro: 2009. Disponível em: <<http://radius.tachanka.org/sensocomum/index.php/revista/article/viewFile/6/4>> Acesso em 21 de março de 2012.

**APÊNDICE D – QUADRO RESUMO DO EMPREGO DE TROPAS MECANIZADAS
EM RECENTES OPERAÇÕES INTERNAS**

OPERAÇÃO	DATA	Tropa empregada	MISSÃO
Operação Volta Redonda	Nov de 1988	02 Pel C Mec do 1º Esqd C Mec (Valença – RJ)	Desocupação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) ocupada por trabalhadores em greve.
Operação Rio	1994	01 Esqd C Mec do 15º R C Mec (Rio de Janeiro – RJ)	Emprego das FA na segurança pública e combate ao crime organizado, visando a recuperação de armamento roubado da Guarnição do Campo de Instrução de Gericinó.
Operação Maceió	Jul de 1997	01 Esqd C Mec do 16º R C Mec (Bayeux – PB)	Greve dos Órgãos de Segurança Pública estaduais. A tropa Mec atuou como Reserva do Grupamento Tático FELIPE CAMARÃO (Tropas do CMNE), realizando patrulhamentos mecanizados e demonstrações de força.
Operação Tocantins	Maio de 2001	3º Esqd C Mec (Brasília – DF) a 03 Pel C Mec	Greve da Polícia Militar (PM). Coube ao à essa tropa Mec prover a segurança do aeroporto de Palmas. Reforçar com um Pel o 26º BIPqtd e o 42º BIMtz, formando Forças Tarefas (FT). Com o terceiro Pel, ocupou um posto de bloqueio para barrar uma possível ameaça de 600 grevistas. Apoiando as ações da 3ª Bda Inf Mtz. Por vezes constituiu Pel provisórios.
Operação Bahia	Jul de 2001	01 Esqd C Mec do 16º R C Mec (Bayeux – PB) a 02 Pel C Mec, reforçado com 01 Pel C Mec do 10º Esqd C Mec (Recife – PE)	Greve da PM e da Polícia Civil. A tropa Mec realizou patrulhamentos mecanizados, demonstrações de força e levantamento essenciais de inteligência. Reforçou, com 01 Pel C Mec o 26º B I Pqtd, formando FT.
Operação Fortaleza	Mar de 2002	01 Esqd C Mec do 16º R C Mec (Bayeux – PB) a 02 Pel C Mec	Segurança de grandes eventos. XLIII Reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento A tropa Mec permaneceu em Reserva, aquartelada por duas semanas e não foi empregada.
Operação Eleições - RJ	2002	01 Esqd C Mec do 15º R C Mec (Rio de Janeiro – RJ)	Apoio ao Tribunal Superior Eleitoral (STE) executando o apoio logístico e ações de GLO. A tropa Mec utilizou Pel adaptados, com 02 GC embarcado em Vtr ½ Ton, ao invés de um GC em VBTP, como de dotação.

Operação Guanabara	2003	15º R C Mec e o REsC (OM extinta, atual Regimento Andrade Neves Rio de Janeiro – RJ)	Apoio das FA no patrulhamento ostensivo na cidade do Rio de Janeiro. O 15º R C Mec empregado como um todo, empregou Pel Fuz (3GC) embarcados em caminhões e uma Vtr Blindada de Reconhecimento (VBR) para a dissuasão, enquanto o REsC atuou com 01 Esqd C Mec. A tropa Mec ocupou Pontos Fortes, realizou patrulhamentos e demonstrações de força. Evidenciou-se nessa ocasião problemas nas comunicações (falha dos rádios)
Operação ABAFA	Mar de 2006	15º R C Mec e o REsC (Rio de Janeiro – RJ)	Desaparecimento de 10 FAL (Fuzil automático leve 7,62 mm) do Estabelecimento de Transporte do Exército (ECT), que desencadeou o uso do Poder Judiciário Militar, cumprindo mandados de busca e apreensão. A tropa Mec, formada pelo 15º R C Mec e o REsC (empregando a 01 Esqd C Mec, 01 Esqd Fuz Bld e 01 Esqd Hipomóvel) utilizando os Pel descentralizados ocupando postos de bloqueio de estradas, formando FT com diversos Btl e mantendo um Pel como reserva da 9ª Bda Inf Mtz. Nessa ocasião evidenciou-se uma imagem negativa da tropa, causada por uma simples foto de um canhão de VBR apontado para uma comunidade.
Operação Guanabara II	Set a Out de 2006	01 Esqd C Mec do 15º R C Mec (Rio de Janeiro – RJ)	Apoio ao Tribunal Regional Eleitoral para assegurar o processo eleitoral no estado do Rio de Janeiro. A tropa Mec realizou patrulhamentos mecanizados, estabeleceu postos de bloqueio de vias urbanas e manteve 01 Pel C Mec como Reserva da 9ª Bda Inf Mtz

Fonte: Adaptado de PEIXOTO (2010, p. 168-187)

APÊNDICE E – PRINCIPAIS INCIDENTES OCORRIDOS DURANTE O PATRULHAMENTO MECANIZADO

Contingente	Principais incidentes ocorridos durante os patrulhamentos mecanizados
1º	<ul style="list-style-type: none"> - Combates de encontro; - Vias obstruídas por obstáculos; - Cadáveres encontrados durante o patrulhamento; - Seguranças de autoridades; - Acompanhamento e monitoramento de manifestações; - Manifestações de ex-militares;
3º	<ul style="list-style-type: none"> - Emboscadas contra a tropa; - Troca de tiros entre gangues rivais;
4º	<ul style="list-style-type: none"> - Troca de tiros entre PNH e gangues, eram abordados inicialmente com tiros de advertência; - Disparos contra a tropa em <i>Cite Soleil</i> e <i>Cite Militaire</i>; - Pedras arremessadas contra a tropa; - Pessoas pedindo comida; - Ameaças em geral que exigiam o desembarque da tropa em busca de esclarecer a situação; - Execução de PBCVU combinado com o patrulhamento;
5º	<ul style="list-style-type: none"> - Combates de encontro com elementos da F Adv, evitando o engajamento decisivo, buscando levantar o maior número de informação sobre as F Adv; - Indivíduos em fuga ao se depararem com o patrulhamento. A tropa, se possível perseguia, esclarecia a situação e informava ao escalão superior; - Ruas obstruídas por obstáculos diversos, blocos de concreto, carcaças de veículos (carros, caminhonetes e até ônibus), onde a tropa informava ao escalão superior, ao mesmo tempo em que tentava desbordar o obstáculo; - Arremesso de pedras contra a tropa, que respondiam com armamento não letal, caso identificado a ameaça; - Pneus furados por disparos de arma de fogo da F Adv; - Ruas obstruídas por fossos anticarro; - Insultos à tropa, exigindo por vezes o desembarque e o contato verbal com os populares, com a finalidade de transmitir seriedade à ação, mantendo a postura da tropa; - Intervenção de brigas entre populares, principalmente agressões de homens em mulheres, que eram rechaçados com o uso de armamento não letal, se fosse o caso; - Socorro à vítimas de diversas necessidades, as quais eram encaminhadas aos hospitais locais mais próximos; - Encontro com grandes manifestações, onde era realizado o monitoramento, tendo o devido cuidado para que nenhum indivíduo subisse na VBTP;
6º	<ul style="list-style-type: none"> - Disparos com arma de fogo contra a tropa (emboscadas), que respondia quando identificado a procedência da ameaça; - Capturas oportunas de bandidos procurados conforme o <i>carômetro</i> do BRABAT; - Obstrução de vias pela F Adv, o que exigia o estabelecimento da segurança em todas as direções, obrigando o desembarque e o posicionamento dos fuzileiros em posições com comandamento, a fim de prover a segurança para a desobstrução da via;
7º	<ul style="list-style-type: none"> - Revistas de veículos e pessoal; - Mulher grávida dando à luz, indo ao encontro da patrulha, era rapidamente evacuada até o hospital mais próximo; - Obstrução de ruas pela população, por meio de manifestações, o que forçava, por vezes, o desembarque da tropa para solicitar a passagem da patrulha; - Via obstruída com entulhos e demais materiais pesados, que era solucionado pelo uso do Urutu adaptado com a lâmina frontal, ou mesmo o apoio do Pel de Engenharia; - Acompanhamento e monitoramento de manifestações populares contra o governo haitiano, buscando a integridades dos prédios públicos;

8º	<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de realizar patrulhamento a pé onde a VBTP Urutu não conseguisse entrar, tendo o apoio do Atirador da MAG e mais um fuzileiro embarcado, cobrindo estes deslocamentos; - Brigas entre populares, onde a patrulha apartava a situação por meio da força adequada, fazendo uso inicialmente da presença, do diálogo e do armamento não letal se fosse o caso; - Haitiano ferido, exigindo da tropa a realização dos primeiros socorros, informando ao escalão superior, coletando os dados do indivíduos incluindo fotografia do ocorrido; - Manifestações populares pela tomada de prédios públicos, em especial o Palácio Nacional;
9º	<ul style="list-style-type: none"> - Corpos de pessoas mortas encontradas na rua. Diante desses fatos, informava ao Esqd Fuz Mec, que entrava em contato, via canal do BRABAT, com a PNH, que assumia as ações seguintes. Por vezes a PE assumia esse papel; - Turbas e manifestações populares. Grande uso da VBTP Urutu como dissuasão, associado ao forte uso da verbalização e munição não letal, quando necessário. - Arremesso de pedras contra a tropa, que respondia com armamento não letal, caso identificada a ameaça; - Reforço a frações de infantaria, que com suas Vtr leves ficavam expostas às turbas populares, fazendo uso da dissuasão e armamento não letal quando necessário; - Socorro a vítima de linchamento, salva graças ao uso da dissuasão, chegada rápida da VBTP com sirenes acionadas, onde a tropa rapidamente desembarcou, isolou a vítima, passando o caso em seguida para a PNH; - Acidentes diversos, como por exemplo, o desabamento de uma escola, onde a dificuldade de um GC em controlar os familiares, que desesperados, na tentativa de socorrer as vítimas, acabariam prejudicando o resgate. Tal fato exigiu por vezes o uso do armamento não letal para conter as pessoas, que causariam um novo desabamento;
10º	<ul style="list-style-type: none"> - Arremesso de pedras contra a tropa, que respondia com armamento não letal, caso identificado a ameaça;
11º	<ul style="list-style-type: none"> - Socorro a vítimas que necessitavam de atendimento de saúde, com destaque para as vítimas de agressão física, as quais eram encaminhadas para os hospitais e comissárias da PNH.

Fonte: O Autor